UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

CARLA VIVIANE PAULINO

O “Império do atraso”: Etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856)

São Paulo

2010

CARLA VIVIANE PAULINO

O “Império do atraso”: Etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856)

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História Social da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo

Orientadora:

Prof^a Dr^a Mary Anne Junqueira

São Paulo

2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

PAULINO. Carla Viviane. O “Império do atraso”: Etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856). Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em História Social.

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

**A meus filhos Laura, Leonardo e
Sophia, que tanto desejaram ver esse trabalho
terminado...**

AGRADECIMENTOS

Creio que esse seja o momento mais emocionante da escrita de uma pesquisa. É chegada a hora de tentar demonstrar toda a minha gratidão por tantas pessoas que foram fundamentais ao longo desses três anos de caminhada.

Começo, então, agradecendo aquela que foi meu “Norte” durante toda a pesquisa – Profa. Dra. Mary Anne Junqueira. A você que me ensinou a ser uma pesquisadora, que me mostrou os caminhos a serem trilhados, que me ouviu, compreendeu minhas angústias, e me apoiou com mãos firmes de orientadora. Suas leituras sempre atentas e impecáveis, suas observações sempre pertinentes, sua bondade em respeitar meus momentos difíceis, superaram infinitamente as expectativas dos meus tempos da graduação, quando lia seus textos e sonhava em um dia conseguir ser orientada por você. Até hoje custo a acreditar que o sonho tornou-se realidade. Nada que eu diga aqui será capaz de expressar o quanto sou grata. Quisera todos os alunos de pós-graduação tivessem uma ORIENTADORA de verdade, como você foi do início ao fim. Meu respeito, carinho e admiração são imensos. Vou continuar, incansavelmente dando o meu melhor, para um dia corresponder a tudo o que me ensinou. Nos encontramos no doutorado!

Outra pessoa maravilhosa, a quem também lia já nos tempos da graduação com grande admiração e que hoje, tenho a honra de ter em minha banca de mestrado – Profa. Dra. Maria Ligia Coelho Prado. A imponência de seu nome está de acordo com o tamanho de seu coração, de sua inteligência e generosidade. Se, antes de conhecê-la, nutria um respeito absoluto pela intelectual que é, após conhecê-la, rendi-me a seus encantos como pessoa, e compreendi os motivos pelos quais é o “Norte” de muitos, dentro e fora da Universidade de São Paulo. Quero agradecer a você Maria Lígia por ser quem és e por me motivar, a cada encontro, a ser uma pessoa melhor, em todos os aspectos. Não foram poucas vezes em que meus olhos se encheram de lágrimas, ao assistir as suas aulas e conferências. Sinto-me privilegiada em fazer parte de um grupo tão especial, com marcas tão claras da sua personalidade. Aqui, aproveito para agradecer aos colegas do Grupo Temático “Cultura e política nas Américas: circulação de ideias e configuração de identidades (séculos XIX e XX)”, pelos momentos de aprendizado, sempre tão apreciados por mim.

Agradeço também aos colegas do Diretório de Pesquisa “Trânsitos nas Américas: viagens e viajantes (séculos XIX e XX). Os encontros desse grupo não poderiam ter sido mais

produtivos e estimulantes. Em especial, agradeço a Profa Dra. Stella Maris Scatena Franco, pelas importantes contribuições, primeiro em minha qualificação, e depois em nossos encontros do diretório. Em breve, terei também a honra de tê-la em minha banca de defesa, e agradeço, antecipadamente, por aceitar participar. À profa. Dra. Iris Kantor, agradeço pelas valiosas contribuições na ocasião de minha qualificação.

À FAPESP, cuja bolsa concedida, foi fundamental para que esse trabalho fosse desenvolvido, meus mais sinceros agradecimentos.

Quero agradecer aqui a algumas pessoas especiais. Nesses anos de mestrado, consolidei amizades verdadeiras. A você, Tereza Spyer, cuja amizade começou dentro de um ônibus circular, a caminho de meu primeiro congresso da ANPHLAC, meu muito obrigada. Devo a você, que me acolheu durante todo aquele congresso e também depois dele. O sentimento de boas-vindas tão reconfortante, quando me sentia sozinha, mas decidida a, de algum modo, me aproximar desse grupo o qual sequer imaginava que você fazia parte, quando do nosso primeiro encontro. Você foi um verdadeiro anjo da guarda e hoje, transformou-se em grande amiga.

Ao Flávio Francisco, agradeço à amizade, as leituras atentas de meus capítulos, a sinceridade, aos momentos de boas risadas. Tenho muito orgulho de chamar de amigo uma pessoa de tamanha nobreza de espírito e capacidade intelectual.

Ao Gabriel Passetti, amigo de extrema confiança, agradeço pelos ótimos momentos de descontração, pelas incontáveis dicas e também pelas leituras que fez do meu trabalho. Desde o início, temos compartilhado bons e maus momentos, e a torcida mútua a cada novo desafio me dá a certeza de que essa é também uma amizade que irá perdurar.

A Romilda Mota, cuja identificação foi imediata, a começar pelos medos e inseguranças. Agradeço pela força, amizade e torcida durante o percurso. Descobri, através de você, que nossos medos eram infundados, afinal, sua dissertação ficou excelente e sua defesa foi uma das mais bonitas que participei. Nossas almas são parecidas, e nosso esforço e paixão pela educação serão recompensados.

Ao Felipe Loureiro, meu esclarecedor amigo da História Econômica, agradeço pela companhia, pelas conversas descontraídas e também pela leitura atenta de minha escrita. Sua amizade é valiosa. A querida Eline Cabarro, agradeço pelos momentos mais divertidos, e pela amizade sempre constante, ainda que “virtual”.

Agora, é chegado o momento de agradecer a família. Pensando em minha trajetória de vida penso que devo começar meus agradecimentos àquela que, desde minha infância, despertou minha curiosidade intelectual. Sua estante cheia de livros, seu amor e paciência para tentar explicar-me conceitos que ainda não conseguia compreender, a liberdade que sempre me deu para escolher, sejam livros, sejam ideais, fizeram com que traçasse o caminho que me levou até esse momento. A você, Martha Virgínia, minha segunda mãe, todo o meu amor, carinho e gratidão. Devo lembrar também de agradecer pelo apoio, em todos os sentidos, durante toda minha vida, e pela cuidadosa acolhida durante esses anos de mestrado, quando tinha de viajar para assistir as aulas.

A meus pais, não sei se terei palavras para agradecer o apoio constante e incondicional. Pai, não tenho como expressar minha gratidão por tudo que me fez. Me lembro de cada gesto seu, de seus cuidados e mimos, sempre a me esperar na Ponte do Piquerí, quando descia do ônibus, com um pãozinho com manteiga e um achocolatado, “para não ir pra aula com fome”. Mãe, sei que era você quem preparava o pão, assim como preparava o meu almoço e depois, junto a meu pai, ficava comigo na estrada, muitas vezes com o tempo muito ruim, esperando comigo a chegada de minha condução. Nesses últimos meses, agora morando próximos, o apoio de vocês foi fundamental. Não há como agradecer por tanto amor e carinho. Não poderia ter pais melhores e sou grata em ser filha de vocês. Os amo muito.

A meus irmãos, agradeço. Ao Márcio, pela amizade próxima, pelas gargalhadas que *limpam* a alma e pelo coração de ouro que você guarda no peito. Nunca conheci alguém como você. Sua bondade, bom humor e alegria são contagiantes. Nosso amor de irmão é uma das coisas mais valiosas que tenho. Ao Marcelo, “meu irmão mais velho”, quero dizer que nossa união é inquebrantável. Passamos juntos, há exatos dois meses, pelo momento mais triste de nossas vidas. Você e a Ariane perderam sua filhinha. Nesse momento de dor indescritível, estivemos juntos. Naqueles dias de angústia no hospital, onde esperávamos por um milagre, aprendi com você que é possível amar tanto, a ponto de deixar um filho ir embora com dignidade. Aprendi também a não chamar de “problemas” as pequenas coisas do dia a dia. E foi esse exemplo que me fez seguir adiante e terminar esse trabalho, apesar de toda tristeza. Incluo na sessão de “irmãos”, minha prima Claudia, cujas conversas pelo *msn* e encontros regados a gargalhadas, tornaram minha vida mais leve, desde a infância. Não imagino minha vida sem vocês.

Ao Edilson Silva e Leticia Cola, amigos de Curitiba, não tenho como agradecer à acolhida. A amizade de vocês nos tirou da solidão e tem feito toda a diferença nesse momento

de adaptação. Sei que essa é uma amizade pra vida toda. Ao Alessandro Nicolau e Julio, agradeço a amizade. Ao primeiro, devo agradecer também pelas cuidadosas revisões em minhas traduções do inglês. Sua amizade se confirma, a partir do momento em que, após 8 meses longe do Brasil, você e o Júlio reservam um final de semana para virem à Curitiba, o que me dá a certeza de que a distância não separa amigos. Para a vida toda também é a amizade de Silmara, Célia e Beto, Rodrigo e Cris, Ana e Sady, Renata e Matheus, Leonel e Fátima. Meu coração transborda de alegria ao lado de vocês!

Por último, mas nem de longe o menos importante, nessa enorme e emotiva sessão de agradecimentos, quero agradecer ao Léo, meu companheiro leal nos últimos dezenove anos, a quem amo profundamente. Nossa jornada juntos é longa, e, seu amor, seu bom senso e foco me serviram de exemplos e me tornaram uma pessoa melhor. Não sei quantas vezes ele me ouviu ler os capítulos e colaborou com a revisão da leitura e escrita em inglês, garantindo a certeza de um trabalho bem feito. Foi em seus braços que encontrei o refúgio necessário nos momentos de angústia e cansaço. Nada disso teria sido possível sem você. Muitas vezes, precisou ser pai e mãe, quando eu não podia parar de escrever. Nada que eu escreva aqui é capaz de expressar o quanto sou grata, e o tamanho do meu amor por você. Seu apoio, amor, respaldo financeiro e paciência, foram indispensáveis para que eu pudesse realizar esse grande sonho. Espero um dia retribuir da mesma forma e ajudá-lo a realizar os seus, pois você abriu mão de realizar alguns deles, para não deixar que nada nos faltasse. A meus filhos, agradeço pela paciência. Espero que um dia vocês possam compreender o significado desses anos em minha vida e a importância desse trabalho para mim e, espero, também para nosso futuro. Sei que em muitos momentos sentiram minha falta, assim como eu senti a de vocês, pois os amo mais que tudo nessa vida. E é por isso, que mais do que agradecer, quero também me desculpar. Ao Léo e meus filhos, peço desculpas pelas muitas histórias que deixamos de viver, para que essa história pudesse ser escrita.

Carla Viviane Paulino

05/12/2010

RESUMO

PAULINO, Carla Viviane. **O “Império do atraso”: Etnologia, política e religião nas impressões sobre o Brasil elaboradas pelo viajante norte-americano Thomas Ewbank (1846-1856)** Dissertação (mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

Essa dissertação analisa alguns aspectos da narrativa de viagem *Life in Brazil: or, a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*¹, escrita pelo inglês radicado nos Estados Unidos Thomas Ewbank (1792-1870), com base em sua viagem ao Rio de Janeiro em 1846. Impresso nos Estados Unidos e na Inglaterra, em 1856, e no Brasil, somente em 1973, o livro e os textos publicados em revistas importantes do período alcançaram um público amplo. O relato mostra-se impregnado das concepções de mundo relacionadas ao campo da Etnologia, no qual se discutia a “origem do homem” e o “lugar de determinadas raças em seus respectivos ambientes geográficos”. Nessa pesquisa, demonstro e discuto a influência dessas concepções na escrita do relato, implicando em construções de imagens e representações de um Brasil que estaria condenado a um desenvolvimento lento e sempre inferior em relação ao da Europa e dos Estados Unidos.

PALAVRAS-CHAVE: Estados Unidos, Relatos de Viagem, Etnologia, Brasil, Representações

¹ *Vida no Brasil ou um diário de visita à terra do cacau e da palmeira.*

ABSTRACT

This research examines some aspects of the travel narrative: *Life in Brazil: or, a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*, written by the Englishman settled in United States Thomas Ewbank (1792-1870), since a journey to Rio de Janeiro in 1846. Printed in the United States and England in 1856 and in Brazil only in 1973, the book and the texts published in leading magazines of the period, reached a wide audience. The report shows up steeped in the world concepts related to the field of Ethnology, which discussed the "Origin of Man" and "place of certain breeds in their respective geographic environments." In this research, demonstrate and discuss the influence of theses concepts in writing the report, resulting in construction of images and representations of a Brazil that would be condemned to a slow development and always lower compared to Europe and the United States.

KEYWORDS: United States, travel writing, Ethnology, Brazil, Representations.

SUMÁRIO

Introdução	14
Sobre Literatura de viagem.....	18
Literatura de viagem e crítica pós-colonial.....	19
 Capítulo 1 – Elementos da trajetória e vida de Thomas Ewbank	23
A fundação da <i>American Ethnological Society</i>	27
Cargo técnico ocupado por Ewbank no governo dos Estados Unidos	28
Participação de Ewbank em viagens e relatórios científicos do governo.....	31
Publicações de Thomas Ewbank	32
A viagem ao Brasil e os impressos sobre o tema	36
 Capítulo 2 – O papel da Etnologia norte-americana na construção de imagens e prognósticos sobre o Brasil e os brasileiros nos escritos de Thomas Ewbank.....	42
Os primórdios da Etnologia nos Estados Unidos.....	44
O papel das sociedades científicas na orientação de viagens e viajantes.....	48
Monogenia e poligenia: os debates sobre a origem do homem nos Estados Unidos.....	50
“Evolução humana” e determinismo geográfico em <i>Life in Brazil</i>	54
O índio sul-americano no relato de Ewbank.....	59
A opinião de Thomas Ewbank sobre o negro e a escravidão	61

Capítulo 3 – Monarquia e Igreja Católica nos trópicos	72
O ideal de República e virtude cívica nos Estados Unidos.....	72
As bases protestantes norte-americanas	76
Dos males da Monarquia.....	77
Dos males do Catolicismo	88
 Capítulo 4 – A técnica, a máquina e o progresso no “Império do atraso”	107
A técnica, a máquina e a indústria na primeira metade do século XIX	108
As impressões de Thomas Ewbank sobre a técnica no Brasil	116
O brasileiro e o trabalho.....	131
 Considerações finais.....	141
 Referências bibliográficas e Fontes	147

INTRODUÇÃO

O principal objetivo dessa dissertação consiste em analisar a construção das representações do homem e da cultura do Brasil oitocentista, veiculadas primeiramente nos Estados Unidos, e depois no Brasil, através da análise do discurso do relato de viagem elaborado por Thomas Ewbank, de título: *Life in Brazil or a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*.¹ O viajante esteve no Brasil entre fevereiro de 1846 e agosto do mesmo ano. A narrativa, escrita em forma de diário, foi publicada nos Estados Unidos e respectivamente na Inglaterra, em 1856. Embora a estada do viajante tenha se restringido ao Rio de Janeiro, as opiniões e julgamentos sobre o que viu não se circunscreveram à capital do país, mas ampliaram-se para o Brasil em geral.

Thomas Ewbank nasceu em Durham, Inglaterra, em 1792, mudou-se para os Estados Unidos, em 1819, e, como veremos, abraçou a cultura, a política e o modo de vida norte-americanos, como poucos. Cientista, inventor e ex-fabricante de canos de cobre e chumbo, em Nova York, e depois envolvido nos debates científicos que tomaram conta do país, Ewbank visitou às custas próprias o Rio de Janeiro, local em que residia seu irmão Joseph Ewbank, casado com uma brasileira, aos 54 anos de idade. Durante os meses em que esteve no Brasil, o autor quase diariamente saiu em incursões pela cidade a fim de descrevê-la em detalhes.

Bem relacionado, durante o período em que permaneceu na capital do Império, Ewbank visitou muitos pontos da cidade e encontrou-se com pessoas ilustres da sociedade do Rio de Janeiro. Mas seu interesse não se ateve apenas a esse público, pois seus escritos destacam-se pela primazia dos detalhes da vida cotidiana. Assim, escreveu sobre o modo de vida das pessoas comuns, dos negros escravos e forros, dos comerciantes e dos fazendeiros. Detalhou e interpretou com particular interesse o comportamento do clero e as festas religiosas. Indignou-se com a desvalorização que o brasileiro imputava ao trabalho e, com desprezo comentou as cerimônias monárquicas e o lugar de destaque que elas ocupavam no cotidiano da sociedade. Ele descreveu também os hábitos alimentares e os utensílios domésticos, as ruas e os meios de transporte, buscando compreender e ao mesmo tempo julgar alguns dos hábitos, valores, crenças e costumes locais.

¹ A partir de agora, esse relato será chamado apenas de *Life in Brazil*.

Veremos que Thomas Ewbank opinou, julgou e “condenou” a sociedade que viu no Brasil a partir de concepções e “idéias científicas” que eram discutidas nos Estados Unidos - e também na Europa - naquele momento. Assim, procurarei mostrar que muitas das conjecturas do viajante estiveram embasadas nas ideias da nascente Etnologia norte-americana, a qual discutia a “origem e evolução do homem” e a distribuição das raças pelo globo. Alguns homens da época se consideravam habilitados, a partir de questões postas por algumas “ciências”, a identificar determinados patamares de “evolução” nessa ou naquela sociedade. Thomas Ewbank assim o fez com o Brasil e, por contraste, com os Estados Unidos.

Esse estudo procurou manter um diálogo com pesquisas que procuraram compreender as imagens construídas nos Estados Unidos não só sobre o Brasil, mas sobre a América Latina em geral.² É certo que representações negativas e positivas sobre o Brasil já foram identificadas nesses trabalhos. No entanto, essa pesquisa procura contribuir, reforçando que as visões negativas relativas ao país remontam pelo menos a meados do século XIX. Por outro lado, convém ressaltar que o relato de Thomas Ewbank, embora tenha produzido uma visão de um “país atrasado” e com poucas possibilidades de desenvolvimento, procurou também destacar, mesmo que raramente, alguns aspectos que considerou positivos. Por exemplo: ele destacou a beleza e a riqueza natural do país,³ e alguns artefatos artesanais e mesmo instrumentais que considerou de grande utilidade.

Life in Brazil, como indicado, foi publicado somente em 1856, 10 anos após o retorno de Thomas Ewbank aos Estados Unidos. Entretanto, artigos de sua autoria sobre a viagem foram veiculados na *Harper's Magazine*, importante revista de Nova York. Um primeiro artigo foi veiculado em 1853 e outros dois, em 1855. Nos três, o autor destacou principalmente os temas do catolicismo e da escravidão no Brasil, ainda que, como já mencionamos, tenha conhecido apenas o Rio de Janeiro. Mencionar as

² Para um trabalho sobre a visão do Brasil nos Estados Unidos, no século XIX, consultar: MATHORNE, Katherine. “O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX”. In *Revista USP*: São Paulo: 1995. Para dois trabalhos que discutem visões negativas sobre a América Latina, em geral, no século XIX, consultar: JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000 e BAITZ, Rafael. *Imagens da América Latina na revista National Geographic Magazine, 1895-1914*. Tese de doutorado, Departamento de História - FFLCH-USP, 2004. Em sentido inverso, os latino-americanos também escreveram suas narrativas sobre países que visitaram. Ver: FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Tese de doutorado, Departamento de História – FFLCH-USP, 2005.

³ Sobre distintas visões da natureza nas Américas, ver PRADO, Maria Ligia. *Natureza e identidade nacional nas Américas*. In *América Latina no século XIX. Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 1999.

inserções na *Harper's* é importante porque seu alcance era amplo, atingindo um grande número de pessoas.⁴ Creio que tais artigos, somados ao livro posteriormente editado, ajudaram a difundir algumas imagens sobre o Brasil nos Estados Unidos que permaneceram, modificadas ou não, até os dias atuais no imaginário norte-americano.

Também foi possível notar a importância do relato de viagem de Ewbank como referência a outros viajantes do mesmo período, que elogiavam seu trabalho tanto por sua capacidade de observação quanto por sua “coragem” em escrever ousadas críticas dirigidas ao clero, à escravidão, à forma monárquica de governo e à aversão do brasileiro ao trabalho.⁵

A primeira tradução do relato de Ewbank, no Brasil, se deu apenas em 1973, 117 anos após a publicação nos Estados Unidos - pelas editoras Itatiaia/Edusp, seguido de uma segunda edição em 1976.⁶ Todavia, tal fato não impediu que exemplares em inglês circulassem pelo país, pois esta obra, como pode ser observada nos livros de Gilberto Freyre e de Sérgio Buarque de Holanda⁷, vem sendo utilizada como fonte e referência para pesquisa e estudo da História do Brasil oitocentista muito antes de sua edição em português.

Nos Estados Unidos, foi possível encontrar estudos de historiadores e antropólogos, que utilizam os relatos de Ewbank como fonte e, também, algumas Universidades norte-americanas que, na disciplina História do Brasil, utilizam o livro de Ewbank como parte da bibliografia indicada para o curso.⁸

⁴ Para maiores informações consulte: www.harpermagazine.com e, para acessar exemplares antigos: www.cornelluniversity.org/americastudies, acesso em 10/10/2007.

⁵ William Bate fornece alguns dados relevantes sobre a opinião de alguns viajantes norte-americanos sobre Thomas Ewbank. John Codman, por exemplo, escreveu *Ten Months in Brazil*, em 1867, elogia Ewbank, considerando-o um “especialista” em arqueologia e mitologia comparada. Considero especialmente interessante a seguinte passagem em que Kidder e Fletcher, dois missionários protestantes e viajantes norte-americanos, citam Ewbank, e recomendam a leitura de seu livro àqueles que desejam saber sobre o lado sombrio do país: “Those who want to know how deep human nature can sink in moral degradation, monarchical imbecility, nopeless superstition, general ignorance, and political demoralisation, read Ewbank’s book.”. Ver BATE, William Allen Jr, op.cit., p. 107-108.

⁶ EWANK, Thomas. *A vida no Brasil; ou, diário de uma visita à terra do cacauzeiro e das palmeiras*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1976.

⁷ Ver HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 26a edição, 1995, p.151; FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 8ª edição, 1954, p.614,712,763; FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª edição, 1962, 1º e 2º tomos, p. 35, 37, 527, 539, 696.

⁸ Alguns desses casos podem ser encontrados nos seguintes sites: <http://dl.lib.Brown.Edu/travelogues/patrico.html> “Thomas Ewbank’s depiction of cruelty to brazilian slaves”, by Ryan Patrico.; <http://retanet.unm.edu/article.pl> “Resources for teaching about Americas”.; <http://dl.lib.brown.edu/travelogues/lambe.html> “Modeling modern man: american self-fashioning in nineteenth-century travel literature”. Acesso em: 10/11/2007.

Nessa dissertação, como já indiquei, é objetivo central a análise minuciosa do discurso, das imagens e representações do Brasil, produzidas a partir da visita ao Rio de Janeiro, produzidas por Thomas Ewbank, em seu relato de viagem *Life in Brazil*. Nosso marco temporal, portanto, compreende o período entre 1846, quando aqui esteve, e 1856, ano em que publicou o relato de viagem. É neste período de dez anos que Ewbank foi “consolidando” a sua concepção sobre a questão da “distribuição das raças no globo”. É também o período em que ele publica outros textos, alguns já citados sobre o Brasil, os quais indicam o caminho que fez para chegar a determinada posição sobre alguns temas. Para tanto, buscamos primeiramente identificar quais ideias ou concepções de mundo estavam presentes no olhar deste viajante sobre o Brasil durante o Segundo Reinado, a partir de *Life in Brazil*, mas também de outros escritos do autor.

Em primeiro lugar, esse trabalho se justifica, uma vez que, no Brasil, a ênfase de interesse concentra-se nos viajantes europeus e são poucos os trabalhos que elegem viagens e viajantes norte-americanos vindos ao país; em segundo, em virtude da relevância de *Life in Brazil* na construção das representações sobre o Brasil imperial, nos Estados Unidos; em terceiro, em razão do relato ter sido utilizado desde o final do século XIX como fonte documental pelos historiadores. Buscamos, assim, compreender como e que tipo de imagens e representações sobre o Brasil foram gestadas neste texto, cuja veiculação pode ser analisada, como já dito, a partir da década de 1850, com artigos publicados em revistas e, posteriormente, com a edição do livro, no ano de 1856.⁹

Num período em que os relatos de viagem constituíam-se como importantes fontes de informação sobre povos distantes, acreditamos que a obra deste autor, bem como os artigos produzidos ajudaram a construir, difundir e a manter estereótipos sobre o Brasil que permanecem até os dias atuais, modificados ou não, no imaginário norte-americano.

⁹ Roger Chartier salienta a importância do papel das representações ao estudarmos as construções de imagens sobre o outro. Para este autor, não podemos perder de vista o fato de que as mesmas não são discursos neutros, já que são sempre determinadas pelo discurso dos grupos sociais que as forjam. Sobre este assunto ver CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertland, Brasil, 1990.

Sobre literatura de viagem

A decisão pela abertura dos portos brasileiros em 1808, segundo Karen Lisboa, tomada por D. João, trouxe a oportunidade de estrangeiros aqui aportarem e conhecerem o Brasil. Reiniciou-se então uma série de visitas ao país, que reabriu suas portas a homens vindos das mais diversas regiões do mundo e com os mais diversos interesses no país. Comerciantes, artistas, imigrantes, naturalistas, diplomatas, mercenários, educadores, marinheiros e missionários, muitos tornaram públicas as suas impressões sobre o Brasil, através da publicação de seus diários de viagem.

Como bem observa Tzvetan Todorov, muitos relatos de viagem foram escritos por representantes do colonialismo, desdobrando-se em três modalidades: militar, comercial e espiritual, ou ainda, tratando-se de “exploradores que se colocavam à serviço de uma ou de outra dessas categorias.”¹⁰ Os representantes de qualquer um desses segmentos, segundo este autor, apresentam uma postura comum: um olhar curioso e a segurança de saber-se superior em relação à cultura que observa. Para Todorov, esse sentimento de preeminência do europeu em relação às demais culturas permanece até os dias atuais. Atentos às formas de relações de poder, indicadas por Todorov, que se estabelecem no encontro entre duas culturas, acreditamos que Thomas Ewbank - em suas comparações, explícitas e implícitas, entre o Brasil e os Estados Unidos - buscou afirmar uma idéia de superioridade do país em que vivia em relação ao país que observou.

A denominação “relato de viagem” implica, em geral, em uma narrativa pessoal, que expressa impressões pessoais sobre a experiência da viagem. Todorov observa que, do ponto de vista dos leitores, o autor deste tipo de gênero literário deve narrar “a descoberta dos outros, selvagens de regiões longínquas ou representantes de civilizações não européias”.¹¹ Este autor exemplifica que, para o leitor europeu, uma viagem para um país como a França, não configura um relato de viagem, pois a França não apresenta um modo de vida tão diferente do encontrado na Itália, por exemplo. Ou seja, faltaria um elemento que é implícito nos relatos de viagem, qual seja, o “sentimento de alteridade em relação aos seres (e as terras) evocados.”¹²

¹⁰ TODOROV, Tzvetan. “A viagem e seu relato”, In *Revista de letras da UNESP*. São Paulo, vol. 46, n.1, 2006. p.10.

¹¹ Ibidem, p.9.

¹² Ibidem, p.9.

Jam Borm, em texto recente, procura compreender esse tipo de fonte e mostra que os relatos de viagem são um corpo documental muito diferenciado entre si, visto que basta alguém se deslocar e escrever um texto para que este seja considerado um relato de viagem. Desse modo, ele sublinha a heterogeneidade que caracteriza o documento, elaborado, em geral, a partir de formas narrativas distintas como o discurso científico, indicando elementos autobiográficos; podendo vir escrito na forma de cartas, de diário, entre outras. Ewbank, por sua vez, produziu o relato em forma de diário, relatando o que via no Rio de Janeiro cotidianamente.

Durante o século XIX, uma quantidade expressiva de livros de viagem foram escritos sobre o Brasil. Em um livro referência sobre este tema, Miriam M. Leite afirma que esse tipo de literatura aparece em diversas formas: livros compactos ou muito extensos, em forma de romances, para adultos e para crianças e até mesmo sob encomenda do governo brasileiro, com a finalidade de atrair imigrantes europeus.¹³ Nas últimas décadas, uma leva de pesquisadores interessada na literatura de viagem trouxe novas discussões sobre esse tipo de documento. De “fonte fidedigna”, o relato de viagem passou a ser visto como fonte privilegiada para análise das imagens e representações no campo da História.¹⁴ No entanto, os trabalhos que foram elaborados tendo em vista essas fontes voltaram-se principalmente para os relatos de viajantes europeus. Pouco se estudou sobre os relatos produzidos especificamente por viajantes norte-americanos e tampouco se buscou verificar a existência de certas especificidades em seus discursos.

Literatura de viagem e crítica pós-colonial

Para analisar o relato de Thomas Ewbank foram importantes as reflexões de alguns autores que trabalham dentro do campo conhecido como estudos pós-coloniais, uma vez que estes vêm contribuindo para um melhor entendimento do fenômeno do imperialismo, das relações e conflitos entre Norte e Sul e das implicações próprias da globalização. Uma das características que particularizam o trabalho de alguns desses

¹³ LEITE, Miriam Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p.11.

¹⁴Ver, por exemplo, a importante produção: VÁRIOS AUTORES. *Revista da USP* (Dossiê o Brasil dos Viajantes), São Paulo: n. 30, 1996. Trabalhos mais recentes podem ser vistos em VÁRIOS AUTORES. *Revista Brasileira de História*. (Dossiê Viagens e Viajantes) São Paulo: Anpuh/humanitas, vol.22, n.44, 2002.

intelectuais é pensar as relações desiguais de poder através do prisma da política e da cultura.¹⁵

Edward Said, amplamente reconhecido como um dos “fundadores do campo dos estudos pós-coloniais”, em seu livro *Cultura e Imperialismo*, afirma que “os escritores estão profundamente ligados à história de suas sociedades, moldando e moldados por essa história e suas experiências sociais em diferentes graus.”¹⁶ O autor nos mostra que as produções literárias não estão desconectadas do contexto cultural, econômico e político em que seus autores estão imersos. Sendo assim, produções como os romances e a literatura de viagens, reproduziram um determinado tipo de discurso que posicionou o homem europeu e também o norte-americano em determinadas situações, bem como o “seu mundo ocidental” e respectivos valores, como superiores em relação ao “resto” do mundo, delimitando assim o espaço doméstico e os outros lugares. Said demonstrou que a cultura não pode ser vista como algo separado da sociedade e da política.

Também ancorada em teorias formuladas no campo da crítica pós-colonial, em Mary Louise Pratt, vemos que, ao entrar em contato com *o outro*, o viajante, ao elaborar o seu discurso, apropria-se de aspectos da cultura que observa – a cultura, as falas, os costumes desse *outro*, constituem o seu texto. Sendo assim, o viajante não é um observador neutro.¹⁷ Assim, seu discurso não é só a repetição dos paradigmas científicos ou culturais europeus dos séculos XVIII e XIX, mas é também uma cunhagem, um encontro, um choque, e, portanto, a mutação desses paradigmas diante de um mundo, de um conjunto de dados que esses paradigmas não supunham. A autora trabalha com a idéia de *zona de contato*, lugar comum em que se dão os encontros entre os viajantes e os povos visitados, constituindo-se em “espaços sociais onde culturas dispares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, freqüentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação”.¹⁸

Sobre esse aspecto, veremos que a viagem realizada por Thomas Ewbank serviu mais para ele reforçar opiniões que já tinha sobre determinados aspectos, do que propriamente para construir uma imagem distinta sobre o Brasil. Se houve mudanças na maneira com que Ewbank refletiu sobre o mundo, foi no sentido dele “comprovar” o

¹⁵ Para uma introdução do campo da crítica pós-colonial, ver: WILLIAMS, Patrick e CHRISMAN, Laura, (org.). *Colonial discourse and post-colonial theory. A introduction*. In *Colonial discourse and post-colonial theory. A reader*. New York: Colúmbia University Press, 1994.

¹⁶ SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.23.

¹⁷ PRATT, Mary Louise. Introdução: crítica na zona de contato, In *Os olhos do império – relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999, passim.

¹⁸ Ibidem, p.27.

baixo crédito identificado ao Brasil e o lugar de destaque constituído pelos Estados Unidos.

Por fim, acreditamos que o relato de Thomas Ewbank está inserido naquilo que Ricardo Salvatore, em seu livro *Imágenes de um Império*, chama de *máquina representacional*. Segundo este autor, a teoria pós-colonial permitiu pensar a América do Sul em outra chave e perceber que a região foi alvo do olhar norte-americano desde a primeira metade do século XIX. Para Salvatore, os Estados Unidos pretendiam, desde os seus primórdios, o estabelecimento de uma espécie de império informal na América do Sul. Para tanto, possibilitaram a criação de um conjunto de representações sobre a região que incluía imagens divulgadas em feiras e exposições universais, notícias e reportagens em jornais e revistas, relatos de viagem, exposições realizadas em importantes museus dos Estados Unidos e trabalhos missionários. Ressalta-se neste empreendimento, o papel central da Academia norte-americana, que contribuiu significativamente nesse processo, endossando e divulgando imagens estereotipadas sobre a América do Sul.¹⁹

* * *

O capítulo 1 desse trabalho apresenta Thomas Ewbank ao leitor. As informações sobre a vida pessoal do autor são escassas e por essa razão, foi preciso buscar no interior de suas obras, em pesquisas em *sites* genealógicos, em contatos com algumas instituições dos Estados Unidos, e até mesmo com alguns de seus descendentes, para minimamente traçar a vida e obra do viajante. Ainda assim, muito nos escapou, e nos restou, com base no material pesquisado, inferir sobre determinados aspectos de sua vida. No entanto, acreditamos que o que encontramos foi suficiente para desvelar as crenças que embasam a escrita de *Life in Brazil*.

O capítulo 2 é decisivo na compreensão do relato, pois apresenta o percurso intelectual do autor, dentro de dois caminhos para a compreensão da sua visão: o papel da nascente Etnologia e os ideais de progresso e “evolução humana” a ela interligados. Veremos que as discussões que circulavam no período, dentro do campo de uma incipiente Etnologia, estão presentes no relato, determinando as escolhas do viajante por

¹⁹ SALVATORE, Ricardo D. “The enterprise of knowledge: representational machines of informal Empire” In LEGRAND, Catharine C.; SALVATORE, Ricardo D. (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of U.S. – Latin American Relations*. Durham: Duke University Press, 1998, p.81.

determinados aspectos da sociedade brasileira. A forma como construiu suas percepções sobre o Brasil mostrou, assim, os estreitos vínculos do autor com a *American Ethnological Society*, instituição da qual foi um dos fundadores, onde esteve atuante em momento de grande fervilhar de ideias sobre a questão da “distribuição das raças pelo globo”

No capítulo 3, destaco dois temas de grande interesse do viajante e sobre o qual dedicou muitas páginas do seu relato: a Monarquia e a Igreja Católica, ambos vistos como impeditivos para a “evolução da sociedade brasileira”; por contraste, o viajante avaliava o regime republicano e as igrejas de denominação protestante dos Estados Unidos, como indicativos da “evolução” daquela sociedade.

No capítulo 4, discuto dois aspectos brasileiros avaliados por Thomas Ewbank, considerados como indicadores da “evolução” das sociedades: o progresso e o incremento da técnica que na sua concepção eram indicativos do nível em que se encontrava o país visitado.

Dessa forma, pretendo mostrar ao leitor que *Life in Brazil* foi o produto de um homem que pensou o mundo sob o prisma da ciência e da técnica e que, como tal, parece ter vindo ao Brasil não para conhecer, e sim, reconhecer algumas teorias que se desenvolviam nos Estados Unidos.

CAPÍTULO 1 – ELEMENTOS DA TRAJETÓRIA E VIDA DE THOMAS EWBANK

Thos. Ewbank

Decem: 8. 1866

*Courtesy of the American History Division,
The New York Public Library,
Astor, Lenox and Tilden Foundations*

Thomas Ewbank. Photograph and signature which appeared as the frontispiece in *North American Rock-Writing, and Other Aboriginal Modes of Recording and Transmitting Thought* which was privately printed in Morrisania, New York, in 1866.

O primeiro aspecto a considerar sobre o trabalho de pesquisa que envolveu a recuperação da trajetória de Thomas Ewbank são as lacunas encontradas. Não foi fácil reconstituir a vida do homem que escreveu *Life in Brazil*. Inglês radicado nos Estados Unidos, ele ascendeu socialmente de aprendiz de manufaturas, no seu país de origem, ao cargo de Comissário de Patentes nos Estados Unidos, além de envolvido em outras tarefas oficiais do governo norte-americano. Talvez por isso, o viajante tratasse o país que o acolheu de forma tão entusiástica, defendendo desde o seu regime de governo até o modo de vida e o “espaço alcançado pelo homem comum” naquele país.

A reconstituição da vida de Ewbank foi feita através da comparação de verbetes encontrados aqui e ali, pequenas biografias etc; mas, principalmente, através de algumas considerações ou inferindo dados, fatos e informações esparsas a partir dos seus escritos. Mesmo o trabalho mais consistente encontrado sobre Ewbank, escrito pelo historiador norte-americano William Bate, na década de 1970, não traz muitas informações sobre a vida do viajante, uma vez que ele se preocupou em discutir o interesse do autor pelo mundo da técnica.¹ Como veremos ao longo desse trabalho, não se pode fazer afirmações com respeito a vários aspectos da vida de Ewbank, embora tenha feito aproximações e deduções a partir dos dados encontrados.

Thomas Ewbank nasceu em Durham, Inglaterra, em 1792, e morreu em Nova York, em 1870. O volume 23 da revista *Scientific American*, publicada em outubro de 1870, cerca de um mês após sua morte, parece ter sido a primeira a oferecer uma breve biografia do autor. Nela, destaca-se a imagem do letrado que ascendeu socialmente graças ao próprio esforço, “um estudante entusiasmado pelas ciências naturais e exatas, que alcançou distinção nesses assuntos”.²

Durante a pesquisa, como já mencionado, encontrei pequenos verbetes sobre Ewbank.³ Neles, encontra-se uma trajetória de vida semelhante à veiculada pela *Scientific American*. Em geral, esses excertos nos contam que, aos treze anos, Ewbank trabalhou como aprendiz em uma manufatura de cobre e estanho em sua cidade natal.

¹ BATE, William Allen Jr. The writings and public career of Thomas Ewbank, United States commissioner of patents, 1849-1852. Washington: George Washington University, PhD, 1979.

² Este volume encontra-se digitalizado e pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: http://www.ipmall.info/hosted_resources/PatentHistory/posa23n.htm Acesso em 12.06.2007.

³ Ver, por exemplo: DOBYNS, Kenneth W. *History of the United States Patent Office*. 1994, disponível em <http://www.myoutbox.net/popstart.htm>. Dobyns cita como fonte a *Scientific American*, e reproduz a mesma trajetória de vida de Ewbank. Outros pequenos verbetes sobre o autor podem ser encontrados nos seguintes endereços eletrônicos: <http://chestofbooks.com/reference/American-Cyclopaedia-V7/Thomas-Ewbank.html>; <http://www.oxforddnb.com/index/101009013>. Acesso em 02.02.2008.

Aos vinte anos foi para Londres e empregou-se em uma fábrica de latas de conserva para carne. Suas economias eram destinadas à compra de livros e suas horas livres dedicadas à leitura. Durante esse período, Ewbank teria realizado um curso científico completo em Londres⁴. Em 1819, aos 27 anos, já casado e com dois filhos, imigrou para os Estados Unidos, sozinho, e se estabeleceu como fabricante de canos de chumbo, estanho e cobre. Cerca de um ano depois, sua esposa e filhos aportaram em Nova York e ali a família fixou residência.

Note-se que Thomas Ewbank não foi o único membro daquela família a imigrar. Pude constatar que os seus irmãos do sexo masculino fizeram o mesmo. Dois deles vieram ao Brasil e aqui se estabeleceram: o primeiro como comerciante e o segundo como oficial da Marinha. Um terceiro imigrou para Gibraltar e tornou-se também comerciante. Há ainda um quarto irmão de Ewbank que era carpinteiro e inicialmente prestava serviços à nobreza inglesa, depois também se dirigiu para os Estados Unidos. Nota-se que, em geral, foram bem sucedidos e ocuparam posições de destaque nas sociedades que os acolheram.

William Bate, produziu um estudo metuculoso, mas pouco crítico, sobre a carreira e produção intelectual de Thomas Ewbank⁵. Segundo ele, os seus primeiros escritos, produzidos entre 1823 e 1832, período em que ainda se dedicava à manufatura, trataram basicamente sobre mecânica e hidráulica, rendendo algumas publicações em revistas científicas e periódicos da época, principalmente nos jornais do *Franklin Institute* - instituição fundada, em 1824, na Filadélfia, com o objetivo de promover as “artes mecânicas”⁶. Ainda nessa época, podemos destacar um relatório de sua autoria

⁴ Segundo Richard Olson, na primeira metade do século XIX, na Inglaterra, houve uma preocupação em difundir cursos científicos para um público mais amplo, incluindo a classe trabalhadora. Esses cursos procuravam oferecer conhecimentos mais aprofundados em Física, Química e principalmente Mecânica. Na década de 1820, foi criada a *Society for the diffusion of usefull knowledge*, que também publicava textos baratos sobre “conhecimentos úteis”. Embora não tenha encontrado comprovação de que Thomas Ewbank tenha realizado de fato alguma formação científica, creio que a amplitude de conhecimentos sobre o tema, apresentada pelo autor em seus escritos, pode indicar uma possível participação em cursos como estes. Ver: OLSON, Richard G. *Science and scientism in nineteenth century Europe*. University of Illinois Press, 2008. pp.170-175.

⁵BATE, William Allen Jr. op. cit.

⁶ No período que compreende a década de 1820 a 1830, Ewbank publicou os seguintes trabalhos: EW BANK, Thomas. “Tinning sheet lead”. *Washington Quarterly magazine*. Vol.1, jul,1823, pp.59-60

EW BANK, Thomas. “Explosion of steam boilers”. *Journal of the Franklin Institute*, 9 (june,1832), pp.362-369; 10 (july,1832), pp.2-9; 10(october,1832),pp.226-232.

EW BANK, Thomas. “Observations on the explosion of the boilers of the steam-boat New England”. *Journal of the Franklin Institute*, 13(may,1834),pp.289-294.

EW BANK, Thomas. “On the seams, or joints, of steam boilers”. *Journal of the Franklin Institute*, 13(june, 1834),pp.361-363.

EW BANK, Thomas. “Account of the explosion of the boiler of the steamboat Wm. Gibbons”. *Journal of the Franklin Institute*, 17(may,1836), pp.298-302.

bastante elogiado, a pedido *do Franklin Institute*, que solicitou sua ajuda para pensar mecanismos capazes de evitar as crescentes explosões em caldeiras a vapor. Segundo Bate, foram trabalhos como esses que o alçaram a outro patamar naquela sociedade e fizeram dele homem conhecido e respeitado no ambiente político e científico de sua época.⁷

Em 1836, Thomas Ewbank vendeu a sua pequena fábrica e, segundo consta, passou a dedicar-se ao estudo da Filosofia, da Etnologia, da Ciência e da história das invenções. Não temos notícias de como o viajante manteve a sua família após a venda do negócio. No entanto, ao que parece, o tempo dedicado aos estudos frutificou durante a década de 1840. Em 1846, viajou ao Brasil, registrando cada detalhe da viagem em um diário, o qual analiso demoradamente nessa pesquisa. Ele fez a viagem às próprias custas, pois vinha visitar um dos seus irmãos que morava no Rio de Janeiro.

Thomas Ewbank morreu em 1870, de complicações renais, na cidade de Nova York, aos 78 anos de idade.

A fundação da *American Ethnological Society*.

Ewbank se caracterizou por ser um letrado do seu tempo, circulando pelas rodas cultas dos Estados Unidos, debatendo os temas candentes do período no campo das ciências, que lhe forneciam os parâmetros para opinar enfaticamente sobre a sociedade que adotara – a norte-americana – e a que visitou, como o Brasil. Além da forte defesa que fazia do progresso das sociedades através do desenvolvimento das máquinas e do estímulo à indústria, o autor também buscou compreender as “habilidades inerentes a cada raça, que as habilitassem a progredir”. Foi dessa forma que ele entrou no debate sobre as questões raciais no país, a ponto de ser um dos fundadores da *American Ethnological Society*, a AES. De acordo com seu histórico, disponível no *site* da Sociedade⁸, essa instituição é a mais antiga organização de estudos antropológicos dos Estados Unidos. Fundada em Nova York, em 1842, tinha por objetivo a pesquisa no campo da Etnologia que começava a se desenvolver naquele período. Apesar de seu nome não ser citado no *site* oficial da Sociedade, Thomas Ewbank figura, de acordo

⁷ BATE, Willian, op.cit., p.15.

⁸ www.aes.org

com o documento de constituição da AES, como um de seus membros fundadores.⁹ Essa ausência no histórico disponível pelo *site* da instituição, demonstra o quanto esse autor foi esquecido, muito embora, no período em que viveu, fosse reconhecido por sua produção no incentivo da técnica nos Estados Unidos, tornando-se um defensor entusiasmado do tema, versando a respeito dele e de questões relacionadas à Etnologia durante toda sua vida.

Cargo Técnico ocupado por Ewbank no governo dos Estados Unidos.

Thomas Ewbank é sempre citado como homem que ascendeu pelo próprio esforço; todavia, os bons relacionamentos, certamente, permitiram ao viajante construir uma carreira bem sucedida nos Estados Unidos como fabricante, inventor e escritor. Tal inserção, acabou lhe rendendo uma recompensa oficial: em 1849, dois anos após voltar da viagem ao Brasil, Thomas Ewbank foi convidado pelo então presidente dos Estados Unidos, Zachary Thaylor (1849-1850), para assumir o cargo de Comissário de Patentes. Ewbank aceitou o convite e mudou-se de Nova York para a capital, Washington, e ali permaneceu por três anos encarregando-se da sua nova função. A nomeação para o cargo foi feita diretamente pelo então presidente. Ele escreveu ao Congresso dos Estados Unidos, em 11 de maio de 1850, comunicando a nomeação, feita por ele durante o recesso da instituição¹⁰. Tal fato já indicava que desde o início seu mandato seria polêmico, já que ninguém, exceto o presidente, havia participado dessa escolha e exatamente num momento em que o distanciamento entre norte e sul aprofundava.

Durante o período em que exerceu a função, Ewbank produziu tres relatórios anuais minuciosos sobre a agricultura e as invenções mecânicas do país, colocando-se claramente como um incentivador da educação e da técnica, inclusive nos campos agrícolas. Em seus relatórios, Ewbank criticou a condição existente das nações, cuja base econômica, era a agricultura. Para ele, o governo norte-americano deveria

⁹ Para maiores detalhes ver WILSON, James Grant. "Proceedings of the American Ethnological Society" WILSON, J. G. Proceedings of the American Ethnological Society. *American Anthropologist*, New Series, New York, v. 2, n. 4, Oct.- Dec. 1900, p. 785-796. In *American Anthropologist* – New Series. New York: Vol. 2, n. 4, Oct.- Dec. 1900, p. 785-796. Disponível em: www.jstor.org, acesso em: 11/09/2007.

¹⁰ Documentação disponível na biblioteca do Congresso dos Estados Unidos, consultar em <http://memory.loc.gov/cgi-bin/query>. Acesso em 11.09.2007.

possibilitar o desenvolvimento agrícola apenas para viabilizar o crescimento da indústria, colocando-a em um nível de desenvolvimento aceitável. A agricultura deveria estar a serviço da indústria e não o contrário. Tal perspectiva já indicava a sua posição nos debates entre Norte e Sul nos Estados Unidos, que culminaram na Guerra Civil (1861-1865).

O autor defendia que os agricultores fossem corretamente instruídos, sob a alegação de que cinco milhões de pessoas estavam destruindo a terra porque não possuíam a devida instrução para cultivá-la de forma correta. Também alertou sobre a importância da preservação e do cultivo responsável do solo, fazendo constar em seu relatório anual uma discussão sobre a sua preservação.

Apesar de colocar a indústria em primeiro lugar, Ewbank, provavelmente procurando evitar maiores conflitos, procurou cercar-se de especialistas no campo da agricultura. Sua escolha ao contratar o fazendeiro sulista, Daniel Lee, como assistente para elaboração dos relatórios agrícolas, deveu-se à crença de que esses deveriam ser elaborados por um perito no assunto.¹¹ Em um de seus relatórios, Ewbank enfatizou a importância da química para o desenvolvimento da agricultura:

...a serva de todas as ciências, em poucos anos contribuiu amplamente para o desenvolvimento de recursos para a agricultura, e na maioria das escolas agrícolas em que foi estabelecido um competente conhecimento desse assunto, se fez também a base da educação. Essa conjunção da Ciência com aquilo que supostamente requer pouco mais que o trabalho físico, envolve de forma eminente, a prosperidade atual e o futuro progresso das nações.¹²

Entusiasta da aplicação de insumos químicos na agricultura, os relatórios de Ewbank reiteravam sua constante preocupação em defender e demonstrar, na prática, a importância da Ciência e da técnica como caminho para o crescimento e desenvolvimento do país. Nesses relatórios anuais, ele buscava divulgar as “informações úteis” relacionadas a todos os aspectos da agricultura, para cada parte do país, de modo que a situação no interior dos Estados Unidos fosse melhorada a partir da técnica.

¹¹ DONNELLY, Jonh V. “Gênesis: The birth of the FDA in the Patent Office”. Disponível em : <http://leda.law.harvard.edu/leda/data/341/donnelly.pdf> Acesso em: 15.10.2007.

¹² EWBank, Thomas. *Report of the Commissioner of Patents for the year 1851*: Part II. Agriculture, H.R. Exec. Doc., No 102, 32d Congress, 1st Sess. 1 (1852) APUD. DONNELLY, op.cit., p.12.

No entanto, suas primeiras dificuldades surgiram já com o seu primeiro relatório anual, por causa das divisões entre Norte e Sul nos Estados Unidos. O texto gerou polêmicas, pois Horace Greeley, a pedido de Thomas Ewbank, realizou uma espécie de introdução ao relatório. Figura conhecida e polêmica, Greeley era editor-chefe do *New York Tribune*, entusiasta da conquista e povoamento do Oeste e, o que era mais “grave”, abolicionista afamado. Os sulistas entenderam a nova participação no relatório como um insulto.¹³

A atuação de Greeley, somada ao entusiasmo de Ewbank pelo avanço da técnica e da industrialização que crescia no Norte do país, bastou para ofender os políticos sulistas. O resultado foi uma série de críticas publicadas em jornais, cujo autor era o homem contratado pelo próprio Thomas Ewbank, Daniel Lee. Em defesa dos sulistas e obviamente em sua própria, esse último atacou Thomas Ewbank, afirmando que o seu primeiro relatório apresentava tendências ateísticas, e que o “inglês radical” não valorizava a agricultura e os estados sulistas. Foi além, e acusou Ewbank de usar dinheiro público para postar respostas de tais acusações em jornais. Lee também o chamou de “chefe tirano e cientista fajuto”. O jornal *The New York Times*, à época, manifestou-se em defesa de Ewbank, publicando um artigo que já havia saído no *New York Tribune*. Acusava Daniel Lee como responsável por difamar Ewbank através de “colunas mentirosas”, publicadas em jornais sulistas.¹⁴ Quando finalmente Ewbank foi demitido do cargo, no final de 1852, o *New York Times* afirmou que o fato ocorrera porque Ewbank recusou-se a esbanjar dinheiro público em benefício de um favorito do presidente - agora Millard Fillmore (1850-1853)¹⁵ - o conhecido Daniel Lee.¹⁶

¹³ POORE, Benjamin Perley. *Perley's Reminiscences of sixty years in the National Metropolis*. Philadelphia: Hubbard Brothers Publishers, 1886. Neste livro, o autor narra o fato como segue: “When Mr. Ewbank's report appeared the Southern Congressmen were (to quote the words used by Senator Jefferson Davis, in debate) amazed to find that it was preceded by what he termed ‘an introduction by Horace Greeley, a philosopher and philanthropist of the strong abolition type’. ‘The simple fact’, he continued, ‘that Mr. Greeley was employed to write the introduction is sufficient to damn the work with me, and render it worthless in my estimation.’ This view was held by many other Southerners.” p.378. Disponível em <http://www.archive.org/details/perleysreminiscv1poor>. Acesso em 8.5.2008

¹⁴ Ver: *The New York Times*. “Ewbank's assailants”, publicado em 13/12/1852, p.6. Disponível em: <http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E04E5D81231E13BBC4B52DFB4678389649FDE> Acesso em 13.03.2008.

¹⁵ Millard Fillmore era vice-presidente durante o mandato de Zachary Taylor. Ele assumiu após Taylor morrer em 1850. Fillmore apoiou a causa sulista ao indicar que não colocaria obstáculos para que os territórios anexados, ao fim da Guerra com o México, se tornassem estados escravocratas. Zachary Taylor, e Thomas Ewbank, manifestava posição contrária à de Fillmore.

¹⁶ Ver: *The New York Times*. “The removal of Mr. Ewbank”. publicado em 11/12/1852, p.2. Disponível em <http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9804E5DC1438E334BC4952DFB4678389649FDE> Acesso em 17.03.2008.

Creio que esta experiência conturbada na política o marcou de forma importante, pois seus escritos posteriores revelam uma preocupação em refutar o seu ateísmo e em tornar clara a sua crença em Deus, como se pode notar no excerto abaixo, retirado das primeiras linhas de seu livro *The World a Workshop*:

Não tenho conhecimento de um único sentimento nas páginas a seguir para o qual a maioria das mentes mais devotas possa excluir justamente, nem de um pensamento que não esteja em harmonia com o tom da mais profunda admiração pela obra de Deus, e com o mais puro sentimento de amor e reverência para com Ele; porém, ainda assim, assuntos da mesma natureza raramente são apresentados sem despertar a oposição de pessoas que imaginam a Arca da Verdade ameaçada pela enunciação de especulações e deduções na Ciência que não estão incluídos nos seus credos, e essas pessoas, em tais ocasiões, erguem suas mãos para defender isso [...]¹⁷

Participação de Ewbank em viagens e relatórios científicos do governo.

A inserção de Thomas Ewbank nos meios científicos dos Estados Unidos permitiu que fosse convidado a participar de uma viagem exploratória pelo interior dos Estados Unidos e a ajudar a compor relatos de viagem realizadas por outros. Nos três relatórios citados a seguir, o seu trabalho se circunscreveu a descrever e a analisar objetos indígenas, indicando a capacidade de determinado grupo de construir objetos.

O autor foi indicado para escrever um dos apêndices do relato de viagem, realizada entre 1849 e 1852, pelo astrônomo e oficial da U. S. Navy, James Melville Gillis, após a viagem que comandou à América do Sul (entre 1849-1852), mais precisamente ao Chile, com o objetivo de instalar ali um observatório astronômico. Os viajantes permaneceram na região por quatro anos visitando também Peru e Argentina. Ewbank foi encarregado de descrever e analisar objetos coletados pela expedição sobre os indígenas dos Andes, particularmente do período incaico.¹⁸ No caso de viagens

¹⁷ EWBank, Thomas. *The world a workshop: or, the physical relationship of man to the earth*. New York: Appleton & Company, 1855.p. v.

¹⁸ Ver EWBank, Thomas. Apêndice E - A description of indian antiquities brought from Chile and Peru, by the United States Naval Astronomical Expedition. In GILLIS, James Melville. *U. S. naval astronomical expedition to the southern hemisphere during years 1849, 50, 51, 52*. Vol. II, Washington: A.O.P. Nicholson Printer, 1855. pp. 111-150.

científicas, era comum que um cientista ou especialista em determinada área, analisasse o material coletado, sem conhecer o lugar visitado pelo viajante.

Em 1853, Ewbank fez parte da expedição exploratória comandada pelo *War Department* (Departamento de Guerra) - o Exército dos Estados Unidos - com o objetivo de mapear a região do Mississippi, a fim de encontrar rotas viáveis para a instalação de linhas férreas que alcançassem o Pacífico. Tal iniciativa visava integrar os territórios recém-anexados, após a anexação dos territórios ao fim da Guerra com o México. Além disso, como se pode notar no relatório de Ewbank, eles também descreveram e coletaram informações sobre a população nativa dos territórios anexados pelo país, o que permitiu elaborar estratégias e medidas a serem tomadas em relação a essas terras, bem como em relação aos povos que nelas habitavam.¹⁹

Em 1854, Ewbank foi um dos convidados a contribuir no livro do Bureau of Indian Affairs, elaborado por Henry Schoolcraft, importante membro da *American Ethnological Society* e também agente indígena de reputação, exatamente sobre objetos recolhidos de vários grupos indígenas no interior do país.²⁰

Publicações de Thomas Ewbank

Como vimos, até a década de 1850, os escritos de Ewbank trataram de temas relacionados à mecânica e à técnica²¹. Em 1842, o autor publicou o livro *A descriptive and historical account of hydraulic and other machines for raising water*, que desfrutou de relativo sucesso e deu a Ewbank reconhecimento científico dentro e fora dos Estados Unidos. Até 1876, dezesseis edições desse trabalho já haviam sido publicadas. O livro ofereceu detalhes sobre o desenvolvimento tecnológico de equipamentos mecânicos e hidráulicos, demonstrando sua evolução da Antiguidade até o momento em que o autor escreveu. O prefácio desse livro foi particularmente importante para essa pesquisa, pois

¹⁹ Ver WHIPPLE, W.; EW BANK, Thomas; TURNER, Wm. W. Ver Report upon the indian tribes. In Explorations and surveys for a railroad route from the Mississippi river to the Pacific Ocean. Washington, D.C.: War Department, 1855. pp. 43-53.

²⁰ Esse trabalho sobre os índios do interior era composto por 12 volumes, contendo as mais variadas informações sobre diferentes grupos indígenas. Thomas Ewbank contribuiu no quarto volume da coleção. Ver EW BANK, Thomas. State of indian art. In *Ethnological researches, respecting the red man of America*. Filadelfia: Lippincott, Grambo & Company, 1854, pp 438-458. Vol 4.

²¹ Entre os anos de 1840 e 1850, Ewbank publicou cerca de 8 artigos em jornais e revistas científicas, 1 livro, além de seu primeiro relatório como Comissário de Patentes.

indicou o lugar de destaque que atribuía à técnica no desenvolvimento da civilização, bem como a importância dada aos “mecânicos inventivos”, como se pode notar nos excertos abaixo:

As ciências e as artes estão renovando a constituição da sociedade. O destino das Nações não pode ir muito longe se abraçada por políticos jogadores, ricos ignorantes, nobres grosseiros e fantoches Reais; esses, já não sustentados por subsídios artificiais devem descer a seu próprio nível. Teorias governamentais não se oporão à natureza e serão jogadas fora na violação de suas leis; mas a ciência prática será o princípio regrador; e os filósofos práticos serão, como Deus designou que seriam, os espíritos mestres do mundo. ²²

Ou ainda:

Poucas classes têm uma carreira mais honrosa do que a dos mecânicos inteligentes. Certamente nenhuma tem melhores oportunidades de aproximar seus nomes com aqueles dos melhores de sua espécie. A Ciência e as artes abrem os caminhos para a verdadeira glória; e os maiores triunfos podem ser alcançados em ambas. O trabalho duro do homem ainda não foi dispensado, mas certamente será substituído, em grande medida, se não totalmente, por forças derivadas da natureza inanimada. [...] Nenhuma fama é mais certa, ou mais durável do que a que surge de invenções úteis. ²³

Ewbank era um entusiasta do progresso e enxergava na técnica e na capacidade inventiva dos homens, o caminho para o crescente “bem-estar da população”. Esse fascínio pelas “artes úteis”, termo muito utilizado por ele, o acompanhou por toda a vida e sustentou sua crença de que as máquinas representavam o caminho para a promoção de sociedades mais justas e civilizadas. Nesse livro, foi possível também notar um rancor para com os regimes monárquicos, bem como para com “políticos jogadores” ou “ricos ignorantes”, pois que todos esses, muitas vezes, se enriqueciam à custa de mecânicos inventivos. Ewbank defendia o “homem comum”, que trabalhava com as mãos e alcançava determinado lugar na sociedade, sempre se utilizando da técnica e da inventividade. O autor também sugeriu que a máquina agiria como instrumento de

²² EWBANK, Thomas. A descriptive and historical account of hydraulic and other machines for raising water, ancient and modern. New York; D. Appleton and Company, 1842. p.vi.

²³ Ibidem, p.vii.

reforma social, tema que seria amplamente desenvolvido por ele em produções posteriores.

Em 1844, Ewbank publicou *The Spoon*²⁴, no qual se evidenciou novamente a reverência do autor para com aqueles que se dedicaram às invenções ou às “artes úteis”. A partir da história da invenção da colher, tentou demonstrar como pequenas invenções, cujos autores eram homens comuns e modestos, foram capazes de modificar uma sociedade.²⁵

No final de década de 1840, Ewbank produziu dois artigos: *Artist of the ideal and the real; or, poets and inventors – revival of an old mode of carving*²⁶, tentativa de forjar uma nova definição de arte, elevando as “invenções úteis” à categoria “de arte real”, publicado pela revista *Scientific American*. O segundo artigo, *On the Paddles of Steamers*²⁷, publicado no jornal produzido pelo *Franklin Institute*, analisava as variadas formas de lâminas de hélice para barcos. Seus escritos indicam que, no período em que o autor esteve no Brasil, um dos fortes componentes de sua visão de mundo era justamente esse fascínio pela técnica como caminho para o progresso. Seu respeito pelos mecânicos, e a importância que atribuía ao trabalho, também se manifestam claramente em seu relato de viagem. Afora isto, nota-se uma postura voltada para investigação que, como veremos adiante, estava fortemente vinculada aos preceitos da AES.

Ao analisar os escritos de Thomas Ewbank, é possível notar que até a década de 1840, esses aproximam-se mais de temas relacionados à mecânica e à história das invenções. A partir de 1850, embora o autor continue a escrever sobre mecânica e temas afins, predominam os textos de cunho etnológico.²⁸ Após desligar-se do escritório de Patentes, Ewbank retomou alguns projetos relacionados à Etnologia. Em 1855, publicou o livro *The world a workshop: or, the physical relationship of man to the earth*, já citado. Bem aos moldes da sua época, o autor discutiu a relação do homem com seu ambiente e afirmou que tudo o que podia ser desenvolvido ou criado,

²⁴ Ewbank utilizou um pseudônimo na publicação deste trabalho: HABAKKUK O. Westman. *The Spoon, with upwards of one hundred illustrations, primitive, egyptian, roman, medieval, and modern*. New York: Harper and Brothers, 1844.

²⁵ BATE, op.cit. p.22.

²⁶ EWANK, Thomas. “Artists of the ideal and the real; or, poets and inventors – revival of an old mode of carving.” *Scientific American*, n.4, (dec,1848),p.107.

²⁷ Idem, “On the Paddles of steamers – their figure, dip, thickness, material, number & C.” *Journal of the Franklin Institute*, 3rd series, 27(january,1849),pp.42-50; 27(february, 1849),pp.107-114.

²⁸ A partir de 1850, até o final da década de 1860, Ewbank publicou cerca oito livros ou panfletos, dez artigos, dois relatórios anuais como Comissário de Patentes e contribuiu em quatro relatórios de Expedições científicas norte-americanas.

encontrava-se de forma primária na natureza. Exemplificando, Ewbank afirmava que há o trigo, mas que foi preciso manipular o grão e aprender a fazer o pão. Da mesma forma, encontramos na natureza os metais, que precisaram ser transformados pelas mãos humanas para atender às suas necessidades. Desse modo, o autor sustentava que tínhamos, como função primordial, o trabalho - a única forma de elevar o homem a um estado “civilizacional mais avançado”.

Em *The world a workshop*, também analisou a ideia de raça e o papel de cada uma delas no globo, relacionando-as ao ambiente em que viviam e ao seu grau de desenvolvimento. Seu posicionamento em relação ao negro se tornou bastante claro: o via como raça inferior. O convívio com o homem branco, atuando como seu subordinado (mas não necessariamente como escravo), poderia ajudá-lo a evoluir. O autor acreditava que Deus havia feito o homem desigual por uma razão: era necessária a diversidade e a gradação, resultando em diferentes níveis de intelectos, para que cada raça estivesse apta a um determinado tipo de trabalho.²⁹ *The world a workshop* foi publicado um ano antes de *Life in Brazil* e, certamente, a viagem ao país tropical, realizada em 1846, o ajudou a refletir sobre o tema da distribuição das raças sobre o globo. Assim, já aparece nesta primeira publicação, o desenvolvimento das ideias sobre raça e clima, que foram pontuadas em *Life in Brazil*, e que se mostraram determinantes no prognóstico que o autor fez sobre o país e seus habitantes.

Uma publicação da autoria de Ewbank, que causou grande repercussão na década de 1860, foi o panfleto *Inorganic forces ordained to supersede human slavery*³⁰. Escrito no início da Guerra de Secessão, discutiu o tema da escravidão e propôs caminhos para amenizar ou mesmo pôr fim ao trabalho escravo. De forma mais enfática que no livro *The world a workshop*, o autor discutiu e argumentou sobre a questão do trabalho escravo, desenvolvendo a sua opinião sobre o negro e seu lugar no mundo. Em *Life in Brazil*, veremos que o negro foi amplamente observado pelo autor, e a forma como era tratado por seus senhores e pela sociedade carioca, também foi minuciosamente descrita. Por essa razão, a descoberta desse panfleto e sua análise, foram de grande importância para compreender a visão do viajante sobre o tema, merecendo, portanto, comentários mais demorados adiante.

²⁹ EWBANK, Thomas. *The world as workshop*, op. cit. p.128.

³⁰ Idem, *Inorganic forces ordaines to supersede human slavery*. New York: William Everdell & Sons, 1860.

Foi esse homem, atuante no campo da Etnologia, mas também voltado para a importância da técnica e para a prática, que escreveu um dos mais conhecidos relatos de viagem sobre o Brasil, muito utilizado inclusive pelos historiadores que se valeram, e se valem das suas referências, dados e descrições sobre o país para recuperar a sociedade local na primeira metade do século XIX.

A viagem ao Brasil e os impressos sobre o tema

Embora a viagem ao Brasil tenha sido realizada em 1846, foi somente na década de 1850 que as primeiras publicações de Thomas Ewbank sobre o tema começaram a surgir. Três anos antes da publicação de *Life in Brazil*, apareceram os primeiros textos do autor sobre o país, no formato de artigos, e publicados na conhecida revista *Harper's Magazine*. Lançada em 1850, em Nova York, a revista vendeu rapidamente, em sua primeira edição, cerca de 7.500 exemplares. Seis meses depois, já estava consolidada no mercado, e alcançava o número de 50 mil exemplares vendidos. Publicada até os dias atuais, trata-se da segunda mais antiga revista mensal norte-americana ainda em circulação.³¹ *Life in Brazil*, como a *Harper's Magazine*, foi publicado pela editora da revista, a *Harper's & Brothers*. Infelizmente, no correr da pesquisa, não foi possível encontrar o número de exemplares editados de *Life in Brazil*.³² Além dos artigos aqui analisados, outras revistas do período publicaram sobre a viagem de Ewbank.³³

Procurei comparar os artigos veiculados na *Harper's* com o livro *Life in Brazil*. Busquei identificar os temas eleitos pelo autor para a produção do material impresso na revista, bem como a forma com que escolheu representar o país, já que a revista, por seu número expressivo de tiragem, deve ter ajudado a difundir determinadas imagens do Brasil nos Estados Unidos.

³¹ Para maiores informações consulte: www.harpermagazine.com e, para acessar exemplares antigos: www.cornelluniversity.org/americanstudies, acesso em 10/10/2007.

³² A *Harper's & Brothers* existe também ainda hoje. Entrei em contato com a editora, solicitando tais informações e me foi respondido que eles não tinham mais os dados do livro, porque haviam perdido os direitos sobre ele.

³³ Em cidades como Washington e Filadélfia, algumas revistas também publicaram artigos sobre a narrativa de viagem deste autor. Foi possível encontrar as seguintes publicações, a partir do site da Cornell University: "Review of life in Brazil". In *Graham's Magazine*, maio/1856; "Review of Life in Brazil". In: *Knickerbocker Magazine*: maio/1856 e "Life in Brazil". In: *Littell's Living Age*: out/1863.

Em uma primeira comparação entre o livro e os artigos, vemos, como não podia deixar de ser, a existência de diferenças entre ambos. Nota-se, na produção dos artigos, uma espécie de apanhado de alguns temas que viriam a compor o livro.³⁴ Também foi possível observar que, no artigo, o autor substituiu algumas palavras, como, por exemplo, o termo “*lepdopter*” (inseto da família das mariposas e borboletas) por “*insect*” (inseto). Creio que a mudança para um termo mais simples na revista, buscasse adaptar o texto para atingir um público mais amplo, não familiarizado com termos mais científicos. Como veremos adiante, o autor utilizava exemplos da natureza, em especial da transformação dos insetos, para se referir às “evoluções das raças humanas”.

Ewbank, provavelmente devido à construção que realizou, juntando cenas que registrou em momentos diferentes ao longo de sua estada no Rio de Janeiro, não colocou datas precedendo a narração de cada episódio, como fez no livro. Também não há nos artigos as passagens de cunho mais pessoal, envolvendo histórias relacionadas à sua família.

No primeiro artigo, *Visit to the land of the cocoa and the palm*, publicado em 1853³⁵, o autor relatou o início da viagem, as cenas sobre a escravidão e os negros do Rio de Janeiro. As últimas páginas contemplaram as superstições católicas, com imagens de ex-votos, altares e caixas de esmolas e também a malhação de Judas. Embora o autor tenha publicado algumas imagens dos ex-votos encontrados nas sacristias, a que foi impressa na revista não aparece em *Life in Brazil*. Comparando a mesma com as imagens contidas no livro, a publicada na revista, impressa em tamanho considerável, pareceu-me mais impressionante que as do livro.

Malhação de Judas³⁶

³⁴ Em diversos materiais biográficos sobre Ewbank, é mencionado o fato de o autor estar preparando o livro quando foi convidado para o Cargo de Comissário de Patentes. Inclusive, em *Life in Brazil*, o próprio autor faz esta afirmação.

³⁵ EWBANK, Thomas. “Visit to the land of the cocoa and palm.” In: *Harper’s new monthly magazine*. N.XLII, Vol. 7, pp.723-746, Nov/1853.

³⁶ Idem, *Life in Brazil*, op.cit.p.234. A mesma imagem foi impressa na revista.

Pode-se imaginar a recepção do público norte-americano, diante de cenas que expunham pés, braços, pernas, troncos e cabeças feitas com cera e penduradas como quadros nas sacristias das igrejas, como também uma pequena multidão que se dispunha a espancar um boneco de pano em praça pública. Provavelmente, para os não-católicos, tais imagens representaram a ideia de um povo cujos costumes eram primitivos, para não dizer bizarros.

Há também cenas retratando aspectos culturais encontrados na cidade. O autor descreveu o entrudo e suas brincadeiras, os arsenais de guerra dos museus e, neles, as cabeças de índios empalhados; estas imagens também não são impressas no livro, mas aparecem na revista. Diante da variedade de temas, podemos concluir que o autor buscou oferecer um apanhado geral do Brasil, ainda que estivesse, como nós sabemos, retratando exclusivamente o Rio de Janeiro.

O segundo artigo, *Sketches in Brazil*, publicado em 1855³⁷, também privilegiou passagens relacionadas à religião católica. Rico em imagens de igrejas, festas religiosas e muitos negros, esse artigo, assim como o primeiro, demonstrou ser um resumo daquilo que posteriormente apareceria no relato de viagem. Nele, descreveu um leilão realizado na Igreja de Santa Rita, observando a inabilidade do leiloeiro em realizar sua tarefa. Ewbank prosseguiu com a exemplificação dos ritos religiosos que também estão descritos no livro, porém, em ordens diferentes de apresentação. Imagens de padres de aparência sombria, homens vestidos de palhaço sob pernas de pau, entretendo o público em festejos religiosos, e toda uma encenação das procissões católicas são detalhadas, com especial atenção às “cenas mais pitorescas”.

Imagem da Igreja de Santa Rita, cercada de escravos.³⁸

³⁷EWBANK, Thomas. “Sketches in Brazil”. In: *Harper’s new monthly magazine*, Vol. 10, May/1855, pp. 721-735.

³⁸ Ibidem, p732.

Um mês após a segunda publicação, a *Harper's* lançou um terceiro artigo, também intitulado *Sketches in Brazil*³⁹, no qual comentou sobre a Santa Casa de Misericórdia. Vemos aqui, um dos raros momentos em que o autor elogiou uma instituição católica. Comparando artigo e livro, vemos uma diferença na forma de apresentação, mas ambos afirmam ser esta instituição um modelo de “genuíno catolicismo”, uma casa que atendia a todos, independente de cor, raça ou credo. O autor seguiu com um grande desenho da tão famosa “roda dos expostos”, local onde as mulheres deixavam seus filhos para adoção de forma anônima, aos cuidados das freiras, que mantinham no hospital um asilo para os enjeitados.

Roda dos expostos da Santa Casa de Misericórdia⁴⁰

Figura de um religioso católico em procissão⁴¹

³⁹ EWBANK, Thomas. “Sketches in Brazil”. *Harper's new monthly magazine*, Vol. 11, Jun/1855.

⁴⁰ Ibidem, p. 34.

⁴¹ Ibidem, p. 732.

Embora tenha buscado oferecer um panorama geral da vida cotidiana no Brasil, nos artigos da *Harper's Magazine* prevaleceu uma narrativa que privilegiou elementos relacionados à religião, demonstrando ser esse um dos temas de seu interesse e, provavelmente, de parte do público norte-americano, o qual concentrava protestantes de Igrejas diversas. De uma forma geral, creio que esses artigos, tal como o relato *Life in Brazil*, ajudaram a constituir uma imagem do Brasil como o lugar do atraso e da superstição religiosa, dentre outros aspectos, que se traduziu em práticas e hábitos primitivos e, portanto, não civilizados.

Além dos artigos acima, pude encontrar em outras publicações do período, algumas resenhas que apresentavam *Life in Brazil*. A crítica feita ao livro é particularmente interessante. Se há indicações, devido aos artigos da revista, de que havia interesse de um público norte-americano pelos aspectos religiosos do Brasil, por outro lado, o autor criticou a forma como Ewbank escreveu o relato de viagem. Faltou no livro, segundo ele, os elementos peculiares que parte do público apreciava:

O Sr. Ewbank, cujos esboços sobre o Brasil estão diante de nós, não é um escritor muito fluente nem elegante, embora seja um observador atento e um homem de senso. Seu volume é instrutivo, por consequência, mas não é fascinante. Narra as particularidades de uma visita ao Rio, em 1845, com fidelidade, oferecendo-nos fatos muito interessantes quanto aos modos, comércio e superstições do povo, e argumentando sabiamente sobre as causas de sua condição política e social; mas nós não encontramos em seu estilo qualquer tonalidade ou cor peculiar que gostamos de ver em um livro sobre os trópicos. Essa natureza brilhante parece nunca ter elevado o escritor dentro da poesia, nem o seduziu para fora de seu frio hábito prático de homem da Ciência.⁴²

O excerto acima nos leva a pensar que, embora Ewbank estivesse ajudando a veicular uma imagem negativa do Brasil nos Estados Unidos, outra parte do público leitor norte-americano da metade do século XIX, esperava também narrativas de viagem sobre os trópicos que lhes apresentassem boas doses de aventura, além do contato com a natureza exuberante e exótica, conferindo assim a “tonalidade” e a “cor” que desejavam encontrar.

⁴² *Putnam's Montly Magazine of American Literature, Science and Art*. “Editorial Notes – Literature: Ewbank's Sketches of Brazil”. Vol. 0007, Issue 40, April, 1856, pp.436-7. Disponível em: <http://digital.library.cornell.edu>. Acesso em 02.03.2007.

Se a resenha acima representar uma parte considerável da opinião dos leitores comuns, podemos então inferir que já havia uma imagem do Brasil nos Estados Unidos, relacionada aos ambientes tropicais e a sua natureza luxuriante, imagem essa que Thomas Ewbank não correspondeu completamente. Talvez, consciente dessa tendência, tenha se esforçado em tornar a narrativa mais atraente para um público mais amplo nos artigos impressos em revistas, antes de publicar o livro. O grande número de imagens nos artigos, bem como a preocupação em utilizar uma linguagem mais simples, pode ser um indicativo de tal preocupação. Como já indicado, *Life in Brazil* foi publicado, assim como seus primeiros artigos sobre o Brasil, pela mesma editora - a *Harper & Brother's*. A publicação de trechos do relato em suas revistas pode ter sido uma “estratégia comercial” da editora, que, ao comprovar uma boa recepção da escrita do autor sobre o Brasil em suas revistas, decidiu publicar o livro.

CAPÍTULO 2 - O PAPEL DA ETNOLOGIA NORTE-AMERICANA NA CONSTRUÇÃO DE IMAGENS E PROGNÓSTICOS SOBRE O BRASIL E OS BRASILEIROS NOS ESCRITOS DE THOMAS EWBANK¹

O mundo é ainda “uma escola desigual”. Das raças e nações que compõem as suas classes, poucas passam do livro primário de conhecimento; e é certo que nunca poderão freqüentar da mesma forma a religião e, mais ainda, as artes, ciências e política civil. O dogma da uniformidade é contrário à lei orgânica da diversidade.²

Thomas Ewbank

Life in Brazil mostrou-se impregnado pelas concepções de mundo relacionadas ao debate no campo ainda incipiente da Etnologia, no qual se discutia a “origem do homem” e o “lugar de determinadas raças em seus respectivos ambientes geográficos”. Este capítulo, pretende discutir e demonstrar a influência dessas concepções na escrita do relato, implicando em construções de imagens e representações de um Brasil que, por uma somatória de características negativas, estaria condenado a um desenvolvimento lento e sempre inferior em relação a alguns países da Europa e dos Estados Unidos.

Desde tempos remotos, as narrativas de viagem alcançaram enorme relevância como veículos de informação sobre terras distantes. Os relatos de viajantes dos séculos XVIII e XIX - muitos deles com descrições detalhadas sobre a fauna, flora, a cultura e a população local - ofereceram subsídios para que pensadores refletissem a respeito do mundo e desenvolvessem teorias e classificações sobre o gênero humano, com base no questionamento acerca da existência ou não do que consideravam “características humanas universais”. Como afirma Joan Pau Rubiés:

O impulso etnográfico europeu foi o produto de uma combinação única de expansão colonial e transformação intelectual. Embora o surgimento de um discurso acadêmico baseado na comparação, classificação e linhagem histórica

¹ Uma versão preliminar desse tema será publicado na Revista Eletrônica da ANPHLAC.

² EWBANK, Thomas. *Life in Brazil, or; a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*. New York: Adamant media Corporation, 2005,p.vii.

chamada Etnologia seja um fenômeno do século 19, na realidade tanto a Etnografia quanto a Etnologia existiram dentro de disciplinas humanísticas da recém moderna Europa nas formas primárias de escritos de viagem, Cosmografia e História, que informaram frequentemente debates específicos – sobre as capacidades e origens dos índios americanos, a definição de ‘homem natural’, a influência do clima nas características nacionais, ou a existência de estágios na história da civilização. Por trás do crescimento dos escritos de viagem, tanto a Etnografia como a Etnologia foram, de fato, cruciais para o projeto iluminista de uma ciência da história mundial do gênero humano.³

Como vimos, Ewbank poderia ser definido como um homem prático, que acreditava no progresso da civilização pelas “artes úteis”. Para tanto, era necessário avaliar como cada sociedade poderia evoluir e, indo além, considerou o *porque* de determinadas sociedades permanecerem estagnadas. Seus vínculos com a *American Ethnological Society*⁴ se mostraram claros quando Ewbank, logo nos primeiros dias no Rio de Janeiro visitou o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). O autor, na qualidade de representante da AES, procurou o Instituto, pois lhe foi atribuída a incumbência de entregar-lhes uma carta⁵ daquela instituição, propondo parceria entre elas, no intuito de trocarem informações sobre os estudos etnológicos realizados nas Américas⁶. O fato de ser um dos fundadores da AES, aliado à informação de ter sido ele designado para mediar um contato com o IHGB, autoriza-nos a considerar que seu olhar de viajante foi influenciado pelas ideias sobre raça e clima amplamente discutidas na *American Ethnological Society*. Ademais, como afirma Eneida Sela, a profissão do viajante é de extrema importância e deve ser levada em consideração ao analisarmos sua escrita, pois a mesma “não só direcionava as lentes de observação dos visitantes mas, antes, motivava a própria viagem⁷. Embora saibamos que, como um homem do século XIX, Ewbank não exerceu apenas uma profissão, como era

³ RUBIÉS, Joan Pau. Travel writing and ethnography. In HULME, Peter and YOUNGS, Tim (Orgs). *The cambridge companion to travel writing*. Cambridge University press, 2002, p.242-43.

⁴ Serão utilizados tanto o nome completo *American Ethnological Society*, quanto a sigla AES.

⁵ A troca de correspondências entre as duas instituições encontra-se disponível no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e muitas estão transcritas em suas revistas.

⁶ Ver: RIHGB, v.8, pp.152-156.

⁷ SELA, E. M. M. Modos de ser em modos de ver: ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus (Rio de Janeiro-1808-1850). Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2006, p.14.

próprio do seu tempo, no qual os campos do saber não eram definidos como os atuais - sem a especialização com a qual convivemos.

Escrito sob a forma de diário, *Life in Brazil* compreende uma ampla narrativa sobre a vida cotidiana do Rio de Janeiro. O autor, ao mesmo tempo em que refletiu sobre tudo o que viu, buscando explicações - ora na História, ora na Providência Divina e ora na Ciência - para a conformação do mundo e para a diferente e “atrasada” realidade social com a qual se defrontava. Com base no estudo mais aprofundado do debate que envolvia o campo da Etnologia nos Estados Unidos, ficou evidente a sua influência na forma como o autor descreveu e construiu prognósticos sobre o Brasil, pautados exclusivamente, em sua visita ao Rio de Janeiro. Neste capítulo, pretendo demonstrar que os debates e teorias sobre a origem do homem - que ajudaram a delinear os contornos do campo da Etnologia nos Estados Unidos - encontram-se de forma explícita e implícita nos escritos de Thomas Ewbank, e como tais concepções influenciaram o processo de construção de imagens sobre o Brasil e os brasileiros.

Os primórdios da Etnologia nos Estados Unidos.

Desde o século XVIII, os estudos sobre o homem no Ocidente buscaram compreender o lugar deste na natureza e, para tanto, discutiu-se acaloradamente sobre as suas origens. George Stocking afirma que os crescentes problemas antropológicos que envolviam a questão das origens dos homens ao longo do século XIX, foram alimentados, entre outros aspectos, pelo crescente número de relatos sobre a diversidade biológica, oferecidos por viajantes que rodaram o mundo descrevendo tais diferenças.⁸ Segundo Thomas Paterson, nos Estados Unidos, especialmente na primeira metade do século XIX, os estudos etnológicos buscavam atender a diversas solicitações importantes: o forjamento de uma identidade nacional, legitimação para a expansão territorial e uma justificativa para a escravidão.⁹ Naquele país, inicialmente, as pesquisas etnológicas voltaram-se para o

⁸ STOCKING, George. *Victorian Anthropology*. New York: The Free Press, 1991, p.49.

⁹ PATERSON, T. Carl. *A social History of Anthropology in the United States*. Oxford & NY: Berg Publishers, 2001 p.3.

estudo dos povos indígenas, em razão da demanda gerada por discussões que questionavam a viabilidade ou não de assimilar os nativos e “civilizá-los”. Somada a essa questão, os etnólogos do período, tal como ocorria na Europa, estavam preocupados em encontrar – ou confirmar – a existência ou não, de uma origem única para povos diferentes. Um caminho comum e bastante antigo para a realização deste propósito foi a Filologia, devido à crença de que era possível, a partir do estudo das línguas faladas por diferentes povos, encontrar um ponto de união entre eles, identificando-se assim sua origem.

Outra questão importante apontada por Paterson, vinculada à construção da identidade norte-americana, está relacionada aos prognósticos sobre o Novo Mundo. Algumas das avaliações européias não favoreciam aos homens que ali viviam, pois teorias como as de Georges-Louis Leclerc de Buffon afirmavam que, em razão da natureza e do clima úmido e hostil de tais lugares, o europeu degeneraria em algumas partes da América, a exemplo de seus indígenas e animais nativos, ambos, na visão desse autor, inferiores aos exemplares europeus.¹⁰

Antonello Gerbi, em seu clássico estudo sobre o Novo Mundo, buscou compreender as teorias que tentavam explicar a suposta inferioridade da natureza e dos habitantes dos trópicos, mencionadas por pensadores europeus. Gerbi afirma que a relação feita entre clima e gênio foi extremamente comum na Antiguidade. Segundo o autor, antes de Buffon (séc. XVIII), encontravam-se aqui ou ali, referências negativas sobre a natureza da América:

Entre tantos que, depois de Bodin, buscaram os efeitos do clima, Voltaire menciona o viajante Chardin, que possivelmente conheceu as teorias climáticas de Ibn Khaldun, o engenhoso Fontenelle e o abade Du Bos. [...] Hume recorda com frequência Bacon e Berkeley, o cardeal Bentivoglio e Sir William Temple. Na realidade, tratava-se então de uma questão banal, de um argumento corriqueiro, que, de outro lado, adquiria nova energia especulativa e polêmica sob efeito de um duplo estímulo: a ânsia de definir, não genericamente, mas em relação à Europa, o Novo Mundo, com sua gente e suas espécies naturais; e o esforço de justificar com rigor científico a variedade infinita e aparentemente inútil das criaturas; de esclarecer, se possível com uma simples relação de causa e efeito, as relações entre o ambiente físico e os seres vivos, suas formas evolutivas e, em se tratando de

¹⁰ PATERSON, Thomas. Op.cit., p.7.

homens, sua capacidade de progresso e suas instituições sociais. O “clima”, em particular, servia para mediar o abismo lógico entre a tese da debilidade física do continente americano e a de sua inferioridade civil e política. Era apenas um fator, mas um fator crucial que permitia esboçar uma explicação unitária de uma infinidade de fatores geográficos e históricos.¹¹

De fato, por um longo tempo, natureza e clima serviram como fatores cruciais na avaliação dos povos do Novo Mundo. No caso dos Estados Unidos, Paterson observa que no período entre 1770 a 1780, líderes políticos como Benjamin Franklin, James Madison e Thomas Jefferson, e até mesmo artistas que retratavam a natureza da América do Norte, buscavam refutar a imagem negativa do local, procurando demonstrar que a natureza na América não era hostil e tampouco imutável, e poderia, sim, ser “domada” pelos que ali viviam.

Após a década de 1780, nos Estados Unidos, o desejo de expansão e o crescente extermínio de indígenas deram um sentido de urgência em coletar o máximo de dados possíveis sobre os nativos, não apenas para determinar suas origens, mas para preservar as informações sobre uma população prestes a ser extinta. Na primeira metade do século XIX, somada às questões já existentes, as discussões sobre o lugar dos negros e da escravidão aconteceram de forma mais enfática. Vemos, portanto, que a importância de determinadas questões alcança maior ou menor amplitude de acordo com as necessidades e interesses políticos de cada período. Se, no final do século XVIII, importava aos norte-americanos modificar a imagem dos europeus sobre a natureza da América, no século XIX eles recorreram mais e mais à Ciência no intuito de legitimar determinados interesses e justificar as suas ações.

À medida que essas questões foram ganhando amplitude nos Estados Unidos, surgiu a necessidade de se formar instituições que sistematizassem e legitimassem esses debates. A partir do século XVIII, foram criadas as sociedades científicas, tornando-se centros irradiadores de ideias e de produções científicas, que muitas vezes ajudaram a legitimar projetos políticos, como a expansão e domínio de novos territórios e nativos.

¹¹ GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: História de uma polêmica: 1750-1900*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.p.48.

Até o final de 1830, os estudos sobre o homem nos Estados Unidos estiveram vinculados a essas sociedades científicas e filosóficas, que concentravam os interessados e promoviam o debate. No entanto, não havia ainda uma instituição que tratasse especificamente da Etnologia, uma vez que o campo propriamente dito estava em constituição. Durante muitos anos, a principal instituição a acolher os pesquisadores etnólogos e suas produções foi a *American Philosophical Society*, fundada em 1745 por Benjamin Franklin, com o objetivo de promover conhecimento nas áreas das ciências e humanidades em geral.

Como já visto, no final dos anos 1830, alguns estudiosos da área, entre eles, Albert Gallatin e Thomas Ewbank, amparados nos debates que vinham ocorrendo na Europa sobre a origem do homem,¹² mobilizaram-se no intuito de formarem uma organização voltada aos estudos e debates no campo da Etnologia. Foi nesse ambiente, como já mencionado, que surgiu a *American Ethnological Society*. O principal objetivo desta instituição, de acordo com os registros de sua constituição, era “incluir inquéritos sobre a origem, evolução e características das várias raças de homem.”¹³ Abraham Alfonse Albert Gallatin (1761-1849) foi um dos fundadores principais e grande líder dos primórdios da AES. Ele dedicou sua vida ao estudo das línguas indígenas, sendo amplamente reconhecido nos Estados Unidos pela grande sistematização filológica que realizou sobre a linguagem nativa, acreditando que, com base nela, seria possível encontrar uma origem única para os distintos grupos humanos que identificava. Gallatin construiu também uma importante carreira pública: foi tesoureiro do presidente Thomas Jefferson (1801-1809) e também fundador da *New York University*. Além disso, Gallatin ajudou Jefferson na orientação da famosa viagem de Lewis e Clark, ocorrida entre 1803 e 1806, na qual os exploradores percorreram o território da Louisiana, adquirido da França em 1803 e, passando ao longo dos rios de outros territórios em disputa, alcançaram finalmente o Pacífico, na região onde hoje é o Oregon. Com um histórico respeitado, Gallatin estabeleceu na AES tanto a sua direção de pesquisa, como a prioridade de temas a serem estudados.¹⁴

¹² Sobre o debate das ideias raciais na Europa, ver : STOCKING, op. cit.

¹³ WILSON, J. G. Proceedings of the American Ethnological Society. *American Anthropologist*, New Series, New York, v. 2, n. 4, Oct.-Dec. 1900, p. 787.

¹⁴ Sobre a biografia de Gallatin ver: MANNIX, Richard. “Albert Gallatin in Washington, 1801-183.” *Records of the Columbia Historical Society*. Washington, D.C., vol.71q72, pp.60-80. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/40067770>. Acesso em 28.08.2008.

O papel das sociedades científicas na orientação de viagens e viajantes

Tal como as instituições europeias - que foram objeto de estudo do historiador Ronald Raminelli¹⁵ - as sociedades científicas norte-americanas, entre elas a *American Philosophical Society* e a própria *American Ethnological Society*, produziram guias impressos com a finalidade de orientar as observações dos viajantes nos locais visitados. Buscavam com isso, orientar a organização e a escrita dos relatos de viagem, no intuito de que tais jornadas pudessem ajudar na reflexão sobre as diferenças e as desigualdades no interior das sociedades e também entre elas¹⁶. Essa descoberta foi-me particularmente útil para associar o relato de Thomas Ewbank às práticas etnológicas do período. Embora a vinda ao Brasil tenha sido uma iniciativa individual de Ewbank, viagem que ele arcou com os custos, pois vinha visitar um irmão, como membro fundador da AES, parece-me razoável pensar na hipótese de que, a escrita de sua narrativa sobre o Brasil buscou, em alguma medida, seguir as orientações dessa instituição. A seguinte passagem, extraída dos anexos de *Life in Brazil* comprova a tentativa do autor de manter seu relato em sintonia com as preocupações das sociedades científicas, interessadas em preservar a cultura das populações indígenas:

Os aborígenes americanos estão desaparecendo. Uma mudança de ocupação territorial em tal escala é um episódio sem paralelo na história de nosso globo; e apesar de nós, que vivemos durante sua efetivação, sermos de certa forma indiferentes a sua magnitude e significado nos destinos da espécie nos tempos futuros, isso será discutido e referido em um futuro distante como sendo de um

¹⁵O historiador Ronald Raminelli, ao pesquisar as viagens realizadas por europeus, conta-nos que, já no século XVIII, as sociedades científicas e acadêmicas européias direcionavam o trabalho dos viajantes por meio de instruções impressas, que serviam para normatizar o cotidiano da viagem, que em geral não atendia apenas a interesses filosóficos, mas também coloniais, estando dessa forma, vinculados aos interesses da Coroa. O naturalista e botânico inglês Joseph Banks, por exemplo, tinha a seu serviço centenas de coletores de dados e de espécies da fauna e da flora espalhados pelo Novo Mundo. O historiador também nos conta que a realização de uma viagem desse tipo e a publicação de tal experiência rendiam, quase sempre, honrarias e promoções. Ver: RAMINELLI, R. *Viagens Ultramarinas: monarcas, vassalos e governo a distância*. São Paulo: Editora Alameda, 2008.passim.

¹⁶Ver: WILCOX, D. R. and FOWLER, D. D. The beginnings of anthropological archaeology in the North American Southwest: from Thomas Jefferson to the Pecos Conference. *Journal of the Southwest*, 22 jun. 2002.

significado sempre memorável. [...] Pobres elas próprias, as tribos vermelhas tornaram outros ricos. [...] A um povo em que devemos tanto, o mínimo que devemos fazer é coletar para a posteridade todas as memórias de seu passado que caia em nosso caminho.¹⁷

É necessário salientar, porém, que esse texto, anexado no final de *Life in Brazil*, foi escrito originalmente com o intuito de tentar uma publicação na revista da AES. Tendo sido negado o artigo, por causa do grande número de figuras que encareceriam a impressão, o texto foi então ampliado a partir dos relatórios que Ewbank produziu sobre artefatos indígenas que ele analisou, trazidos de viagens exploratórias realizadas pela Marinha norte-americana, e acabou sendo anexado em *Life in Brazil*, representando um trabalho de cunho essencialmente etnológico, escrito – ao que tudo indica – para corresponder às expectativas e interesses da AES. No entanto, ao longo do relato, Ewbank não manifestou muito interesse e respeito diante da população indígena local, como será observado mais adiante.

O historiador Robert Bieder, em sua pesquisa sobre o papel da Ciência nos estudos sobre a população indígena dos Estados Unidos, afirma que Henry Schoolcraft, outro membro fundador da AES, citado no capítulo anterior, produziu um documento cujo objetivo era traçar uma proposta para o campo de estudos da nascente Etnologia nos Estados Unidos. Esse autor, que veio a se tornar em 1846 o primeiro secretário do *Smithsonian Institution* – o museu nacional sediado na capital do país, Washington D.C. – tinha, tal como Gallatin, respaldo no Congresso. Schoolcraft propunha:

Considerar a Etnologia em seu mais amplo senso o qual a etimologia da palavra admite, abraçando assim homens em suas divisões dentro de Nações; suas afinidades e características, mental e física, com tais provas deduzidas da História,

¹⁷ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.445. No original: “The American aborigines are melting away. A change in terrestrial occupancy on such a scale is an episode unparalleled in the history of our globe; and though we who live during its accomplishment are in a manner indifferent to its magnitude, and to its bearings on the destinies of the species in coming times, it will be discussed and referred to in the distant future as one of ever-memorable significance.[...] Poor themselves, the red tribes have made others wealthy.[...] To a people to whom we owe so much, the least we can do is to gather up for posterity whatever memorials of them may fall in our way.

Filologia, Antiguidades e ciências exatas, podendo servir para unir Nação a Nação, raça a raça..¹⁸

Para Schoolcraft, embora desiguais, indígenas, brancos e negros poderiam compor a mesma sociedade, uma vez que para ele, os homens tinham uma origem única, como veremos a seguir. O plano de investigação dentro do campo da Etnologia proposto por Schoolcraft, tinha o objetivo de profissionalizar, sistematizar e uniformizar o padrão das pesquisas realizadas. Para atingir este objetivo, Brian Dippie - outro historiador que estudou os escritos de Schoolcraft - afirma que seu plano de ação delimitava, de forma minuciosa, o que deveria ser investigado por pesquisadores, tais como os viajantes e agentes indígenas, bem como quais seriam os melhores meios de averiguar os fatos.¹⁹

Monogenia e Poligenia: os debates sobre a origem do homem nos Estados Unidos.

A *American Ethnological Society* manteve, nos anos iniciais de sua fundação - a exemplo de seu principal líder - o enfoque ambientalista e monogenista, herdado da Europa, orientando os estudos sobre as populações indígenas. De uma maneira geral, George M. Fredrikson nos informa que a abordagem monogenista baseava sua crença nos escritos bíblicos e assim postulava ter os homens uma origem única: todos igualmente descendiam de Adão. As diferenças entre os seres humanos davam-se pelo “grau de desenvolvimento psíquico” em que se encontravam, sendo as diferenças de cor, anatomia, inteligência e moral, atribuídas aos diferentes ambientes geográficos e, especialmente, ao clima.²⁰ Para muitos homens da Ciência da primeira metade do século XIX, eram esses aspectos que explicavam os contrastantes hábitos de vida produzidos em sociedades selvagens e civilizadas.

¹⁸BIEDER, R. E. *Science encounters the Indian, 1820-1880*. Norman: University of Oklahoma Press, 2003. p.181.

¹⁹DIPPIE, B. *Catlin and his contemporaries: the politics of patronage*. Nebraska: University of Nebraska Press, 1990, pp. 169-73.

²⁰FREDRIKSON, G. M. *The black image in the white mind: the debate on afro-american character and destiny, 1817-1914*. Wesleyan U.P: 1987.p.72.

Apesar de o enfoque no indígena e de a visão monogenista predominarem na AES, Bieder aponta que alguns membros, no final da primeira metade do século XIX, já começavam a discordar da maioria, pendendo para a visão poligenista, a qual postulava que o gênero humano não teria descendido de um único homem, Adão, e que, para diferentes partes do globo, Deus havia criado diferentes raças, com capacidades e características físicas que as tornavam aptas a viver naquele ambiente. Em suma, para os poligenistas as diferentes raças de homem tinham origens diferentes.

Havia divisões entre os monogenistas e poligenistas, e suas crenças não se mostravam fixas e nem homogêneas. Assim, se já é difícil distinguir os monogenistas dos poligenistas, é ainda mais complicado identificar quem pertence a essa ou aquela vertente dentro das duas correntes. Mesmo assim, conhecer minimamente essas posições teóricas, ainda em desenvolvimento naquele período, ajuda o pesquisador a compreender as discussões raciais que ocorreram durante todo o século XIX, as quais, em geral, tinham, a Ciência embasando suas discussões.

John Haller identifica, a grosso modo, ao menos três vertentes teóricas monogenistas: Os “Adamitas”, cujas explicações sobre a origem do homem eram estritamente bíblicas e vinculadas ao épico da criação. Baseavam-se literalmente na história de Adão e Eva para explicar a origem humana, sendo as diferentes raças existentes no mundo o fruto das oito pessoas sobreviventes. Para esses, a Ciência não tinha lugar quando o assunto era a origem do homem.²¹

Uma segunda vertente, a dos “monogenistas racionais”, buscou uma combinação entre Ciência e ensinamentos bíblicos. Em geral, defendiam que o planeta Terra era mais antigo que o épico bíblico. Para eles, o homem fora criado em algum lugar, entre o Caucasus e o Kush Hindu, sendo as diferentes raças, devedoras da ação do clima e de outras condições que atuaram sobre a onda de migração dos povos, deixando o seu lugar de origem. Embora descendentes de um mesmo homem, as regiões climáticas para onde se dirigiram influenciaram na forma como desenvolveram esse ou aquele grupo. Ainda assim, esses pensadores não desconsideravam a possível intervenção divina para explicar a origem e as diferenças raciais. Para esses monogenistas, a inferioridade do negro baseava-se na

²¹ Conferir HALLER, John S., Jr. *American Anthropologist, New Series*. “The species problem: Nineteenth-century concepts of racial inferiority in the origin of man controversy”. Vol 72, N. 06, Dec./1960. p 1319.

crença científica da degeneração. Entre os monogenistas racionais, Haller cita homens como Carl Lineu, Georges Buffon, Georges Cuvier, Joannes Blumenbach, James Cowles Prichard e Armand de Quatrefages.

Por fim, havia os “transformistas”, que, como o próprio nome indica, acreditavam que as espécies passavam por transformações e evoluíam. O francês Jean-Baptiste Lamarck liderava essa vertente que defendia a geração espontânea da vida a partir de um pequeno número de germes e monadas primordiais. Para eles, o homem descendia de uma lenta transformação dos macacos (ape), era a ponta de uma extremidade isolada do “reino orgânico”. Entre os transformistas, Haller indica Bry de Saint- Vincent, Geoffry Saint-Hilaire, Lorens Oken, Johann Wolfgang von Goethe, W. Herbert, P. Matthews, Omalius d’Halloy, Herbert Spencer e Charles Lyell.²² Muitos monogenistas, como Cuvier, ridicularizavam a posição dos “transformistas”.

Haller também explica que, assim como no monogenismo, havia ao menos duas vertentes entre os poligenistas: os “neotradicionalistas” que, apesar de aderirem à história bíblica, tentavam explicar os vários tipos de seres humanos conciliando a escritura com o poligenismo. Paul Broca, por exemplo, afirmava, na década de 1860, que outros povos coexistiram com a família Adamita, mas que eram insignificantes a ponto de não aparecerem nas escrituras sagradas. Nessa escola, defendia-se que o homem emergiu em diversos lugares, por meio de diversos atos de criação, resultando em formas distintas de seres. Homens como Louis Agassiz, Lord Henery, H. Kames e Karl Vogt faziam parte desta vertente teórica.²³

Uma segunda vertente acreditava nos postulados “neotradicionalistas”, mas também consideravam o lapso de tempo entre a criação da Terra e o tempo bíblico, que consideravam ser de 5.877 anos. Eles consideravam ser esse lapso de tempo insuficiente para produzir as distinções que se verificava em cada raça. Defendiam que as raças tinham origens distintas e eram distribuídas na face do globo como uma espécie de mosaico cosmológico (*Mosaic cosmology*).²⁴

²² Ver: HALLER, op. cit, p. 1319.

²³ Sobre a viagem de Louis Agassiz ao Brasil, ver MACHADO, M. H. P. T. . A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo degeneracionista. *Revista USP*, v. 75, p. 68-75, 2007.

²⁴ Ver: HALLER, op. cit, p. 1321-1322.

George Fredrickson afirma que a poligenia foi considerada como a vertente teórica que antecedeu e preparou as bases do racismo científico.²⁵ Essa “ciência da raça” encontrou no público norte-americano um forte interesse, tornando-se parte do clima cultural do período que debatia o lugar do negro na sociedade que antecedeu à Guerra Civil (1861-1865), sendo amplamente divulgada em livros, jornais, revistas e panfletos.

Tal abordagem, de acordo com Bieder, fortaleceu-se principalmente em torno das discussões raciais envolvendo os negros e a escravidão, tema que vinha ganhando cada vez mais espaço na política e na Ciência.²⁶ Fredrickson também aponta que, já na década de 1850, a abordagem poligenista conquistou seu espaço nos estudos etnológicos.²⁷ A morte de Gallatin, em 1849, o qual, além de defensor fervoroso do monogenismo, privilegiava, como vimos, o enfoque nos estudos das populações indígenas, abriu espaço na AES para o debate entre poligenistas e monogenistas dentro do campo da escravidão. Com isso, a Etnologia passou a ter como um dos temas centrais o problema do negro e o questionamento de qual seria o seu lugar no mundo.

No entanto, devemos ter em mente que, apesar da poligenia se consolidar somente no início da segunda metade do século XIX, desde o final da década de 1830 ela vinha sendo discutida e aplicada em “diagnósticos” sobre as diversas sociedades espalhadas pelo globo. Já nesse período, surgem, nos Estados Unidos, trabalhos importantes, fortemente influenciados pelo determinismo biológico, tal como *Crania Americana*, escrito em 1839 por Samuel George Morton (1799-1851), médico norte-americano e naturalista, considerado por muitos como o principal difusor da Escola Americana de Antropologia. Nesse livro, Morton defendeu a ideia de que era possível medir a capacidade intelectual de uma raça com base no tamanho de seu crânio. Dessa forma, quanto maior o crânio, maior o cérebro e a inteligência e, quanto menor, mais diminuta seria a capacidade intelectual de seu portador. As proposições de Morton alcançaram grande repercussão e, para muitos estudiosos do período, inclusive os monogenistas, os negros apresentavam a menor capacidade intelectual entre todas as raças, como nos informa Michael Banton²⁸.

²⁵ FREDRICKSON, op. cit., p.75.

²⁶ BIEDER, op.cit.,p.44-45.

²⁷ FREDRICKSON, op.cit. capítulo 3.

²⁸ BANTON, M. *Racial Theories*. Cambridge: Cambridge University Press: 1998.pp.50-53.

O biólogo Stephen Jay Gould demonstrou que trabalhos como os do poligenista Morton apresentaram resultados de pesquisa alterados, falsos e tendenciosos, com o objetivo de corroborar a tese da inferioridade de negros e indígenas. Esse autor salienta a importância da poligenia na consolidação de uma hierarquia racial e atribui aos norte-americanos um papel de destaque na consolidação e difusão de ideias e argumentos que colocavam negros e indígenas como seres incapazes, por sua constituição biológica, de alcançarem o mesmo desenvolvimento intelectual que os brancos.²⁹

A diferença básica entre uma e outra vertente é que, para os monogenistas, negros e brancos tinham uma mesma origem, como nas escrituras bíblicas – todos igualmente descendiam de Adão. Já para os poligenistas, negros e brancos tinham origens distintas. Se havia preconceito entre os monogenistas - pois negros e indígenas eram vistos como inferiores aos brancos aos olhos dos monogenistas - ele é exacerbado entre os poligenistas, em razão do fosso que separava um e outro desde a sua criação. Muitos poligenistas eram descrentes na “civilização do negro”, justificando assim a escravidão. Outro ponto em comum entre as duas vertentes é a questão geográfica e climática, ambas responsáveis pelo maior ou menor grau de desenvolvimento de seus habitantes. Mas havia tanto entre os monogenistas como entre os poligenistas, homens contra ou a favor da escravidão. Em razão desse campo e suas ideias ainda estarem em formação, veremos que distintos aspectos desse debate se mesclaram no discurso de Thomas Ewbank.

“Evolução humana” e determinismo geográfico em *Life in Brazil*.

Considerando-se as ideias acima apresentadas, ao analisar o relato de viagem escrito por Thomas Ewbank, tornam-se bem evidentes as razões pelas quais o autor focou o seu olhar sobre determinados aspectos da sociedade brasileira. Um exemplo muito revelador é a consideração feita pelo viajante sobre a degeneração do homem branco que vivia nos trópicos, como demonstrado nos excertos abaixo. Em *Life in Brazil*, havia três aspectos que se inter-relacionavam neste “processo degenerativo”: o fator climático, a escravatura e a

²⁹ GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. 2a edição, São Paulo: Martins Fontes, 1999.p.30.

religião. No Brasil, um país de clima tropical, o homem branco ficaria imerso em um lento processo degenerativo, no qual ia perdendo seu vigor físico e mental:

O calor tão uniforme e a lassidão que o acompanha faz com que as pessoas procurem repouso nas horas da manhã. [...] Na verdade, os prazeres do verão perpétuo, das flores sempre desabrochando e do clima sempre quente não são tudo aquilo que dizem os poetas, pois tornam-se monótonos e deixam de encantar. O corpo definha e a própria mente começa a perder o seu vigor.³⁰

Em muitas passagens do relato de viagem, o autor relaciona o comportamento dos brasileiros ou o lento desenvolvimento da nação, a fatores por ele considerados como impeditivos ao progresso: o clima tropical, o trabalho escravo e a recusa de muitos brancos em aprender um ofício manual. O excerto abaixo, nos dá uma dimensão maior sobre a forma como o autor pensou essas questões em seu relato de viagem:

A tendência inevitável da escravidão por toda parte é tornar o trabalho desonroso, resultado superlativamente mau, pois inverte a ordem natural e destrói a harmonia da sociedade. A escravidão negra predomina no Brasil, e os brasileiros recuam com algo próximo ao horror dos serviços manuais. No espírito de classes privilegiadas de outras terras, dizem que não nasceram para trabalhar, mas para comandar. Perguntar a um respeitável jovem de uma família em má situação financeira sobre porque não aprende um ofício e ganha sua vida de maneira independente, há dez chances em uma de ele perguntar, tremendo de indignação, se você está querendo insultá-lo! ‘Trabalhar! Trabalhar!’– gritou um. ‘Nós temos os negros para isso’. Sim, centenas e centenas de famílias têm um ou dois escravos, vivendo apenas daquilo que os mesmos ganham.³¹

³⁰ EWBANK, Thomas. *Life in Brazil*, op.cit., p.268. No Original: “The heat, so uniform, and the lassitude it induces, make people seek repose at early hours. [...] Verily, the pleasures of perpetual summer, of flowers ever blooming, and of weather ever warm, are not all that poets make them. They become monotonous, and cease to charm. The body languishes, and the mind itself begins to lose its vigor.”

³¹ Ibidem, p.184. No original: “The unavoidable tendency of slavery every where is to render labor disreputable—a result superlatively wicked, since it inverts the natural order and destroys the harmony of society. Black slavery is rife in Brazil, and Brazilians shrink with something allied to horror from manual employments. In the spirit of privileged classes of other lands, they say they are not born to labor, but to command. Ask a respectable native youth of a family in low circumstances why he does not learn a trade and earn an independent living; ten to one but he will tremble with indignation, and inquire if you mean to insult him! “Work! work!” screamed one; “we have blacks to do that.” Yes, hundreds and hundreds of families have one or two slaves, on whose earnings alone they live.”

Para Ewbank, a escravidão exercia uma enorme influência na forma como os brasileiros enxergavam o trabalho. No entanto, observa que esta não era uma postura apenas dos brasileiros, mas também das classes privilegiadas de outras terras, as quais ele não especifica. Talvez porque caso decidisse exemplificar, tivesse de mencionar os Estados Unidos que, no período em questão, mantinha escravos não apenas no Sul do país, mas em todo o seu território.

Para Ewbank, a natureza, assim como o gênero humano, evoluía, embora jamais em um nível de igualdade com relação aos países de clima temperado. De acordo com sua visão, o homem acompanharia os processos de metamorfose já observados por naturalistas na fauna e flora, buscando desenvolver habilidades que o tornasse apto a viver em uma sociedade em constante transformação e progresso. Suas afinidades com as explicações científicas que se desenvolviam no período se mostram claras no excerto abaixo, retirado da introdução de *Life in Brazil*:

A natureza pressagia sempre as alterações que vão surgir na condição de suas diversas gerações, apresentando indícios que dificilmente enganam. A aparição de novos órgãos, ou o aperfeiçoamento dos já existentes são provavelmente precedidos ou acompanhados por instintos correspondentes. [...] O fenômeno da metamorfose é comum a todas as forças da vida. O homem não passa de um inseto ambicioso e o acréscimo de aparelhos de vôo a seu organismo não seria maior novidade que as transformações já sofridas, segundo vários autores, pelas espécies.³²

Bem ao estilo da época, a evolução do homem, é comparada à evolução dos animais, num momento em que os naturalistas discutiram a diversidade das espécies e as suas possíveis transformações. É significativo que tal passagem se encontre justamente na introdução de *Life in Brazil*, pois entendo que o autor, dessa forma, anunciou os parâmetros que guiariam o seu olhar e os seus interesses na realização de sua viagem. Nos escritos de

³² EW BANK, *Life in Brazil*, op.cit..p.v. No original: “Nature always presages marked changes in the condition of her diversified offspring, and by indications not easily mistaken. The appearance of new, or an advanced elaboration of existing organs, is invariably preceded or accompanied by corresponding instincts.[...] The phenomenon of metamorphosis is common to every form of life. Man is but an aspiring insect, and the addition of instruments of volitation would scarcely surpass in novelty transformations which the species, according to some authors, has already undergone.”

Ewbank, a ideia de evolução está fortemente relacionada à ideia de progresso e civilização, pressupostos comuns no período, por meio dos quais os homens buscavam a perfectibilidade humana.

No caso do Brasil, o autor, considerando os fatores acima citados, acreditava que não se tratava de um país com vocação natural para alcançar os estágios mais altos da evolução humana. Suas impressões a este respeito são fortes a ponto de escrever, no prefácio de *Life in Brazil*, que o atraso de 10 anos na publicação de sua narrativa de viagem não implicaria em informações ultrapassadas, pois “como se relacionam a assuntos que são imutáveis, não há nada a lamentar sobre o atraso da publicação³³”. Um exemplo de tal prognóstico e da importância do clima na evolução do homem, bem como de sua superioridade, inerente a países de clima temperado, pode ser observado abaixo:

Deve-se lembrar, todavia, que nenhum povo pode servir de modelo para outro, pois que não existem dois povos nas mesmas circunstâncias e condições. A influência do clima, sabemos, é onipotente, e ocupam eles (os brasileiros) uma das maiores e melhores porções das regiões equatoriais. Cabe a eles determinar até que ponto as ciências e as artes dentro dos trópicos podem competir com o progresso feito em zonas temperadas.³⁴

As ideias contidas no excerto acima aparecem com muita clareza em duas outras publicações de Ewbank, já mencionadas no capítulo 1, escritas anos depois de sua viagem - o livro *The world a workshop: or, the physical relationship of man to the earth* (1855), e o panfleto *Inorganic forces ordained to supersede human slavery* (1860). Nessas publicações, o autor desenvolveu explicações sobre o papel de cada raça, sendo o clima e a geografia de cada lugar o que explicaria o maior ou menor desenvolvimento de seus habitantes. Especialmente nessa última publicação, pude ter uma indicação de autores que possivelmente influenciaram a visão desse viajante, já que neste panfleto, Ewbank citou alguns nomes de teóricos para oferecer ao leitor um panorama de hierarquização das raças

³³ EW BANK, Thomas. *Life in Brazil*, op.cit., p.ix. No original: “ [...] as they relate to matters that are all but unchangeable, there is nothing to regret in the delayed publication.”

³⁴ Ibidem, p.436. No original: “It must be remembered, however, that no one people can be a standard for any other, for no two are in the same circumstances and conditions. The influence of climate, we know, is omnipotent, and from their occupying one of the largest and finest portions of the equatorial regions, it is for them to determine how far science and the arts within the tropics can compete with their progress in the temperate zones.”

no globo: o sueco Carolus Linnaeus (1707-1778), o francês Georges-Louis Leclerc - mais conhecido como Conde de Buffon (1707-1788) - o francês Georges Cuvier (1769-1832) e, finalmente, Charles Pickering (1805-1878). Este último, naturalista norte-americano e membro da Academia de Ciências naturais da Filadélfia, participou da *US Exploring Expedition*, comandada pelo capitão-tenente Charles Wilkes, um dos poucos nomes citados pelo viajante em *Life in Brazil*.³⁵

Em seu relato, ainda sobre a questão climática, chamou-me a atenção a forma como Ewbank se preocupou em registrar a temperatura desde o início da viagem, mantendo o hábito durante os meses em que permaneceu no Rio de Janeiro, a fim de observar os efeitos do clima no comportamento dos brasileiros e em seu próprio, quando aqui esteve:

Dia 13 – A temperatura é opressiva. [...] Às seis da manhã, 28 graus; ao meio dia, 29,5 graus; às dez da noite, 29 graus. Como estes movimentos são pequenos e lentos, se comparados com as variações registradas na coluna mercurial em nossas latitudes! [...] Sinto uma crescente tendência à ociosidade, tanto mental quanto física.³⁶

Sua preocupação em medir a temperatura diariamente, observando a prostração que tomava conta de seu corpo em virtude do calor e da umidade, demonstra uma postura comum a um homem da Ciência daquele período, que acreditava que era nos climas temperados que os homens brancos tinham as melhores condições para evoluir. O seguinte excerto é bastante ilustrativo de tal pensamento:

No verão, em Nova York, a temperatura eleva-se frequentemente a mais de 31 graus, mas à noite é o mesmo que se tomássemos um banho frio e refrescante. Aqui, a noite não traz alívio algum aos pulmões e vísceras cozidos. Não é, portanto, a alta temperatura que causa perturbações, mas a sua invariabilidade. Esta uniformidade do calor tropical pode ser propícia à saúde e permitir a vida até elevada idade, mas creio que também provoca certa lentidão intelectual. Existe uma

³⁵ Ver EW BANK, Thomas. *Inorganic forces*, op.cit., p.8.

³⁶ EW BANK, Thomas. *Life in Brazil*, op.cit., p.77. No original: “13th. The weather is oppressive [...] At 6 A.M., 84°; noon, 87°; 10 P.M., 86°. How slight and sluggish these movements are, compared with the range through which the mercurial column sweeps in our latitudes! [...] I feel an increasing tendency to mental as well as to physical supineness [...].”

relação evidente entre a meteorologia e o cérebro; os espíritos enérgicos medram melhor onde se alternam calor e o frio, as calmarias e as tempestades. Sinto uma crescente tendência à ociosidade, tanto mental quanto física, e posso compreender facilmente por que as pessoas que visitam os trópicos se cansam da verdura invariável e anseiam pela neve e o gelo, assim como pela renovadora influência da primavera setentrional.³⁷

De uma forma ou de outra, vimos que o clima era indispensável para compreender determinados estágios de evolução tanto para os monogenistas quanto para os poligenistas. O calor opressivo, segundo Ewbank, era o responsável pela indolência e atraso dos brasileiros, embora não o único fator. O excerto acima explicita o ponto de referência do autor do que seria um clima “ideal” para o desenvolvimento saudável do homem: o verão carioca, ao contrário do que ocorria no “equilibrado” clima de Nova York, onde vivia, o colocava - um inglês que morava nos Estados Unidos - em estado letárgico.

O índio sul-americano no relato de Ewbank

Os etnólogos do século XIX preocupavam-se com a Fisiologia, a Filologia, a religião, além dos contos orais das populações indígenas. Para além das discussões sobre as origens do homem havia, como já dito, a urgência em coletar e preservar aspectos da cultura indígena norte-americana que, como sabemos, estava sendo dizimada. A única forma de garantir que esses dados e objetos fossem devidamente coletados, era pela criação de guias impressos, contendo instruções detalhadas sobre *como* e *o que* deveria ser observado. Ainda segundo Dippie, esse plano de investigação foi amplamente distribuído entre os membros do *Smithsonian Institution* e da AES, sendo apresentado inclusive no

³⁷ EWBank, Thomas. *Life in Brazil...* op.cit., p.77. No original: “Summer heats in New York rise often over 90°, but at night we pass, as it were, into cool and refreshing baths. Here, night brings little relief to one's parboiled lungs and viscera. It is not, therefore, so much the high temperature that distresses one as its unbroken continuance. This uniformity of tropical heats may be conducive to bodily health and old age, but I suppose it is also to intellectual quietude. There is an obvious connection between meteorology and mind; energetic spirits thrive best where heat and cold, calms and storms alternate. I feel an increasing tendency to mental as well as to physical supineness, and can readily understand why those who visit the tropics grow tired of unvarying verdure, longing for snow and ice, and the renovating influence of a northern spring.”

Congresso, com o objetivo de angariar fundos para uma ampla e audaciosa pesquisa etnológica que não se restringiria apenas aos Estados Unidos, mas que avançaria para além das fronteiras nacionais:

[...]escrutinar e coletar o que tem sido descoberto e escrito, coletando dados do próprio ambiente e de outras fontes, em várias partes do mundo, espécimes de arte antiga e, acima de tudo, encarnar a filologia presente e passada de tribos e nações, é um trabalho que requer tempo e atenção³⁸.

Ao analisarmos *Life in Brazil*, vemos que Ewbank, em parte, busca atender a essas solicitações. Há em seu relato compilações de espécimes cultivadas no Jardim Botânico do Rio de Janeiro³⁹. Além disso, o autor levou para seu país instrumentos antigos e até mesmo animais - uma preguiça, um lagarto e uma paca que, no entanto, não resistiram à viagem⁴⁰. Ao longo do relato, foi possível verificar que o lugar do indígena não era uma questão central para Ewbank, embora naquele momento o fosse para AES. Por esse motivo, embora os indígenas brasileiros sejam pouco mencionados no corpo do relato, no apêndice anexado em *Life in Brazil*, o tema central é o indígena e as artes sul americanas antigas. Nesse momento, é possível observar a influência de Gallatin na escrita de Ewbank, que buscou, embora não fosse esse seu maior interesse, observar e relatar elementos da cultura indígena.

Contudo, como já dito, esse tema foi lateral em *Life in Brazil*, uma vez que, importante para o autor, era a avaliação da sociedade brasileira como um todo - determinada que era pelo clima tropical - e na qual o lugar do negro e da escravidão, da disposição do branco para o trabalho, do emprego da técnica ainda rudimentar e da predominância da igreja católica - formavam um ambiente que não favorecia o progresso.

De todo modo, as próprias descrições sobre a cultura material, os ritos religiosos católicos, o clima e a geografia do Brasil e, como não poderia deixar de ser, o negro e a escravidão, atendiam aos requisitos de observação solicitados pelos nomes da Etnologia norte-americana. Se não havia por parte de Ewbank grande interesse pela população indígena local, relegando o tema aos anexos do seu relato de viagem, o mesmo não se pode dizer com relação ao negro.

³⁸ SCHOOLCRAFT, *apud* BIEDER, 2003, p. 182

³⁹ Ver EWBank, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., pp.173-6.

⁴⁰ *Ibidem*, p.443.

A opinião de Thomas Ewbank sobre o negro e a escravidão.

O viajante publicou *Life in Brazil*, em 1856, quando a questão do negro toma o centro do debate nos Estados Unidos. Mas 1846, quando aqui esteve, é o ano em que os Estados Unidos dão início à Guerra contra o México (1846-1848), período em que as divisões entre Norte e Sul naquele país não estão tão marcadas. As fissuras entre essas duas regiões, embora evidentes, acirram-se após metade do território mexicano ser anexado aos Estados Unidos e o início do debate, no Congresso, se tais domínios - quando transformados em estados - seriam escravocratas ou não; tal decisão modificaria o balanço de poder entre Norte e Sul no Congresso.

Michael Banton aponta que, nos Estados Unidos, as concepções de raça, principalmente por conta do debate sobre a escravidão, foram desenvolvidas de forma mais sistemática, a partir de 1830. Desde então, o tema sobre o lugar do negro na sociedade norte-americana foi ganhando espaço e promoveu debates calorosos antes, durante e após a Guerra de Secessão, da qual Thomas Ewbank tomou partido ativamente, em defesa da posição dos estados do norte.⁴¹

Nos Estados Unidos, a argumentação contra a escravidão teve um cunho essencialmente moral e religioso, como afirma a historiadora Célia Marinho de Azevedo⁴². Ainda segundo esta autora, os abolicionistas norte-americanos argumentavam que a escravidão ali exercida era a mais cruel e desumana em toda a história da humanidade. Em contrapartida, acreditavam que, no Brasil, os senhores eram mais humanos e benevolentes para com seus escravos e com os negros libertos, os quais tinham alguma possibilidade de ascenderem socialmente.

Em *Life in Brazil*, o espaço dedicado aos negros é considerável, e só perde em extensão para o espaço que o autor dedicou às Igrejas e aos ritos católicos, muito embora, como já dito, clima, escravidão, catolicismo e a cultura latina estejam inter-relacionados em

⁴¹ BANTON, op.cit., p.48.

⁴² Ver AZEVEDO, Célia Marinho M. de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003, p.29.

seu discurso. Em seu relato, o autor procurou retratar as variadas situações com relação ao negro com as quais se deparou durante sua estada no Rio de Janeiro:

25 de abril – Temos aqui muitas pessoas ricas de cor. Eu passei por senhoras negras cobertas de sedas e jóias, com escravos de libré atrás delas. Hoje vi uma sentada em sua carruagem, acompanhada por um laçao de libré e um cocheiro. Muitas estão casadas com brancos. O primeiro médico da cidade é negro, assim como o primeiro Presidente da província. A viscondessa C. e muitas personalidades das melhores famílias são mestiças.⁴³

Provavelmente, no excerto acima Ewbank referia-se aos mulatos. Na concepção de muitos norte-americanos, e podemos sugerir que também para este viajante, não havia distinções entre negros e mulatos como se fazia no Brasil. Nos Estados Unidos, em geral, um mulato tinha sangue negro e era, portanto, um negro, não havia diferenciações. De qualquer forma, o autor demonstrou a possibilidade de ascensão social entre eles, bem como a existência de mulatos em grande quantidade compondo a elite carioca. Muito embora o viajante não emita julgamentos incisivos sobre a questão da “mestiçagem”, sabemos, por meio da leitura de seus escritos posteriores, que ele condenava a mistura racial, sob a alegação de que todas as raças degenerariam diante dessa ação.⁴⁴

Em muitas outras passagens, o autor demonstrou as condições desumanas e precárias a que escravos eram submetidos por seus senhores:

Do pouco que pude ver, devo supor que os escravos do campo são os que vivem em piores circunstâncias. Todas as manhãs, enquanto a natureza ainda esta encoberta pela escuridão das trevas, eu os escuto dirigindo carros através da espessa névoa, e quando são dez horas da noite ainda estão gritando com os bois...

⁴³ EWBANK, Thomas. *Life in Brazil*, op.cit.p.267. No original: “April 25. Here are many wealthy people of color. I have passed black ladies in silks and jewelry, with male slaves in livery behind them. To-day one rode past in her carriage, accompanied by a liveried footman and a coachman. Several have white husbands. The first doctor in the city is a colored man, so is the President of the province. The Viscountess C a, and scores of the first families, are tinged.”

⁴⁴ A palavra mestiçagem era muito utilizada pelos pensadores envolvidos com a questão racial. Sobre alguns usos do termo e o problema da degenerescência das raças, ver VIANA, Larissa. A mestiçagem como problema de investigação. Algumas considerações. In *O idioma da mestiçagem*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007. Sobre a questão racial no Brasil na segunda metade do século XIX, consultar: SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas instituições e a questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Nas grandes fazendas, alguns dias de descanso são-lhes dado a cada três ou quatro semanas, durante a temporada de colheita do açúcar, mas nas fazendas menores, onde os proprietários geralmente têm dificuldades em se manter fora de dívidas, eles se alimentam mal e trabalham até a morte.⁴⁵

O autor também se mostrou sensibilizado diante da cena da venda de escravos em leilões:

Assim, vi pela primeira vez em minha vida os ossos e os músculos de um homem, com cada coisa que pertencia a ele, colocados à venda, e seu corpo, sua alma e seu espírito entregues à melhor oferta.⁴⁶

Os excertos acima retrataram situações bastante distintas – a possibilidade de ascensão social do negro por um lado, e a escravização violenta e desumana, por outro. Em seu relato, ainda que de forma sutil e pontual, o viajante expôs as diferenças existentes entre a escravidão e as relações entre negros e brancos de ambos os países. Apesar de apontar o fato de que no Brasil o negro não estaria condenado a uma eterna posição subalterna, seu relato contemplou de forma enfática o “outro lado da moeda”, descrevendo as condições de trabalho a que estavam submetidos e o tratamento atroz que muitos recebiam, a ponto de ser comum o suicídio de escravos.

Outro aspecto que não lhe passou despercebido foi a relação de proximidade e tolerância entre negros e brancos. Os excertos abaixo oferecem ao leitor uma cena de convivência um tanto quanto próxima (em comparação aos padrões norte-americanos) entre brancos e negros livres:

⁴⁵ EWBANK, *Life in Brazil*, op.cit., pp.439-440. No original: “From the little I have seen, I should suppose the country slaves are the worst off. Every morning, while nature was enshrouded in blackness of darkness, did I hear them driving wagons through the thick mist, and as late as ten at night were they shouting at the oxen as the jolting and groaning wheels rolled by. (This was, however, in the busiest season.) I often wondered how they found their way over the horrid roads, how their naked feet and limbs escaped unharmed, and how they then worked in the fields, unless their pupils had the expansile and contractile powers of night animals. On large estates, a few days' rest are given them every three or four weeks during the sugar season, but on smaller ones, where owners commonly have difficulty to keep out of debt, they fare badly, and are worked to death.

⁴⁶ Ibidem, p.284. No original: “Thus have I seen, for the first time in my life, the bones and muscles of a man, with every thing appertaining to him, put up for sale, and his body, soul, and spirit struck off to the highest bidder.”

Como o ônibus do Botafogo parou na porta, eu observei três negros sentados entre cavalheiros brancos. Isto é comum. Um negro livre, em trajes decentes – implícito na expressão: “usando sapatos e colarinhos” – pode sentar-se nos logradouros ou transportes públicos tão livremente quanto as pessoas claras. A Constituição não reconhece qualquer distinção baseada na cor.⁴⁷

Em visita a um estabelecimento que servia refeições (Casas de Pasto), o autor afirmou que:

Jovens de cor entraram e sentaram-se sem hesitação na mesma mesa dos brancos, e, em perfeita igualdade, tomaram parte na conversação.⁴⁸

É interessante observar que, em *Life in Brazil*, tanto nessas duas passagens quanto naquela em que descreveu mulatos como membros da elite carioca, há uma ausência de julgamento por parte do autor, como se deixasse a critério do leitor realizá-lo. No entanto - com base nas discussões sobre raça no período e em seus escritos posteriores - podemos inferir que, para ele, tanto a freqüente mestiçagem e ascensão social de negros e/ou mulatos no Rio de Janeiro quanto a posição de igualdade implícita nas cenas de brancos e negros sentados juntos em meios de transporte ou restaurantes, não eram vistos pelo autor de forma positiva. Não era natural para Ewbank que os negros assumissem posições de destaque na sociedade, já que estes ocupavam o último degrau na escala da evolução. O mais provável é que Ewbank considerasse que no Brasil as posições estariam invertidas e fora de sua “ordem natural”: o homem branco não valorizava as profissões mecânicas e evitava o trabalho com as próprias mãos, delegando-o aos escravos e negros livres, os quais, por esta razão, alcançavam postos que não deveriam ocupar.

No entanto, predominou em todo o relato os maus tratos, os castigos e o sofrimento de escravos deformados pelo excesso de trabalho e de peso:

⁴⁷ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.78. No original: “As the omnibus from Boto-Fogo stopped at the door, I observed three blacks seated among white gentlemen. This is common. A free negro in decent attire—implied by the expression “wearing shoes and a neckcloth”—can take his seat in places of public resort and conveyance as freely as persons of the lightest complexion. The Constitution recognizes no distinction based on color.”

⁴⁸ Ibidem, p.135. No original: “Young colored men came in, sat down without hesitation at the same table with whites, and, on a perfect equality, took part in the conversation.”

Não é de admirar que sejam tão numerosos os escravos com os membros inferiores aleijados. Passou à minha frente cambaleando de maneira horrível um homem cujas coxas e pernas curvavam-se tanto para fora que seu tronco não ficava a mais de quinze polegadas do solo. Parecia suficientemente pesado, mesmo sem a cesta na cabeça, para quebrar a estrutura óssea e cair entre seus próprios pés.⁴⁹

Escravos de ganho retratados por Ewbank⁵⁰

Robert Bieder nos informa que exatamente no período em que Ewbank veio ao Brasil, o debate entre monogenistas e poligenistas se colocava mais claramente.⁵¹ Em *Life in Brazil*, seu interesse marcante em descrever a relação entre negros e brancos, bem como o fato de estar o autor inserido nas discussões raciais de seu país, sob uma “perspectiva científica”, autoriza-nos mais uma vez a afirmar que a forma como ele retratou o Brasil e os brasileiros, estava pautada pelos debates que aconteciam dentro do campo da nascente Etnologia nos Estados Unidos.

Com base na análise comparativa entre o livro *Life in Brazil*, publicado em 1856, e o panfleto *Inorganic forces*, publicado em 1860, foi possível perceber mudanças na forma como o autor enxergava o negro e, também, o fortalecimento de algumas crenças desse viajante no que se refere à ideia de raça discutida no período. Se em *Life in Brazil* a posição

⁴⁹ EWBank, Thomas. *Life in Brazil*, op.cit.p.118. No original: “No wonder that slaves shockingly crippled in their lower limbs are so numerous. There waddled before me, in a manner distressing to behold, a man whose thighs and legs curved so far outward that his trunk was not over fifteen inches from the ground. It appeared sufficiently heavy, without the loaded basket on his head, to snap the osseous stem and drop between his feet.”

⁵⁰ Ibidem, p.94; 277

⁵¹ BIEDER, op.cit., p.3.

do autor não é direta - vimos que, em muitos momentos, ele descreve determinada situação que envolve a relação entre brancos e negros, ou mesmo questões relativas à “mestiçagem”, deixando o julgamento para o leitor - o mesmo não ocorre nesse panfleto, de cerca de 30 páginas, escrito, como já mencionado, com o objetivo de discutir o lugar do negro na sociedade, e de propor soluções ao fim da escravidão, sob uma “perspectiva científica”. Possivelmente, quando o autor escreveu esse panfleto, seu objetivo maior fosse discorrer sobre o lugar do negro nos Estados Unidos, pois, nessa época, a pressão dos abolicionistas aumentou a frequência dos debates sobre a escravidão naquela sociedade.

Nesse texto, Ewbank primeiramente alertou que a escravidão vinha de tempos remotos, mas que era muito diferente daquela praticada nas Américas. Embora saibamos hoje que muitos dos escravos do mundo antigo eram prisioneiros de guerra, o autor pontua a diferença, afirmando que gregos e romanos escravizavam os de sua própria raça, enquanto, na América, escravizavam estrangeiros de raça inferior. A escravização de negros na Antiguidade, afirma Ewbank, foi muito pequena, “mas um outro estado de coisas foi revelado com a descoberta da América, algo sem igual na história do Oriente⁵²”.

Neste panfleto, o autor deixou transparecer de forma enfática a sua crença de que as questões de cunho moral, político ou religioso, implícitas no debate sobre a escravidão, poderiam encontrar respostas na natureza ou em suas leis. Deus havia criado a Terra e seus habitantes para que estes pudessem interagir com seu meio de forma eficiente, por meio do trabalho. Nem as diferentes regiões do mundo e nem seus habitantes foram criados com as mesmas capacidades e características, sendo os homens, portanto, desiguais. Na visão desse autor, não havia problema nisso, pois o planeta necessitava de diferentes habilidades humanas para o trabalho, sendo todas importantes para seu desenvolvimento. Cada raça, em cada região do globo, foi criada com uma vocação específica. Desrespeitar esse princípio da natureza, para o autor, traria consequências desastrosas, a começar pela degeneração e a conseqüente barreira ao progresso:

O trabalho, diverso em sua natureza, minucioso nos seus detalhes e abrangente em suas relações, exige diversidades nos caracteres e capacidades dos trabalhadores, e estes também são fornecidos por uma lei da organização da terra. [...] Seu clima e produtos diferem muito entre o equador e os pólos [...]. Todos sabem como o calor

⁵² EWBANK, Thomas. *Inorganic forces...* op.cit. p.4.

e umidade variam de acordo com a posição geográfica, e como eles afetam a força muscular do homem...- A humanidade é composta de raças que variam em estrutura física e mental, de acordo com as diversas condições das grandes porções da terra, cada uma constituída para florescer melhor em climas semelhantes aos seus nativos. Homogeneidade da raça só pode concordar com uma terra uniforme e, portanto, as diversidades de raças devem ser tão duradouras como a variada constituição da terra. [...] Tal como acontece com os animais, uma raça não pode desempenhar as funções das outras⁵³.

Na escala de desenvolvimento das raças, o homem branco deveria levar a civilização às terras e raças inferiores, compartilhando de suas descobertas e encarregando a cada raça a parte do trabalho que lhe caberia. Nessa escala, como não podia deixar de ser, os brancos eram os que concentravam os atributos necessários para a liderança e para fazer valer os princípios da civilização, e a raça negra ocupava o último lugar em desenvolvimento:

A ordem natural das raças é indicada por suas características, como compleição, o cabelo, etc. A cor é o principal teste, começando pelo o que é chamado de branco e aprofundando na sombra através do amarelo ao azeite, do ébano para o azeviche. Seja qual for o teste, o homem branco é visto como encabeçando a série, e os negros e suas castas, ocupando a parte inferior. [...]

Enquanto as desigualdades em termos físicos das raças são admitidas e habilitadas por escritores da história natural das espécies, há aqueles que defendem uma igualdade de intelecto em todas elas. Contrariamente à analogia, à história e a observação, eles defendem o mesmo valor para a menor e para a maior raça, como se a diversidade não necessariamente implicasse em diversidade de estrutura mental e, como se a economia de nossa orbe não requeresse isso das raças, bem como de indivíduos de todas as raças. Eles, aliás, ignoram a absoluta universalidade dos princípios da variedade e gradação. Seria uma anomalia se estes princípios não penetrassem o mental tanto quanto as formações corporais dos homens, e não apenas as raças como um todo, mas cada raça em si. É inconcebível a forma como a extrema diversidade do trabalho exigida das nossas próprias raças poderia ser exercida em harmonia, ou de todo, com uniformidade ou igualdade de intelecto ou da capacidade intelectual. A característica da raça negra é a sua

⁵³ EWBANK, *Inorganic forces*, op.cit., pp.8-9.

inferioridade mental, e, conseqüentemente, a sua inquebrantável associação com a barbárie. Exceções individuais não afetam essa lei exceto para confirmá-la. Não fossem os negros intelectualmente inferiores, seria impossível escravizá-los. A origem do poder está na mente, não no corpo.⁵⁴

Embora em *Life in Brazil* Ewbank se colocasse contra a escravidão, em *Inorganic forces* o autor foi muito mais explícito e se demorou no desenvolvimento do tema. Vemos acima que ele, nesse momento, justifica a escravidão, devido as distinções encontradas entre as raças. As indicações são de que Ewbank passou a considerar a escravidão em algumas partes do mundo. Por outro lado, com base nos excertos acima apresentados podemos afirmar que neles, o autor se tornou mais claro e contundente em suas afirmações sobre a inferioridade da raça negra e a escravidão em 1860, do que em 1846, quando esteve no Brasil. Sua posição sobre a importância de permanecerem em seu clima de origem, bem como em tornar seu tratamento mais humano, ainda que permanecessem como escravos é clara no excerto que segue:

A justiça natural nos ensina que a escravidão negra ao invés de justa e beneficente em qualquer lugar, só pode sê-lo em climas apropriados à constituição do negro, e onde o trabalho não lhe seja prejudicial à saúde, nem em quantidade naturalmente exaustiva de sua vida, nem aplicadas a partir de regras proibitivas de seu avanço mental. Nenhum sistema pode ser correto se não os reconheça e os trate como homens, embora estejam abaixo na escala das massas da humanidade.⁵⁵

Uma hipótese a ser considerada é a de que, em 1846, a concepção tão marcada sobre o negro que apareceu em 1860 ainda não estivesse clara para o autor. Apesar de posicionar-se contra a escravidão inicialmente, Ewbank não era um abolicionista e sim, um defensor do progresso pela adoção de novas técnicas. Contudo, acima, ele legitima a escravidão em “climas apropriados à constituição do negro”. Certamente, aqui, ele passa a considerar a possibilidade da escravidão em climas tropicais. No panfleto, o autor apontou a inferioridade do negro e defendeu que seria papel do homem branco ajudá-lo a evoluir. Para tanto, era necessário que o homem branco desenvolvesse - como o próprio título de

⁵⁴ EWBank, *Inorganic forces*, op.cit., p.11.

⁵⁵ Ibidem, op.cit., p.7.

seu panfleto anuncia - máquinas e mecanismos capazes de substituir, ainda que a longo prazo, a mão de obra escrava, por forças inorgânicas (as máquinas). Os negros, assim, poderiam passar da escravidão ao trabalho assalariado em fábricas e mesmo nos campos, mas não mais realizando tarefas desumanas, embora ainda realizassem uma tarefa menor, se comparada à realizada pelo homem branco. Nesse sentido, a saída encontrada por Ewbank para o negro é a que segue:

A proposta é: quantidades ilimitadas de força devem ser elaboradas a partir da matéria inerte, e que serão aplicados dispositivos mecânicos para os trabalhos exaustivos dos escravos, sendo estes os únicos a realmente pôr um fim ao tráfico de escravos. Esse é o plano da natureza e, portanto, é eficaz, sem ser violento; leve, progressista e conservador, não prejudicial para a classe, mas vantajoso para todos os interesses. Nele, a moral da escravidão é invertida. As forças empregadas não possuem sentimento e têm grande capacidade para o trabalho, se aproximando assim de cumprir e respeitar a vontade do Criador. O trabalho humano torna-se melhor em seu caráter e se reduz em quantidade e intensidade, que é essencial para a saúde e vigor mental. Realizado com inteligência, o negro se ocupa na direção de outras forças. O escravo se transforma em um capataz. Há então esperança para o negro. Sua raça não está destinada a permanecer como servos desinformados.⁵⁶

Embora inferior mental e associado à barbárie, havia saída para o negro: tornar-se, nessa concepção, mão de obra barata. O contexto histórico nos ajuda a compreender melhor esses dois escritos. Ewbank, ao publicar o panfleto, posicionou-se claramente sobre os temas que envolviam o negro, baseando-se na "distribuição geográfica das raças" pelo globo. Aqui avaliou a questão de forma geral e não se remeteu exclusivamente ao Brasil, embora tratasse aqui e ali das regiões tropicais. Nessa data, as divisões entre Norte e Sul nos Estados Unidos eram tamanhas que já apontavam para o conflito de grandes proporções que teve lugar entre 1861-1865. Foi também nesse período que a poligenia passou a ganhar mais espaço naquele país, em razão das concepções que postulavam não apenas a inferioridade do negro, mas a existência de lugares que eram mais apropriados à sua raça.

O tempo entre a publicação de *Life in Brazil e Inorganic Forces* é de apenas quatro anos. No entanto, como vimos, Ewbank, apesar da sua avaliação negativa, decidiu por

⁵⁶ EW BANK, *Inorganic forces*, op.cit., pp.26-27.

manter uma certa ambiguidade sobre determinados temas em *Life in Brazil*, o que não ocorreu em *Inorganic Forces*, texto em que o autor se posicionou de forma mais agressiva sobre o tema da raça, escravidão e “mestiçagem”. De uma ou de outra maneira, certamente, a oportunidade de observar, em sua viagem ao Brasil, como viviam e “degeneravam” diferentes raças em um país tropical levou-o a confirmar determinadas concepções e deixá-las ainda mais claras, fazendo-o posicionar-se de forma ainda mais intolerante no seu último escrito. Para ele, era um problema a equacionar: a sociedade que adotava e que optara pelo progresso e civilização via-se na iminência da abolição. O que fazer com os negros livres foi uma questão que mobilizou políticos, cientistas e intelectuais, não só nos Estados Unidos, mas em outros países das Américas, como o Brasil.

Embora o meu objetivo aqui seja analisar exclusivamente, *Life in Brazil*, creio ser importante demonstrar que, com base na análise de outros escritos do autor, foi possível não apenas confirmar a forte ligação de Ewbank com a Etnologia e com o ideal de progresso, mas também perceber sua mudança de posição com relação ao negro. Alexsander Gebara, ao estudar os escritos do inglês Richard Burton sobre algumas regiões do mundo, identificou que o viajante foi modificando a forma de classificar e compreender os povos e países que visitou, estando essas transformações relacionadas à crença do autor em determinadas teorias sobre o gênero humano, que foram se modificando à medida que os anos passavam e as discussões sobre raça apresentavam novas perspectivas.⁵⁷ Da mesma forma, Ewbank foi definindo as suas posições com o correr do tempo e tendo em vista os locais em que visitou, principalmente o Brasil.

As indicações são de que, inicialmente, Thomas Ewbank acompanhou a perspectiva monogenista, que tinha lugar nos debates da *American Ethnological Society*, na qual o importante defensor do monogenismo, Albert Gallatin, tinha papel preponderante. Na década de 1850, o autor já se colocava fortemente contra a “mestiçagem”. Chegou mesmo a considerar que em determinadas regiões, como nos trópicos, algum tipo de servidão se justificaria. Como as posições acima, poderiam ser advogadas tanto por alguns monogenistas como por poligenistas, não foi possível comprovar, ao longo da pesquisa, se Ewbank permaneceu como monogenista, legitimando a escravidão em sociedades que

⁵⁷ Ver: GEBARA, A. L. A. de. *A experiência do contato. As descrições populacionais de Richard Francis Burton*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, USP, 2001.

apresentassem determinadas condições nos climas tropicais ou se voltou para a poligenia. O que é importante ressaltar aqui é que Ewbank, em seus textos, foi se voltando cada vez mais para a questão do negro, acompanhando a tendência que se verificava nos Estados Unidos. Ele debatia com os pensadores que discutiam a questão da raça, sendo que ele próprio demonstrava uma certa ambigüidade aqui e ali - ou estava ele mesmo definindo as suas colocações (como também a etnologia no período) - especialmente se avaliarmos todos os seus escritos.

Segundo George M. Frederickson, Ewbank, em *Inorganic forces*, ao mesmo tempo em que considerava algum tipo de servidão negra nos trópicos, desde que ela fosse um ponto de partida para a mudança da sociedade e para o incremento da técnica e da sociedade, ele foi contra a proposição de que os novos territórios incorporados após a Guerra com o México, em 1848, fossem escravocratas; como mencionado, tema que dividiu o país e o levou à Guerra de Secessão que teve o seu início em 1861.⁵⁸

O importante a ressaltar aqui, é que o acesso a esse panfleto nos permitiu reafirmar a crença de que Ewbank estava inserido no grande debate que se travava nos Estados Unidos sobre o lugar do negro na sociedade. Mais que isso: ajuda-nos a compreender algumas das concepções que fundamentaram suas proposições acerca do desenvolvimento da civilização nos trópicos. O clima tropical, considerado de forma pontual pelo autor como forte impedimento ao progresso, em *Life in Brazil*, é, em *Inorganic Forces*, amplamente discutido a partir de diversos argumentos, como o que cria o ambiente favorável ao atraso. Suas opiniões sobre o negro e a escravidão tornaram-se mais evidentes e foram de grande valia para acompanhar os direcionamentos do autor frente aos problemas do seu tempo.

Life in Brazil, como já dito, é muito utilizado por historiadores. E é de fato um documento bastante útil para os pesquisadores que buscam discutir a sociedade brasileira da época, uma vez que seu texto é rigorosamente descritivo e detalhista. Contudo, a visão negativa que expressa sobre o Brasil deve ser compreendida no âmbito do debate que se travava na época sobre a “origem do homem” e o “lugar de determinadas raças em seus respectivos ambientes geográficos”, temas que, na época, ajudaram a constituir o campo da Etnologia.

⁵⁸ Ver FREDERICKSON, op.cit., pg. 143.

3-MONARQUIA E IGREJA CATÓLICA NOS TRÓPICOS.

Além do clima que degenerava a “capacidade mental humana”, da escravidão e da mistura indiscriminada de raças que impediam o desenvolvimento do país, havia mais dois aspectos de enorme relevância na composição da imagem que Ewbank construiu sobre o Brasil, os quais o viajante também considerou como elementos impeditivos ao progresso e desenvolvimento, em seu mais amplo sentido: o regime monárquico de governo e a Igreja Católica. Neste capítulo, inicialmente, procuro discutir brevemente sobre a idéia de República que se consolidou nos Estados Unidos, bem como as bases protestantes que se articularam com a política norte-americana; por fim, refiro-me, também brevemente, ao Império brasileiro e analiso como o autor tratou destes temas em seu relato de viagem.

O ideal de República e virtude cívica nos Estados Unidos

Para melhor compreendermos as críticas realizadas pelo autor sobre a Monarquia, convém primeiramente entendermos alguns aspectos relativos à República nos Estados Unidos, a qual Ewbank demonstrou abraçar tão profundamente como qualquer “patriota” norte-americano o faria.

É sabido que os Estados Unidos instituíram a primeira República moderna bem sucedida do Ocidente.¹ Nesse sistema de governo, primava-se pelo discurso que se remetia à preservação da “liberdade”, opondo-se veementemente à “tirania e despotismo da Monarquia”. Para tanto, criou-se uma nova estrutura governamental, nos Estados Unidos, baseada na distribuição de poderes que já vinha sendo discutida na Europa. Além disso, instituiu-se que o seu representante maior não teria poderes vitalícios ou hereditários, pois governaria por quatro anos, e seria eleito através de votação censitária e indireta. Na época, muitos não acreditavam que uma República poderia ser bem sucedida em grandes territórios. Os Estados Unidos, a partir da representação política e,

¹ Há que se mencionar a experiência da República romana da Antiguidade e das cidades-estado italianas da Renascença.

por meio de votação indireta e censitária, instalaram uma República em um grande território. Cabe lembrar que, por si só, o termo República se contrapõe à Monarquia.²

Um Estado republicano e sua liberdade soberana, no entendimento dos revolucionários, requeriam de parte da população o exercício da responsabilidade individual na participação política, ou seja, o que consideravam como “exercício da virtude”. Para tanto, o cidadão deveria ter a consciência de seu papel e do efeito de suas ações na sociedade. O exercício da virtude consistia em colocar os interesses públicos acima dos privados. Gordon Wood ressalta que no período revolucionário, era clara a convicção dos norte-americanos de que, a partir do republicanismo, estariam formando “um mundo novo”. Dentro deste espírito, era necessário certo tipo de “atitude republicana”, que primava pela autonomia do indivíduo, frugalidade, engenhosidade, temperança e simplicidade. Juntamente a esses valores, Wood afirma que, para muitos norte-americanos, a Independência³, congregava muitos significados:

Republicanism significava mais que simplesmente a eliminação do rei e a instituição de um sistema eletivo. Somava-se uma dimensão moral, uma intensidade utópica na separação política da Inglaterra, a qual envolvia muitas pessoas da sociedade.⁴

Pode-se discutir com Wood se essa característica se restringia exclusivamente aos Estados Unidos, mas, por enquanto, sua observação nos serve para compreender a forma incontestável e sem juízo crítico, com que Thomas Ewbank abraçou as ideias republicanas norte-americanas. Wood também se remete exclusivamente ao período da Independência nos debates para a instituição do Estado nacional ao final do XVIII; contudo, sabe-se que a quase “sacralização” da República nos Estados Unidos tornou-se lugar comum ao longo do século XIX, levadas em consideração às várias conjunturas e as mudanças que marcaram as sociedades nesse período.

A Independência dos Estados Unidos, e a instituição do Estado nacional em moldes republicanos, foram feitas tendo como elemento central a bandeira da liberdade contra a Metrópole, como em outros países da América Hispânica, que também optaram por instituir a República. Cabe mencionar o paradoxo de tal situação, já que na prática

² Sobre a ideia e o conceito de República moderna, ver: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1a. edição, 1998, pp.1107-1114.

³ Os norte-americanos consideram a sua Independência, em 1776, como uma Revolução.

⁴ WOOD, Gordon. *The Creation of American Republic- 1776-1787*. 1998. University of North Carolina Press. p.47. Tradução minha.

essa liberdade ou exercício de cidadania não existia para muitos; porque não eram considerados os escravos, as mulheres, os índios e aqueles que não possuíam propriedade. Edmund Morgan, ao tratar da escravidão neste mesmo período, salienta que um quinto da população, no período da Revolução, era formado por escravos, sendo, portanto uma incoerência considerar essa parte da população como exceção. Indo além, este autor afirma:

O surgimento da liberdade e da igualdade no país foi acompanhado pelo surgimento da escravidão. O fato de que duas evoluções tão contraditórias ocorressem simultaneamente durante um longo tempo, do século XVII ao XIX, constitui o paradoxo central da história americana.⁵

A importância de ser proprietário de terras, desde o período que antecede a Independência, estava vinculada à idéia de que, somente aqueles que possuíam os meios de subsistência, eram verdadeiramente livres. E a liberdade individual foi um ponto-chave do ideal republicano, defendido por muitos teóricos da *commonwealth*, como também observou Morgan. Desse modo, aqueles que não possuíam tais meios deviam ser mantidos sob controle, inclusive para o bem da República. Este foi um pressuposto que de certa forma legitimou a continuidade da escravidão.

Nos Estados Unidos, a partir do último quartel do século XVIII, a elite política, seus governantes e pensadores, construíam o seu Estado Nacional, e junto com ele, procuraram conformar o ideário da nação, buscando instituir uma identidade nacional. Neste processo, o ideal republicano e liberal, juntamente com outros símbolos, se consolidou no imaginário social norte-americano como emblema da virtuosidade da nação, reafirmando o mito de ser aquela uma sociedade excepcional. Eles se consideravam como os primeiros da modernidade a instituir com sucesso um novo formato republicano de governo com bases representativas, ainda que a República norte-americana, como já indicado, fosse devedora das idéias que circulavam entre Europa e Américas.⁶ Posicionavam-se, dessa maneira, quanto às questões políticas como pioneiros e superiores em relação às Monarquias.

⁵ MORGAN, Edmund S. Escravidão e liberdade: o paradoxo americano. *Revista Estudos Avançados*, n.14(38), 2000, p.122.

⁶ Sobre as idéias europeias que ajudaram a promover a Independência norte-americana, consultar BAYLIN, Bernard. Fontes e tradições, in *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Bauru: Edusc, 2003.

Dado que a República que defendiam contrariava a maioria dos aspectos da Monarquia, permaneceu, desde os tempos da Independência, a aversão aos princípios e costumes que regiam os governos monárquicos, sendo uma de suas manifestações a recusa em adotar qualquer tipo de formalidade ou cerimônia que se assemelhasse àquelas presentes no “sistema rival”. A República nos Estados Unidos - bem como a construção dos “heróis nacionais”, tais como George Washington, Thomas Jefferson, Benjamin Franklin e James Madison - buscou uma unidade nacional sem a aglutinadora presença real. A República, além de regime de governo, foi ela mesma um dos principais emblemas nacionais, na medida em que, através de aparatos simbólicos, como os citados “pais fundadores”, propunha-se vínculos identitários, procurando solidificar na população o sentimento de pertencimento à uma comunidade imaginária⁷. No entanto, como se sabe, muitos desses “pais fundadores” eram virginianos e, portanto, republicanos, mas também grandes proprietários e donos de escravos.

Tal concepção esteve também articulada à ideia que circulava na época (nos sermões religiosos, entre pensadores, nos jornais, etc) de que os norte-americanos descendiam dos puritanos da Nova Inglaterra - ainda que aquela sociedade fosse formada por uma distinção de seitas protestantes, além da Igreja Anglicana⁸ que, depois da Independência do país, foi transformada em Igreja Episcopal - como veremos a seguir. De qualquer forma, as questões republicanas estiveram, em maior ou menor grau, vinculadas às proposições protestantes naquele país.

Na primeira metade do século XIX, os Estados Unidos anexaram a seu território grande quantidade de terras. Entre 1778 e 1848 o território norte-americano aumentou em onze vezes o seu espaço territorial. A conquista rumo a Oeste acentuou o sentimento nacionalista e de excepcionalidade, e estimulou o mito de terem eles, como “povo escolhido por Deus”, o dever de expandir a nova República, livre das amarras monárquicas.⁹ Desta forma, nos Estados Unidos, a República foi concebida e construída também como um valor moral, aos poucos interiorizado pelos norte-americanos. Foi esse mundo que o inglês Ewbank abraçou, defendeu e enalteceu.

⁷Sobre o processo de construção das identidades nacionais ver: ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁹ Ver: JUNQUEIRA, Mary A. Oeste, wilderness e fronteira no imaginário norte-americano. In: *Ao sul do Rio Grande*. EDUSF: 2000.

As bases protestantes norte-americanas

Tendo em vista que este capítulo tratará dos temas República em oposição à Monarquia, e protestantismo, em oposição ao catolicismo, sempre através das opiniões e julgamentos produzidos por Thomas Ewbank, considero pertinente tecer algumas considerações sobre a forma como religião e política, de certa forma, andaram juntas nos Estados Unidos.

Naquele país, muitos movimentos religiosos de denominação protestante defendiam princípios políticos, porque atribuíam um valor excepcional ao republicanismo (e vice-versa), a ponto de tomarem para si a responsabilidade de, como missionários, transmitirem esse ideal dentro e fora do país, unindo o maior número de pessoas em um esforço coletivo de reforma moral e social, como pode ser visto nos *Revivals* religiosos da primeira metade do século XIX. Vemos desta forma, que o esforço em construir uma identidade republicana, junto ao ideal protestante, no período em que viveu Thomas Ewbank, foi fortemente alimentado, das mais variadas formas.

A historiadora Cecília Azevedo tece importantes considerações sobre o peso do protestantismo na cultura norte-americana, fato que nos ajuda a compreender com mais profundidade as bases culturais que determinaram o olhar de Ewbank sobre a sociedade brasileira. Para a autora, o protestantismo exerceu e ainda exerce papel fundamental na história e nas ações políticas dos Estados Unidos, lugar em que o sistema político parece estar indissociado de sua fé.¹⁰ Nesse sentido, Azevedo afirma que,

Baseada nas fórmulas de alguns autores e demonstrada através de alguns exemplos, é a de que esse elemento central, que permite a conexão entre religião e política, puritanismo e liberalismo político, é justamente um forte sentido de virtude e missão.¹¹

Azevedo mostra como política – no caso aqui o ideário republicano – e a religião foram constantemente articulados para fazer valer esse ou aquele projeto, defender ideias e propor moralidade na política. Mas ela ressalva que a religião foi, e ainda é,

¹⁰ AZEVEDO, Cecília da Silva. “A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA”. *Revista Tempo*: Rio de Janeiro, n.11, pp. 111-129.

¹¹ *Ibidem*, p.120.

muito utilizada para fins de retórica política, uma vez que nos Estados Unidos, ressalte-se, a Igreja está separada do Estado.

Como veremos, Ewbank rejeitava o catolicismo e a monarquia, e acreditava que o protestantismo e o regime político republicano, eram os mais condizentes com os mais altos graus de civilização. Este modelo, o qual o autor indicou também para outros povos, como o brasileiro, estava instalado na zona temperada da América do Norte. Para ele, as Igrejas protestantes ocupavam um determinado lugar no Estado republicano e laico, enquanto o catolicismo misturava-se a todas as práticas sociais no Brasil. Contudo, reiteramos que, embora nos Estados Unidos a Igreja estivesse separada do Estado desde o início da construção do Estado nacional, é preciso reforçar que, naquele país, a religião e a política sempre foram apropriadas e reposicionadas, em uma espécie de parceria implícita, na medida em que os preceitos religiosos protestantes apoiavam o ideal republicano construído naquela nação, bem como a ética do trabalho e a moralidade implícita neste tipo de governo.

Dos males da Monarquia.

O Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX era uma cidade repleta de contrastes. A natureza exuberante, que circundava a cidade, as numerosas festas religiosas, assim como os cortejos reais, aliados a uma quantidade expressiva de mulatos e negros, escravos e libertos, promoviam uma imagem especialmente impressionante aos olhos dos estrangeiros, como salienta Luciana Lima.¹² Importante ressaltar, como afirma Alencastro, que, durante o período imperial, a escravidão foi - mais do que herdada do período colonial - endossada pelo sistema de governo, onde o mesmo retoma e reconstrói a escravidão no quadro do direito moderno, dentro de um país independente, projetando-a sobre a contemporaneidade.¹³

A carta de 1824, estabeleceu no Brasil uma Monarquia constitucional, que firmou as bases estruturais da política e administração do império. Nela, ficou determinado:

¹² Ver MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p.13.

¹³ ALENCASTRO, Luis Felipe. Vida Privada e ordem no Império. In: *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Cia das Letras, 1997, p.17.

A adoção da forma de governo monárquica, hereditária e constitucional, a divisão político-administrativa do território em províncias e a separação do poder político em quatro instâncias – Poder Executivo, exercido pelo Imperador e seus ministros de Estado; Poder Legislativo, composto por Senadores e deputados gerais e provinciais; Poder Judiciário, formado pelos juízes e tribunais, dos quais o de mais alto grau era o Supremo Tribunal de Justiça; e Poder Moderador, “chave-mestra de toda a organização política”, exercido pelo Imperador.¹⁴

Em 1846, um ano antes de ser implantado aquilo que ficou conhecido como “parlamentarismo às avessas”, podiam votar, nas eleições primárias, somente aqueles que possuísem uma renda acima de 100 mil-réis anuais. As eleições eram indiretas e realizadas em dois turnos; no primeiro, os cidadãos votavam para escolher os eleitores de províncias que, por sua vez, reunidos em Colégios Eleitorais, votavam em Deputados provinciais e nacionais e também Senadores, estes últimos, selecionados pelo Imperador. Para ser eleitor de província, era necessária a renda mínima de 200 mil-réis por ano, calculada, a partir de 1846, em prata, fator que dobraria o valor da mesma, exigida antes desse ano.¹⁵ O Imperador, como vimos, exercia o poder moderador, e estava acima dos partidos políticos e também da sociedade. Embora houvesse certa representatividade e divisão de poderes, é inegável sua soberania nas decisões, em seu mais amplo alcance.

Pedro II, então imperador do Brasil, contava seus 21 anos quando da estadia de nosso viajante ao Rio de Janeiro. As biografias sobre ele remetem o leitor à imagem de um homem admirador da modernidade e das ciências:

Considerado o mais ilustrado dos monarcas do seu tempo, impôs-se pelas virtudes intelectuais e a vasta cultura, surpreendendo notáveis interlocutores, a exemplo de Nietzsche, seu companheiro de prosa numa viagem pela Suíça.¹⁶

¹⁴ VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002, p.170.

¹⁵ *Ibidem*, p.224.

¹⁶ *Ibidem*, p.200.

De acordo com Alencastro, a escravidão, bem como o tráfico negreiro na década de 1840 encontrava-se em franca expansão, apesar de legalmente proibido desde 1831. Por outro lado, no período em que Ewbank esteve no Rio de Janeiro, a cidade se firmava como referência cultural e centro irradiador de modernidade, modismos, hábitos e costumes europeus para o resto do país.¹⁷

Como já indicamos, Thomas Ewbank, apesar de sua origem inglesa, demonstrou tanto em seu relato de viagem, como em outros escritos, rejeitar e mesmo menosprezar a forma monárquica de governo. Em total sintonia com as ideias republicanas, o autor procurou demonstrar os males causados pela Monarquia no Brasil.

No capítulo 1 de *Life in Brazil*, momento descrito na narrativa, em dezembro de 1845, quando o viajante se encontrava ainda em solo norte-americano, deslocando-se de Nova York até o porto de Richmond para embarcar no *Mazzepa* em direção ao Rio de Janeiro, Thomas Ewbank expôs a opinião de parte dos norte-americanos sobre as formas monárquicas de governo. Naquele momento o país discutia fervorosamente sobre a anexação da região do Oregon pelos Estados Unidos¹⁸ e, ao mencionar este assunto, o autor escreveu:

Passando por Jersey, multidões reuniam-se em cada vilajero na expectativa da mensagem presidencial. Esta nos encontrou em Bristol, onde cada um respondia aos sentimentos sobre o Oregon. Era universal a sensação de que nenhum outro pedaço da América do Norte deveria ser poluído pela monarquia e que aqui, aconteça o que acontecer, o povo deveria ficar livre dos males de

¹⁷ Sobre este assunto, ver: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Vida privada e ordem privada no Império. In: NOVAIS, Fernando (coord.) *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Ver também: FAUSTO, Boris. O segundo reinado. In: *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994.

¹⁸ A anexação dessa região aos Estados Unidos aconteceu em 1846, durante a presidência de James K. Polk, que, além de finalizar as negociações da anexação do Texas, voltou seus interesses para a enorme região do Oregon, que estendia-se das montanhas Rochosas até o Pacífico, e da fronteira da Califórnia mexicana de 42° ao sul até o Alasca russo. Essa região, ocupada anteriormente por espanhóis, ingleses e norte-americanos, no período em questão permanecia sob um Tratado que permitia a ocupação conjunta de ingleses e norte-americanos, acordo que poderia ser rompido por qualquer uma das partes desde que dessem um aviso prévio de um ano. No início da década de 1840, como já dito, com a expansão a Oeste, a ocupação do território por norte-americanos aumentou vertiginosamente, fato que impulsionou o interesse em anexar a região definitivamente ao território norte-americano. Para uma breve descrição deste assunto ver SELLERS, Charles, MAY, Henry e MCMILLEN, Neil R. *Uma reavaliação da história dos Estados Unidos: de colônia a potência imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, pp.169-70.

governantes hereditários, direitos de primogenitura, dízimos e um Estado sacerdotal.¹⁹

Aqui, Ewbank demonstrou como a República era aclamada nos Estados Unidos, e se utilizou desse fato para reiterar a sua posição política. Ao expressar a opinião norte-americana sobre o tema, o autor demarcou sua posição sobre o assunto antes mesmo de pisar em solo monárquico. O excerto demonstra que Ewbank já tinha opiniões muito bem concebidas sobre a República e a Monarquia e sobre o protestantismo e o catolicismo, antes mesmo de chegar ao Brasil. Assim, podemos inferir que o autor viajou para buscar elementos e assim corroborar o que já pensava sobre esses temas.

Já no Brasil, em visita ao Arsenal Militar, o autor demonstrou que em um país regido pela Monarquia, prevaleciam hábitos nada admirados em um sistema republicano de governo:

Ao meio dia os operários saem para jantar, cada um deles tirando o chapéu ao passar pelo portão externo – um tipo de cerimônia imposta a cada um, importantes ou não, estrangeiros ou nacionais, em todo edifício governamental. Assim sendo, na miserável entrada da Alfândega, negociantes, capitães e todas as outras pessoas que usam chapéu devem tirá-lo, ao entrar ou sair, cinquenta vezes por dia se lá forem com tanta freqüência. Este modo oriental de garantir reverência aos governantes parece ser uma espécie de homenagem semelhante à exigida por Gesler(sic), que colocou seu chapéu num poste e exigiu que todos os passantes curvassem o joelho. Aqui também, onde quer que haja uma reprodução em lata da cabeça do Imperador, todos devem descobrir-se em reverência, da mesma forma como se estivesse entrando numa igreja²⁰

¹⁹EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit. p.17. No original: In passing through Jersey, crowds were assembled in every village in expectation of the President's Message. It met us at Bristol, when every one responded to the sentiments concerning Oregon. The feeling was universal that not another foot of North America should be polluted with monarchy; that here, come what may, people should be free from the evils of hereditary rulers, primogeniture, tithes, and a state priesthood.

²⁰ Ibidem, p.73. No original: "At noon the workmen went to dinner, each taking off his cap as he passed the outer gate—a piece of ceremony enforced on every one, high or low, stranger or native, at every government building. Hence, at the shabby entrance to the Custom-house, merchants, captains, and every one else who wears a hat must remove it in passing in and out, and fifty times a day, if they go in as often. This Oriental mode of securing reverence for rulers appears to be a Gesler kind of homage. He put his chapeau on a pole, and required those who passed to bend the knee; so here, wherever a tin copy of the Emperor's head-gear is stuck up, every one must uncover in obeisance to it, the same as if entering a church."

Ao mencionar Hermann Gessler, tirano que governou Áustria no século XIV, o viajante associou a imposição de prestar reverência ao monarca à tirania. Tal relação colocou em evidência, como já dito, dois aspectos os quais sabemos causar rejeição em parte dos republicanos e protestantes norte-americanos, já que tanto a tirania como a “sacralização” de um homem, submetia uns aos outros, criando distinções em “homens que deveriam ser considerados iguais”.

A manifestação orgulhosa e exagerada de Thomas Ewbank sobre a Independência norte-americana é expressa em *Life in Brazil* no dia 4 julho. O autor associou o ato da colonização inglesa na América do Norte à escravização dos homens, como era comum desde a Independência do país:

Dia 4 - Os homens dos navios de guerra americanos, em traje de gala, fizeram as águas da baía borbulharem e o ar reverberar entre as montanhas, em honra deste dia em que começou o mundo o libertar-se da escravidão²¹.

Aqui está claro como o inglês Thomas Ewbank, abraçou com força o regime republicano, tal como o implementado nos Estados Unidos. As manifestações de oposição e desprezo de Ewbank pelo regime monárquico de governo, e no caso para com o Império brasileiro, podem ser acompanhadas nos comentários sobre as sessões da Câmara e do Senado na capital do país, as quais ele assistiu e, como não podia deixar de ser, reprovou. O viajante procurou apresentar ao leitor como se davam tais reuniões, privilegiando em seu discurso a falta de interesse da população em participar da vida política local, bem como da importância que os brasileiros imputavam aos rituais e cerimoniais da Monarquia, considerados superficiais e exagerados. Ressaltou a preocupação dos brasileiros com a aparência, traduzida pela vestimenta dos políticos, excessivamente formal e desconfortável:

Chegou a hora, e não havia mais de cinquenta espectadores nas galerias, embora a entrada fosse franca. Com a exceção de quatro padres, senadores e deputados estavam em trajes de cerimônia – calças brancas, paletós verdes

²¹ EWBank, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.391. No original: “4th. The American men-of-war, in gala dress, made the waters of the Bay flash and the air reverberate among the mountains in honor of the day when the world's exodus from thralldom began.”

abotoados até o queixo e meio cobertos de renda, espada e chapéu. Quase todos, de estatura média e corpulentos – nenhum Cássio entre eles.

Aos brasileiros não faltam os elementos de grandeza, mas um patriota, em trajes caseiros, um Franklin, Fócio ou um Dentatos dificilmente seria apreciado²².

Como se vê, Ewbank preocupava-se com os detalhes da vida cotidiana. Sua última observação é sobre Benjamin Franklin - considerado um dos “pais fundadores” da nação norte-americana, um dos que compuseram a galeria de heróis exemplares, que ajudaram a conformar o país “excepcional”. Franklin pode ter sido eleito por Ewbank como exemplo exatamente pelo mito criado em torno de sua personalidade: simplicidade, disciplina, controle do tempo dirigido para os negócios, denotando assim uma postura pragmática, voltada para o trabalho e realizações práticas, o que lhe fazia dedicar pouco ou nenhum tempo à aparência ou temas superficiais, exatamente o oposto daquilo que observara na sessão legislativa e na elite brasileira. Além disso, é interessante notar que ele colocou Franklin ao lado de nomes da Antiguidade²³.

Podemos inferir a partir de suas observações, que o autor incorporou os valores republicanos e estava imbuído pelo mito da excepcionalidade que constituía a nação norte-americana: a professada “virtude cívica”, que exigia a participação ativa do cidadão nos assuntos públicos, a simplicidade em contraposição aos excessos de qualquer natureza e o pragmatismo - valores fortemente presentes na cultura norte-americana, especialmente naquela que compunha parte da população conhecida como *WASP* (*white, anglo-saxon, protestant*). O autor, ao mencionar a pouca participação do público nas questões do Império, não reconhecia, como era de esperar, entre os brasileiros a existência de qualquer “virtude cívica”, comum entre os republicanos. No entanto, vale mencionar que a própria existência de um Senado e uma Câmara no Brasil demonstra que havia alguma divisão de poderes no Império e que, como visto, a

²²EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, p.278. No original: “The hour had arrived, and not over fifty spectators in the gallery, although admittance was free. With the exception of four priests, both senators and deputies were in official costume—white pants with laced seams, green coats buttoned up to the chin and half covered with lace, swords, and chapeaux. Most were of middle stature and corpulent—not a Cassius among them. Brazilians do not lack the elements of greatness, but a patriot in homespun—a Franklin, Phocion, or Dentatus—would hardly be appreciated.”

²³ Fócio, patriarca e bispo de Constantinopla, foi um dos principais responsáveis pelo Cisma Grego - separação das igrejas romana e ortodoxa - e Dentatos, herói dos primeiros tempos da República Romana e defensor da plebe, é mencionado como um homem com hábitos que prezava uma vida simples e incorruptível.

Monarquia aqui, não era “absoluta”; ainda que D. Pedro II concentrasse em suas mãos muito poder, além do sistema escravocrata que ajudava a manter. Mas Ewbank não era homem de ver complexidades nas sociedades. Com as suas observações, ajudou a criar uma imagem negativa do Brasil muito forte e resistente.

Ao citar Franklin como exemplo, o autor se faz compreender pelo público norte-americano. Sua observação sobre a incapacidade do brasileiro em valorizar os feitos ao invés da aparência dos homens, mais uma vez posicionou o brasileiro como incapaz de reconhecer e por em prática “atitudes individuais responsáveis”, como as que pediam os republicanos.

Aprofundando-se em sua percepção sobre as formalidades presentes no Império brasileiro, Ewbank narrou também o ritual que precedia o início dos trabalhos no Senado, bem como a entrada do Imperador em seus exagerados trajes, tão desconfortáveis que o impediam até mesmo de sentar-se de maneira honrosa. O viajante então observou a forma como o Imperador se comportou em sua breve permanência naquela sessão, na qual se manifestou através da leitura de um discurso previamente preparado:

Leu-a bem, diria mesmo, muito bem. Sua dicção é rápida, porém distinta e agradavelmente matizada e enfática. Sua voz é um tanto feminina. É musical, mas ligeiramente nasal, de quem abusa do rapé. Terminando a leitura de três páginas do documento, estendeu-o a um funcionário, ergueu-se, acenou ligeiramente com a cabeça à Imperatriz que estava nas galerias, apanhou o cetro, deu um olhar para trás onde estava o Marquês que lhe segurava a cauda, inclinou para os senadores e saiu como entrou. A cerimônia durou uns doze minutos. [...] Tão excessivamente minuciosos em ninharias que são os brasileiros, estávamos ainda diante de apenas parte das cerimônias. Ou a cadeira era muito baixa, ou as pernas de Dom Pedro muito longas. Parecia como se, sentando-se, ele descobrisse que não poderia mantê-las em posição vertical sem que alguma parte de sua indumentária se desalinhasse; e como ele não acharia honroso atirá-las para a frente, era compelido a pô-las debaixo do assento, onde, a julgar por sua inquietude, deveria estar muito descontente (como outros cavalheiros histriônicos, os atores reais devem submeter-se à crítica). A coroa deste cacique moderno é uma massa grande, esférica e sem

graça, que a distância poderia ter dado a impressão de uma cabeça com hidrocefalia²⁴.

Os recursos utilizados por Ewbank, para defender a República como a instalada nos Estados Unidos, foi desqualificar o Imperador brasileiro, diminuir a sua importância e ridicularizar as cerimônias e rituais que o circundavam. Primeiro, imputou ao imperador traços efeminados, ao mencionar a feminilidade de sua voz. Em seguida, o chamou de “cacique moderno” – termo que remete à idéia de concentração de poder nas mãos de um único homem. Ademais, o autor retratou a cena como se de fato não passasse de atores em um palco, apontando assim a teatralidade da situação - e, de forma implícita, a falta de seriedade e de uma postura mais pragmática. Preocupados como estavam com as pompas e em demonstrar reverências ao Imperador, pode-se inferir que o viajante considerava pouca dedicação a que era dada a assuntos e a realização de feitos de peso para a nação.²⁵

Desconsolado, em sua visita ao Palácio de Campo do Imperador, Ewbank criticou o fato de que alguns ministros norte-americanos estariam se submetendo a tais rituais, prestando, em suas palavras, “humilhante homenagem” ao monarca em suas visitas ao Brasil:

A sala do trono era grande e escura, precisando ser iluminada por candelabros. Os brasileiros são apegados às solenes tolices das cerimônias das cortes de Portugal e outros países da Europa que dificilmente se pode testemunhar sem sentir desprezo pelos seus atores. Causa profundo abalo ver ministros americanos prestando à monarquia humilhante homenagem, coisa que as

²⁴ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.278-9. No original: “He reads it well—I should say very well. His enunciation is rapid, but distinct, and agreeably diversified with emphasis. His voice is rather feminine. It is musical, but slightly nasal, as if he indulged in snuff. Running down three pages of the foolscap sheet, he handed it back to the officer, arose, slightly nodded to the empress in the gallery, took the staff, gave a glance behind, where the train-bearer—a marquis— was shaking it out, bows to the senators, and goes out as he entered. The performance lasted about twelve minutes.[...] So excessively punctilious in trifles as Brazilians are, there was one part of the performance not quite the thing. The chair was either too low or the legs of Pedro too long. It seemed as if, on sitting down, he became aware that he could not keep them upright without some part of his dress giving way; and as it would have been undignified to throw them out in front, he was compelled to coil them under the seat, where, judging from their restlessness, they were very unhappy. (Like other histrionic gentlemen, royal actors must submit to theatrical criticism.) The crown worn by this modern cacique is a large spheroidal, ungraceful mass, which at a distance might be taken for a head pretematurally enlarged with hydrocephalus.”

²⁵ Outro aspecto interessante a ser considerado reside no fato de que, em 106 ilustrações que compõem o relato de viagem, nenhuma delas representou qualquer imagem do Imperador ou de elementos diretamente relacionados à Monarquia.

repúblicas da Grécia não permitiam que seus embaixadores prestassem nem mesmo na corte da Pérsia. O comodoro Wilkes, quando aqui esteve viu pouca coisa, mas o suficiente para se desgostar.²⁶

Charles Wilkes foi o comandante da primeira viagem científica de circunavegação norte-americana, a *U.S. Exploring Expedition*, entre os anos de 1838-42.²⁷ Ewbank procura validar sua impressão sobre a Monarquia, citando o relato de viagem do comandante da viagem exploratória. Tal fato indica também como eram comuns, na época, impressões negativas sobre o Brasil e semelhantes às que o viajante construía ou reforçava. Com relação aos ritos monárquicos, por exemplo, de fato Wilkes mostrou pouca ou nenhuma simpatia, considerando “ridículo” o cerimonial de honrarias prestadas a Pedro I, na ocasião de seu décimo terceiro aniversário²⁸.

Ao longo do relato, vemos que Henry Wise, embaixador norte-americano que exerceu suas funções no Brasil de 1844 a 1847, e posteriormente foi governador da Virgínia, acompanhou Ewbank em muitos passeios pela cidade. É provável que Wise tenha sido uma espécie de influente anfitrião, que apresentou as práticas e políticas brasileiras ao viajante, oferecendo assim elementos para que Ewbank pudesse construir suas imagens e prognósticos sobre o Brasil. No ano de sua visita, Wise foi deposto de seu cargo, fato que o viajante não deixou passar sem um comentário em sua defesa:

O Sr. Wise foi subsequentemente afastado. Se os relatórios publicados da primeira entrevista de um dos seus sucessores com a Corte forem de confiança, há uma passagem de Plutarco que diz respeito a dois embaixadores tebanos junto ao Rei da Pérsia digno de ser transcrito: ‘Pelópidas não tolerava nada que fosse indigno de seu país ou seu caráter, mas Ismênio, quando ordenado a adorar o rei, deixou cair o seu anel, de modo que, inclinando-se para apanhá-lo, fez parecer realizar a prostração requerida.’ Há republicanos sem mesmo a virtude de Ismênio – afagam a realeza numa extensão tal que, fosse o caso de

²⁶ EW BANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.146. No original: “The ‘Throne-room’ is a large and dark one, and only used by candlelight. Brazilians are tenacious of the solemn fooleries of the Portuguese and other European court ceremonies, which it is hardly possible to witness without feelings of contempt for the actors; and a deeper emotion on beholding American ministers paying a humiliating homage to monarchy, which the republics of Greece would not allow their ambassadors, even at the court of Persia, to offer. Commodore Wilkes, when here, on his passage out, saw but a little, yet sufficient to excite his disgust.”

²⁷ Sobre esta viagem ver : JUNQUEIRA, Mary Anne. Charles Wilkes, a U. S. Exploring Expedition e a busca dos Estados Unidos da América por um lugar no mundo (1838-1842). *Revista Tempo* [online]. 2008, vol.13, n.25, pp. 120-138.

²⁸ Ver WILKES, Charles. *Narrative of the United States Expedition*. New York: G.P. Putnam & Co, 1856, vol.1, p.49. Disponível em www.books.google.com.br. Acesso em 10.15.2010.

um embaixador de Atenas ou Esparta, tal ato poderia ter sido punido com a morte.²⁹

A partir do excerto acima, subentende-se que Wise não se curvou à forma de governo monárquico, tão pouco se inclinou a prestar honrarias ao Imperador. Mas o que Ewbank não relata, é que Wise saiu do Brasil sendo considerado *persona non grata* pelo Império brasileiro, devido a sua “petulante” forma de protesto na ocasião da prisão do Tenente Alonzo Davis, e de outros marinheiros do navio norte-americano *Saratoga*, devido à má conduta em solo brasileiro.³⁰

Ainda sobre o hábito de “servir aos monarcas”, o viajante rejubilou-se ao saber que nem todos os brasileiros aceitavam certos tipos de serviços, postura essa que Ewbank relacionou à existência de sentimentos republicanos naqueles que assim agiam:

Como um fato indicativo de sentimento republicano, um jovem brasileiro de minhas relações recusou-se a suceder seu pai como ‘cavalheiro do quarto de dormir’, dizendo que não prestaria um serviço desses a nenhum homem.³¹

A caminho do Palácio de Campo, Ewbank, conta que essa residência, ocupada pelo Imperador e sua família pelo menos durante seis meses do ano, teria sido um presente ao Rei de Portugal. Em nota de rodapé, Ewbank, novamente, comentou sobre a má reputação da realeza portuguesa, acentuando assim a imagem de uma Monarquia cuja moral era duvidosa e seus costumes, tão bárbaros e cruéis quanto os de qualquer povo “não civilizado”:

... Miguel, irmão de Pedro I, e tio do atual Imperador, se iguala a qualquer dos carnívoros ungidos dos templos antigos ou modernos. Muitas são as anedotas a seu respeito. Costumava ir ao mercado com companheiros libertinos, e, entre

²⁹ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.269. No original: “Mr. Wise was subsequently recalled. If the published accounts of the first interview of one of his successors with the court are to be relied on, there is a passage in Plutarch respecting two Theban ambassadors to the Persian monarch worth transcribing: “Pelopidas submitted to nothing unworthy of his country or his character, but Ismenias, when commanded to adore the king, dropped his ring, that, stooping to pick it up, he might make the required prostration.” There are Republicans without even the virtue of Ismenias—who pander to royalty to an extent that, in an Athenian or Spartan ambassador, would have been punished with death.”

³⁰ Ver: MARTINS, Estevão Chaves de R.(Org). *Relações Internacionais: visões do Brasil e da América Latina*. Brasília: IBRI, 2003, p.141. Nos arquivos do IHGB, foi possível realizar a leitura das cartas e ofícios relatando o caso: Ver: Lata 108, documento 06: “Corveta americana Saratoga. Notas diplomáticas sobre a prisão de um oficial e alguns marinheiros da (ilegível) em novembro de 1846”

³¹ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.270. No original: “As a fact indicative of republican feeling, a young Brazilian of my acquaintance refused to succeed his father as “a gentleman of the bed-chamber,” saying he would perform no such services for any man.”

outras brincadeiras, agarrava um leitãozinho, lançava-o para o alto e recebia-o espetado na ponta da espada. [...] Era dessa forma que satisfazia aqui seu gosto sanguinário antes de usar o derramamento de tanto sangue em Portugal. Se os governantes de *jure divino* de nossa terra não bebem sangue, divertem-se com o sangue em sua maioria.³²

Por fim, vale a pena citar uma passagem em que o viajante elogiou os riograndenses do sul, (muito embora erre quanto a sua localização, ao afirmar que o Rio Grande do Sul faria fronteira com o Paraguai) por suas convicções republicanas e consequente virilidade, ambas associadas pelo autor:

Os habitantes do Rio Grande - província mais a sul, fronteira com o Paraguai, são conhecidos como 'guasas', devido às correias ou tiras estreitas de couro que levam nas mãos. As extremidades do laço, com o qual seguram o gado selvagem são constituídas de tiras de 'guasas'. Raça corajosa, os riograndenses respondem às afrontas chicoteando os ombros de quem os ofende. Bravos, rijos e imbuídos de princípios republicanos, estiveram em revolta durante onze anos e apenas recentemente foram induzidos a depor armas. Se continuarem sendo uma parte integrante do Império, provavelmente exercerão uma influência controladora em sua administração.³³

Ewbank, como não poderia deixar de ser, elogiou o projeto republicano que moveu a Guerra dos Farrapos ou Farroupilhas, que começou em 1835 e terminou em 1845, um ano antes de chegar ao Brasil. Novamente: apesar do viajante observar, ainda que de forma pontual, algumas positivities, a maioria das suas observações e das fortes imagens que construiu ao longo do relato, criam ou reforçam concepções

³² EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.144. No Original: "...Miguel, the brother of Pedro I. and uncle to the present emperor, equals any of the anointed carnivora of ancient or modern times. Many are the anecdotes current of him. He used to go to the market with profligate associates, and, among other tricks, snatch a sucking pig, swing it aloft in the air, and receive it on his sword's point. To vary the diversion, his companions would throw up the squeaking victims that his highness might with less exertion flesh his weapon in them.[...] Such was the way he gratified his taste for blood here before he caused so much to flow in Portugal. If the *jure dimno* rulers of our earth do not lap blood, most of them sport with it"

³³ Ibidem, p.140. No original: The inhabitants of Rio Grande—the most southern province, bordering on Paraguay — are known as " *Guasas*" from the thongs or narrow strips of hide they carry in their hands. The ends of the lasso, by which they take wild cattle, consist of guasca strips. A spirited race, they resent affronts by lashing the shoulders of offenders. Brave, hardy, and imbued with Republican principles, they have been in rebellion eleven years, and were but recently induced to lay down their arms. Should they continue an integral branch of the empire, they will probably exercise a controlling influence in its administration."

negativas e resistentes sobre o Brasil, podendo algumas delas ser encontradas ainda nos dias de hoje. Não se quer dizer que tal imagem foi criada exclusivamente a partir de fora, externamente, porque o papel dos brasileiros nessa concepção deve ser levada em consideração.

Dos males do catolicismo

Não há dúvidas de que a Igreja Católica exerceu uma função primordial, no século XIX, estando submetida ao Imperador em muitos aspectos. O artigo 5º da Constituição de 1824 reiterou que a Igreja Apostólica Católica Romana continuaria a ser a religião do Império. Para exercer um cargo eletivo, era necessário ser católico³⁴. A Igreja funcionou como elemento fundamental na burocracia estatal durante boa parte do século XIX. O Império interferia e controlava os assuntos religiosos e eclesiásticos.

Uma série de disputas de ordem política, social, econômica e cultural envolveram a Igreja Católica e, um dos impasses ocorridos, estava relacionado aos debates sobre “a definição do correto sentimento e prática católicos de uma população tradicionalmente apegada a uma religiosidade repleta de devoções, irmandades, festas e procissões, que muitos viam como superstições e credices.”³⁵ Dessa forma, nota-se que, ao longo do século XIX, estava em jogo uma nova postura do catolicismo, que se via ameaçado pela visão de uma elite alinhada com os ideais de progresso e civilização, e que, aos poucos, passou a acusar a igreja como responsável pelo “atraso e obscurantismo no Brasil”.³⁶ Ainda assim, esse tipo de expressão religiosa, fortemente marcada pela herança de um catolicismo barroco colonial, que misturava “o sagrado com o profano nas festas religiosas e pela importância do culto aos santos e pela teatralização da religião”³⁷, permaneceu prestigiada por todas as camadas sociais.

Antes de entrarmos no tema da religião, tal como foi representada no relato de viagem, é necessário destacar os vínculos religiosos do autor. Ewbank não era um homem da elite norte-americana, foi antes de tudo um quadro de estrato médio. Assim,

³⁴ Ver: VAINFAS, Ronaldo, op.cit, pp.126-7.

³⁵ Ibidem ,p.126.

³⁶ Ibidem, p.126.

³⁷ Ibidem, p.127.

como já indicamos, há lacunas a respeito de alguns aspectos da sua vida, devido à ausência de documentação que comprove algumas indicações. Contudo, ao pesquisar a árvore genealógica do autor, disponível em *sites*³⁸ especializados no tema, foi possível encontrar indícios sobre a religião professada pelo viajante. Ewbank se casou em Londres, na Igreja Anglicana de St. Alphage. Tal informação aponta o vínculo do autor à Igreja Anglicana e, já nos Estados Unidos, provavelmente estivesse vinculado à *Episcopal Church*.

Após a Independência dos Estados Unidos, a Igreja Anglicana foi completamente reestruturada, visto que o clero anglicano jurava fidelidade à Monarquia inglesa. Grande parte da classe clerical anglicana, assim como outros realistas, deixou o país recém-emancipado, em geral, rumo ao Canadá. A ordem passou a ser chamada de *Episcopal Church in the United States* ou *The Protestant Episcopal Church in the United States*. Como já indicado, suponho que Ewbank tenha permanecido como membro dessa Igreja, já que freqüentava a Igreja Anglicana, quando na Inglaterra.

Ao longo do relato de viagem, Ewbank demonstrou ter enorme interesse e curiosidade por Igrejas, celebrações religiosas e pela fé dos brasileiros em suas diversas manifestações. Prova disso é o volume considerável de páginas que o autor reservou para descrever Igrejas, festas, enterros, vida nos conventos, história dos santos e a conduta (i)moral dos padres. Logo nas primeiras páginas de *Life in Brazil*, o autor foi bastante incisivo em sua afirmação, imputando ao catolicismo uma forte responsabilidade pelo atraso dos países sul-americanos e pelo baixo desenvolvimento mental de seus habitantes:

Creio que o Romanismo, tal como existe no Brasil e, em geral, na América do Sul, é uma barreira ao progresso, e outros obstáculos a ele comparados parecem pequenos. Há nesses países, estadistas atentos a este fato. Mas, incorporado como está nos hábitos e pensamentos do povo, transfundido, por assim dizer, em seus ossos e medula, a menos que algum Kemps ou um

³⁸ Ver: www.phpgedview.com, consultado em : 17/03/2008. Além desta fonte de informação, busquei contato com seus familiares e até mesmo, nos Estados Unidos, com o cemitério onde Ewbank foi enterrado. Nessas tentativas, infelizmente não foi possível confirmar qual era a Igreja frequentada pelo viajante nos Estados Unidos. Para se ter uma idéia, em nota oferecida pelo jornal *The New York Times*, consta o dia e hora de seu velório, que foi realizado em sua residência. Consta também o nome do cemitério onde foi enterrado, assim como o nome do religioso que faria a cerimônia: Rev. Dr. Brown. Nenhuma igreja, como vimos, é citada.

Fenelon³⁹, ou um Lutero ou um Ronge surja para purificá-los, gerações passarão antes que a venda caia de seus olhos, permitindo que se tornem mentalmente livres.⁴⁰

O autor se valeu de pensadores religiosos importantes, alguns associados à doutrina protestante, e outros à mística católica, como no caso de Kempis – vertente religiosa que buscava o contato com Deus pela prática devocional, através de orações individuais e da leitura bíblica, promovendo assim um tipo de experiência religiosa mais pessoal e intimista - como único caminho para “purificar”⁴¹ os brasileiros de sua cegueira mental. O uso de tais autores, que pregavam justamente um contato mais intimista com Deus, sem a necessidade de intermediários, até mesmo sem a mediação do padre entre fiéis e Deus, representa o oposto do que aqui encontrou. Não foram poucas as vezes em que o viajante se referiu também à relação dos brasileiros com as imagens religiosas. A seguinte passagem indicia algo importante:

As imagens são peculiares e essenciais ao politeísmo, originando-se nos mais baixos estágios do desenvolvimento mental, sem elas se tornaria difícil imaginar como se conseguiria uma uniformidade de vistas quanto às pessoas, aos atributos e funções de uma legião de seres invisíveis, que pudesse ser estabelecida no espírito das massas ignorantes. Que confusão se cada um usasse sua imaginação para evocar a imagem dos deuses! Os modelos padronizados superam tal dificuldade. [...] O que eram tais imagens para os pagãos, são agora para os romanistas incultos: indispensáveis. Independentemente da parte que representaram na história da humanidade, não deixam de ter interesse quando encaradas simplesmente como uma invenção

³⁹ Trata-se, provavelmente, de Tomas de Kempis (1380-1471) – monge místico católico do período medieval, e provável autor de *Imitação de Cristo*. A Igreja Episcopal dos Estados Unidos lhe reserva um dia para homenagem em seu calendário litúrgico.

François Fénelon (1651-1715) – Teólogo católico, poeta e escritor francês, destacou-se em sua escrita sobre educação e seus sermões de grande qualidade. Foi grande estudioso da história antiga, sendo também acusado pela igreja de ser um adepto do quietismo, doutrina espiritual que postulava que o homem estaria mais próximo de Deus ao praticar a oração contemplativa, e buscar a aquietação da alma, ato que afastaria os fiéis da igreja e, portanto, declarado pela mesma como heresia.

⁴⁰EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op. cit., p.ix. No original: “I believe Romanism, as it exists in Brazil and South America generally, to be a barrier to progress, compared to which other obstacles are small, and there are native statesmen alive to the fact; but, incorporated as it is with the habits and thoughts of the people; transfused, as it were, through their very bones and marrow; unless some Kempis or Fenelon, Luther or Ronge. arise to purify it, generations must pass before the scales drop from their eyes, and they become mentally free.”

⁴¹ Creio que a palavra “purificar” utilizada pelo autor infere a impureza e sujeira quando trata dos hábitos católicos no Brasil.

pela qual, por meios sensíveis, se consegue representar ideias definidas sobre coisas espirituais.⁴²

Ilustração do Cristo morto, exposto na Igreja da Candelária.⁴³

O viajante procurou demonstrar que os rituais de adoração presentes no catolicismo originavam-se de religiões pagãs de tempos remotos, e tinham a finalidade de atender às necessidades espirituais de pessoas “ignorantes”, e que apresentavam um baixo estágio de desenvolvimento mental, razão pela qual seriam incapazes de compreender os assuntos ligados à espiritualidade de uma forma mais profunda e racional. Por esse motivo, seria necessária a criação de imagens que representassem concretamente as divindades. Nota-se que no relato de Ewbank, a Antiguidade é recuperada aqui e ali para trazer uma “personalidade” que sirva de exemplo, para valorizar a experiência republicana romana, mas também é recuperada para fazer a crítica ao paganismo e vincular esse aspecto religioso ao catolicismo, devido aos seus muitos santos. Veremos que a associação catolicismo/ignorância foi comum neste relato de viagem. A passagem abaixo segue a mesma linha de raciocínio, mas agora, comparando modos de ser entre anglo-saxões e brasileiros:

Saindo cedo para passear ao léu, encontrei-me, não sei como, na praia ou rua de Santa Luzia – rua sem casas, porém não sem uma igreja, e esta dedicada à senhora acima, padroeira dos cegos, e muito festejada por proporcionar o

⁴² EWBank, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p. 273. No original: “Images are peculiar to and essential to Polytheism. Originating in low stages of mental development, it is difficult to imagine how, without them, any thing like uniformity of views - respecting the persons, attributes, and functions of legions of invisible beings invoked could have been established in the minds of the ignorant masses. What confusion if every imagination had been left to conjure up figures of the gods for itself! Standard patterns removed the difficulty.[...]. What they were to the heathen they are to the untutored Romanists—indispensable. Independent of the part they have played in human history, they are not without interest when viewed simply as an invention by which sensible media were made to convey definite ideas on spiritual things.”

⁴³Ibidem, p.356.

alívio para o qual nós outros recorremos aos oculistas e as enfermarias de olhos.⁴⁴

Assim, nota-se que a religiosidade brasileira parecia exemplificar para o autor os primórdios da civilização. Em diversas passagens, Ewbank procurou demonstrar o quanto a fé católica dificultava o desenvolvimento de uma nação plenamente civilizada e racional. Seja para estimular o progresso do país, seja para livrar uma tripulação de tempestades em alto-mar, ou como vimos acima, para a cura de uma doença, o viajante indicou que santos eram invocados e promessas eram feitas, no lugar de atitudes enérgicas por parte dos homens ou da busca de soluções por meio da Ciência, como afirmou ocorrer com os anglo-saxões. O trecho acima revela a intenção do autor em marcar a diferença entre a forma prática e racional com que os norte-americanos solucionavam seus problemas, em comparação com as práticas supersticiosas dos católicos brasileiros.

Ilustração de Ex-votos, os quais o autor explica se tratar de uma espécie de oferenda, tal como ocorria na Antiguidade.⁴⁵

Em outra passagem, Ewbank demonstrou que as inúmeras festas e feriados católicos, implicavam em grande perda financeira para os comerciantes locais:

Os festivais de antigamente eram muito mais numeroso do que agora, embora não menos de cinquenta - eclesiásticas e leigas - ainda sejam mantidas para a insatisfação dos comerciantes. Adicione a isso os domingos, e um quarto do ano está perdido para o comércio⁴⁶.

⁴⁴ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.176. No original: "Wandering out early, I brought up, I know not how, on the beach or street of St. Luzia: a rua without houses, but not without a church—one dedicated to the lady just named. She is the patroness of the blind, and much celebrated for affording that relief for which we have recourse to oculists and eye infirmaries."

⁴⁵ Ibidem, p.153.

⁴⁶ Ibidem, p.170. No original: "Festivals were formerly greatly more numerous than now, though not less than fifty, ecclesiastical and lay, are kept up, to the dissatisfaction of merchants. Add Sundays, and one fourth of the year is lost to commerce."

Assim, o catolicismo impedia não apenas o desenvolvimento mental e espiritual dos brasileiros, mas, certamente, dificultava o desenvolvimento e enriquecimento do país. Por ser primitiva e deturpada pelo catolicismo superficial aqui praticado, o autor acreditava que a moral cristã era apenas superficialmente assimilada por seus fiéis e clérigos católicos brasileiros. Para ele, um povo movido por tal fé encontrava-se em dificuldades para progredir, pois como já dito, a infantilização e o estado de permanente ignorância que o catolicismo incentivava, desestimulava as ações dos homens e não promovia a busca por um desenvolvimento moral profundo.

Ao comparar os costumes religiosos do brasileiro com o paganismo praticado na Antiguidade Clássica, Ewbank, como vimos, parece querer tornar evidente o grau de desenvolvimento do povo que ele visitou. Mas o autor avançou em suas comparações ao comentar sobre os rituais dos índios norte-americanos, considerando-os superiores e mais refinados em comparação ao catolicismo. A seguinte passagem, apesar de longa, nos fornecerá elementos importantes para essa discussão:

Eu posso estar sendo preconceituoso – muitos de nós somos quando estamos fora do círculo de influências em que se formaram nossos hábitos e opiniões. Mas essa adoração manual, labial; e genuflexórios, de oscilações de turíbulos, defumações e aspersões, de imagens pintadas; esse sistema de manifestações exteriores que causariam náusea a qualquer pessoa sensata que delas fosse alvo – tudo isso me parece inteiramente fora de razão na época de hoje. Em certos aspectos, ultrapassa em rudeza a mais grosseira das idolatrias. A comunhão dos índios norte-americanos com o Grande Espírito me parece mais consistente e refinada. [...] e por mais vantajoso e justificável que possa ter sido a aplicação de tais práticas ao Cristianismo em seus tempos mais obscuros, hoje em dia certamente não mais é necessária. Entretanto as hierarquias nacionais e o clero menos elevado jamais as expurgaram; esclarecidos somente de fora para dentro, são sempre os últimos a ceder à razão. Ainda assim, o mundo das coisas religiosas também progride, e não pode ser de outro modo quando a ciência é cultivada e os Galileus têm liberdade de buscar o progresso. [...] Na ausência de uniformidade nas organizações humanas e influências do clima e de produções climáticas, as diferenças religiosas são inevitáveis. As raças hão de ter seus rituais próprios, e neles a homogeneidade é impossível. Além

disso, em cada indivíduo, o mar do pensamento deve agitar-se para impedir uma calma estagnante e putrefaciente.⁴⁷

Em primeiro lugar, é interessante notar que o autor considerou a hipótese de que suas impressões poderiam estar comprometidas por um olhar preconceituoso. Mas, tal percepção não foi suficientemente forte para que o autor mudasse de opinião ou restringisse seus ácidos comentários. Ewbank seguiu uma linha de raciocínio para traçar um perfil da religiosidade brasileira, e do catolicismo em geral, fortemente baseado nas teorias raciais e evolucionistas do período, como vimos ao final do excerto.

Além disso, é clara a associação que o autor faz entre política, religião e Ciência, ambas utilizadas como termômetro do progresso humano. Apesar de considerar naturais as diferenças entre os povos, Ewbank observou que os menos desenvolvidos não deveriam deixar-se estagnar em uma determinada etapa de desenvolvimento, como ele afirmou presenciar no Brasil, uma nação espiritualmente guiada pelo romanismo.

O autor, em vários momentos, procurou demonstrar que por trás da suposta espiritualidade do clero católico, não existia muito além da intenção de arrecadar dinheiro. “Com exceção da água benta, padres são pagos para tudo - para o batismo e sepultamento, bem como para o casamento”⁴⁸, afirmou o viajante.

De forma irônica e sarcástica, sempre buscando retratar a Igreja como um grande negócio, o viajante foi construindo essa imagem, com o objetivo de demonstrar que a atitude da Igreja pouco diferia da de qualquer comércio, distorcendo o seu “verdadeiro papel”. O autor foi construindo essa imagem em seu relato a partir de fatos exemplos. Ao falar de Nossa Senhora do Cabo da Boa Esperança, protetora dos marinheiros,

⁴⁷EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.391. No original: “I may be prejudiced—most of us are when out of the circle of influences in which our habits and opinions have been formed; but this manual, labial, tibial; this sprinkling, smoking, painted, pantomimic worship of the Creator; this system of externalage and gilded similitudes which sensible mortals would sicken to be complimented with, does seem out of character with the present times. In some respects it surpasses in grossness the grossest idolatry. The communion of North American Indians with the Great Spirit appears more consistent and refined.[...]However well intentioned the unknown authors of the physical worship of gods and dead men by means of images and their accessories may have been, and however expedient or justifiable, if either term be admissible, its application to Christianity in darker times, it surely is not necessary now; but national and minor hierarchies never purged themselves: enlightened only from without, they are ever the last to yield to conviction. Still, the world in religious matters is advancing; it can not do otherwise where science is cultivated and Galileos left free to pursue it [...]. In the absence of uniformity in human organizations, and in the influences of climate and climatic productions, religious differences are unavoidable. Races will have congenial rituals, and homogeneity in them is impossible. Moreover, on every subject the sea of thought must be ruffled to prevent a stagnant and putrescent calm.”

⁴⁸Ibidem, p.70. No original: “With the exception of holy water, priests are paid for every thing—for christening and burying as well as marrying.”

Ewbank informa ao leitor sobre o grande negócio que a santa gerava, devido ao enorme fluxo de navios e marinheiros no porto do Rio de Janeiro:

[...]é certo que os Carmelitas tiveram uma bela participação nessa espécie de seguro marítimo. Embora não emitissem apólices de seguros, como seus irmãos da Boa Viagem, seu negócio em certa época não era considerado menos rendoso que o seguro de toda espécie de riscos. Os frades seguradores têm privilégios especiais. Quaisquer que sejam os riscos que seguram, nunca pagam um prêmio nem compensam uma perda. Existem muitas coisas estranhas no mundo, pois se assim não fosse, estes mendigos transformados em seguradores já teriam atraído a atenção. Os Carmelitas constituem uma ordem de frades mendicantes. Aconteça o que acontecer às outras profissões, os recursos dos frades nunca falham. Todos os que negociam sob o nome e o estilo de determinado santo, têm uma máxima segundo a qual o santo pode satisfazer todas as exigências humanas. Ao mesmo tempo, os gerentes não exitam em seguir o hábito dos negociantes leigos, atraindo a freguesia de outros estabelecimentos e abandonando seus próprios campos quando os de seus vizinhos começam a produzir melhores frutos.⁴⁹

É sabido que parte do clero católico brasileiro era poderoso. Contudo, Ewbank não estabelece diferenciações ou nuances e homogeneiza tudo o que vê. Ele seguiu com seu objetivo de desmoralizar a Igreja Católica, demonstrando como era a “concorrência” entre os santos, e assim reforçou a imagem da Igreja como grande comerciante de milagres, ao demonstrar como os seus representantes iam lhes atribuindo determinadas habilidades e especialidades, de acordo com a necessidade de sua freguesia:

São Sebastião, da mesma forma que seu irmão Roque, era de início um médico da época da peste. Mas a peste é agora muito rara; sua prática tornou-se geral e numerosos concorrentes sagrados tratam das epidemias. O forte de Antonio era outrora proteger as casas contra os ladrões e recuperar mercadorias roubadas.

⁴⁹ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.181. No original: “[...]certain it is that the Carmelites came in for a handsome share of this species of marine insurance; and though they did not issue general policies, like their brethren of Boa-Viagem. Their business at one time was thought to have been not less profitable than endorsing all kinds of risks. Insuring friars have peculiar privileges. Whatever risks they underwrite, they never return a premium or make good losses. There are so many strange things in the world, or this of beggars turning underwriters had attracted notice. The Carmelites are an order of mendicants. Whatever happens to other professions, the resources of friars never fail. It is a maxim with all who trade under the name and style of a particular saint, that he or she can meet all human exigencies. At the same time, the managers do not hesitate to follow the practice of lay dealers in drawing custom from other establishments; leaving their own fields when in stubble to glean in their neighbors’.”

Agora, porém, mergulha em todo terreno, interferindo com São Brás na cura das doenças da garganta, concorrendo com São Miguel dos Santos, o príncipe dos extirpadores do câncer, tomando boa parte dos negócios e dos lucros das duas Senhoras protetoras dos marinheiros, vencendo São Gonçalo no casamento dos jovens, enviando mais chuva aos plantadores na época da seca e fazendo com que a terra mais pobre se torne dadivosa sem esterco, com maior facilidade que todos os outros amigos dos fazendeiros. Um gênio universal – um santo para todo tipo de trabalho.⁵⁰

Como já dito, Ewbank era ácido, irônico e não temia ser deselegante nos seus comentários. Sobre os santos ou o significado que estes tinham para esse autor, escreveu:

Para nós, esses gênios venerados são bonecas de dezoito polegadas; para os romanistas, são reconhecidos como um meio através do qual as orações chegam até aqueles que representam.⁵¹

THE MEETING OF OUR LADY AND SAINTS.
Ilustração da procissão de encontro de Nossa Senhora com Santa Izabel.⁵²

⁵⁰EWBANK, Thomas. *Life in Brazil*, op.cit., p.181. No original: “St. Sebastian, like his brother Roque, was originally a plague doctor, but the pest is rare; his practice has become general, and scores of holy competitors undertake epidemics. Anthony's forte once lay in protecting houses from thieves and recovering stolen goods. He now dips into every thing—interferes with St.Brass in curing sore throats; competes with St.Michael dor Santos, the prince of cancer eradicators; takes a large slice of the business and profits of the two lady protectors of seamen; has used up St. Goncalo in marrying young folks ; sends more rain to planters in dry times, and makes more poor land fruitful without manure than all other friends to farmers—a universal genius—a saint of all work.”

⁵¹Ibidem, p.182. No original: “To us, these venerated genius are but eighteen-inch dolls; to Romanists, they are acknowledged media by which prayers reach those they represent.”

⁵² Ibidem, p. 388.

Um outro exemplo desmoralizador da Igreja Católica apareceu quando o autor comentou sobre a vida nos conventos. O viajante traçou a cena, demonstrando que as freiras viviam em uma espécie de presídio, totalmente privadas de contato com o mundo exterior. Ao visitar o Convento da Ajuda, Ewbank descreveu o engenhoso aparelho de receber e entregar objetos e encomendas, projetado de forma a impedir qualquer contato com as freiras:

A largura da abertura do tambor é apenas de metade da largura da parede, de forma que em nenhuma posição do tambor é possível a um espectador ver o que existe do lado de dentro.⁵³

Ainda sobre as freiras do convento da Ajuda e seu “eficiente sistema de encarceramento”, Ewbank questionou se, de fato, tais medidas serviriam para evitar a entrada de estranhos ou, se na verdade, tinham como objetivo impedir a fuga de suas moradoras:

Se, como diz, as freiras são felizes em suas celas, qual o motivo, em terras onde prevalece a lei, da existência dessas muralhas maciças, grades, ferrolhos, fechaduras e outros aparelhos? Admite-se que nesse lugar não falem nem mesmo os grilhões. Nenhuma prisão de criminosos poderia ter melhor sistema de segurança. Que relação pode existir entre o delicado e bondoso espírito do Evangelho e tanto ferro? Os códigos penais são suficientes para impedir que intrusos penetrem no local; para que então tais engenhos, se não são destinados a impedir que fujam os que estão lá internados?⁵⁴

Aos poucos, Ewbank pinta um quadro que desfavorece e desqualifica completamente as condutas brasileiras, fossem políticas ou religiosas. Era inconcebível para um homem “racional e moderno”, imbuído de ideias e responsabilidades republicanas, se deparar com as desceneessárias pompas do Império e, ao sair às ruas,

⁵³ EWBANK, Thomas. *Life in Brazil*, op.cit., p. 163. No original: “The width of the opening into the drum is only half the thickness of the wall, so that in no position of the drum can a spectator see any one within.”

⁵⁴ Ibidem, p.164. No original: “If, as is said, itins are happy in their cells, for what purpose then, in lands where law prevails, are these massive walls, gratings, bolts, locks, and other devices? Even shackles, it is admitted, are not wanting in this place. No felon-prison can have a better system of securities. What alliance can there be between the gentle, willing spirit of the Gospel and so much iron? Penal statutes suffice to prevent people from breaking in; what need of such devices, if not designed to keep those confined from breaking out? These thoughts I addressed to my companion, who said I might stay till the door-keeper returned, and ask her! In two minutes more we were in the street. Through what passage she had disappeared, after blocking her door, we could not imagine.”

encontrar apenas com superstições e com os desmandos do clero, sem reprovar tais cenas. Sobre o cotidiano das enclausuradas, Ewbank novamente reforçou a imagem de uma tradição que parou no tempo:

As virgens enclausuradas da Ajuda passam sua vida de maneira muito semelhante às suas irmãs da Antigüidade: separadas do mundo por injunção dos pais ou da família, dedicadas a uma deusa, Nossa Senhora da Ajuda, vestindo um hábito particular, tendo sua iniciação acompanhada pelo corte dos cabelos, jurando guardar castidade e sujeitas à pena de morte caso violem o juramento. Estritamente segregadas pelo emprego de meios extraordinários para evitar sua comunicação com o lado de fora das paredes que as fecham, sob a vigilância de uma abadessa e de um sistema de espionagem que esquadrinha todos os seus pensamentos, sujeitas ao controle e à punição do Bispo, sem poderem receber a visita de qualquer pessoa do sexo masculino, a não ser os interessados em sua guarda no convento, e sem permissão de manter conversa livre com quem quer que seja.

O *pontifex Maximus* castigava as monjas pagãs por seus crimes e seu representante moderno faz a mesma coisa. Se as freiras cristãs não são agora submetidas à morte por violarem seus votos, já o foram outrora, e, se não fosse o crescente progresso intelectual da época, sem dúvida voltariam a sê-lo.⁵⁵

Em seguida, Ewbank relatou alguns fatos a ele informados pelo já citado Henri Wise: este lhe contou que conheceu quatro irmãs, e que todas foram para o convento de Santa Teresa, forçada pelos pais. Passaram-se os anos e, assim que o pai morreu, as três que ainda estavam vivas, apelaram ao Papa e de lá conseguiram sair. Outra história de Wise, tratou de um negociante que levou a filha para o Convento da Ajuda, sem que esta soubesse para onde, e, de lá, só saiu quando aceitou casar-se com o homem que o pai havia escolhido e que ela havia recusado, antes de ingressar involuntariamente na instituição. Vemos, portanto, que além de superficial, supersticiosa e apenas interessada em lucros, o viajante mostrou ao leitor norte-americano uma Igreja que também não respeitava o livre-arbítrio de seus fiéis, enclausurando mulheres contra a sua vontade e obrigando-as a viver por toda a vida em uma espécie de prisão.

Ewbank pareceu realmente impressionado com o ato de beijar as imagens no Brasil, visto que por várias vezes comentou o mesmo tipo de cena, observada em igrejas diferentes, e quase sempre ressaltou com repugnância o fato de que negros e brancos

beijavam a mesma imagem, subsequentemente. A passagem que segue deu-se na Igreja dos Capuchinhos:

Enquanto estava encarando o molde da sola do sapato de Nossa Senhora, um homem de cor se colocou entre esta e nós, e pondo suas mãos contra a parede branca de cal, pressionou nariz e boca contra o quadro. Logo após, um branco respeitável entrava, e saudando o quadro três vezes, passou para a capela, onde o encontrei com seu predecessor negro, meia hora após, ambos de joelhos. Duas manchas como que de nuvens estavam nas mãos dos devotos. Estas provas untuosas de devoção vinham-se acumulando desde a minha visita. As partes centrais eram escuras como âmbar. Um longo banco em baixo do quadro tornava necessário para apoiar as mãos neste ato de piedade ⁵⁶

Ilustração do molde do sapato de Santa Verônica.⁵⁷

Ilustração da cena de devoção de negros e brancos na Capela dos Capuchinhos, descrita no excerto acima.⁵⁸

⁵⁶EWBANK, Thomas. *Life in Brazil*, op.cit., p.275. No original: “While we stood facing the framed pattern of Mary’s shoe-sole, a colored man came between it and us, and, putting his hands against the whitewashed wall, pressed his mouth and rubbed his nose against it. Shortly after, a respectable white man came in, and saluting it three separate times, passed into the chapel, where I found him with his colored predecessor, half an hour after, both on their knees. Two cloud-like patches were on the wall right and left of the frame—stains left by the hands of the worshipers. These unctuous proofs of devotion had accumulated since my previous visit. The central parts were dark as umber. A long bench beneath the picture rendered it necessary to use the hands in this act of piety.”

⁵⁷ Ibidem, p.162.

⁵⁸ Ibidem, p.275.

Seu posicionamento diante da Igreja Católica ganhou ares ainda mais indignados quando finalmente se decidiu a comentar a conduta “imoral do clero” tema com o qual Ewbank gastou muita tinta e muitas páginas:

Eu não tencionava dizer uma única palavra a respeito da moralidade dos padres, mas ouvindo tanto quanto ouço diariamente, é impossível calar. Nem eu nem qualquer outro estrangeiro poderíamos suspeitar que chegasse a tal ponto a corrupção entre o clero, a não ser que tivesse uma situação semelhante à minha, e com os olhos abertos. As palavras de um brasileiro esclarecido aqui citadas, não o são para denunciar indivíduos, e sim o sistema que faz com que eles sejam o que são. “O clero deste país é superlativamente corrupto. É impossível que haja homens piores, ou que se possa imaginar homens piores. Na igreja parecem responsáveis e devotos, porém seus crimes secretos fizeram desta cidade uma Sodoma; há, naturalmente, honrosas exceções, mas estas são muito poucas.” Um velho habitante do Rio, que não tem nem motivo nem inclinação para desprestigiar o país e sua moral, acrescentou: “Tudo isso é verdade, e muito mais ainda do que o senhor pode imaginar”[...] Outro, cuja autoridade não seria posta em dúvida se fosse prudente dar-lhe o nome, observa: “Os padres são, sem dúvida, a parte mais licenciosa e dissoluta da comunidade. As exceções são realmente raras. Embora o celibato seja um de seus dogmas, vê-se que quase todos têm família. É um fato evidente, que não admite argumento contrário, que em seus amores eles preferem as mulheres de cor: negras e mulatas”.⁵⁹

Importa notar que o viajante condena não o padre, o indivíduo, mas o sistema da Igreja Católica como um todo. Ewbank, ao criticar a conduta do clero brasileiro, buscou o testemunho de brasileiros que também teciam críticas ao catolicismo, como

⁵⁹ EW BANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.142. No original: “I did not intend to say a word on the morals of the priests, but hearing so much as I do daily, it is impossible to refrain. The depth of their pollution I should not have suspected, nor would any stranger, unless in a similar position with myself to have his eyes opened. The following language of an enlightened native is not introduced to denounce individuals, but the system that makes them what they are. " The priesthood of this country is superlatively corrupt. It is impossible for men to be worse, or to imagine men worse. In the churches they appear respectable and devout, but their secret crimes have made this city a Sodom; there are, of course, honorable exceptions, but they are very few." An old inhabitant of Rio, who hap neither inducement nor disposition to misrepresent the country or its morals, added, " [...]Another, whose authority would not be questioned if it were prudent to give his name, observes, " They are assuredly the most licentious and profligate part of the community. The exceptions are rare indeed. Celibacy being one of their dogmas, you will find nearly the whole with families; and it is a substantial fact, which admits of no argument, that in their amour? they are ever partial to women of color—blacks or mulattoes.”

forma de legitimar as afirmações que fez. Neste caso, é evidente o modo como este autor se valeu do testemunho dos locais para afirmar e confirmar imagens que o autor já carregava consigo, antes de chegar ao Brasil, como vimos no início desse capítulo. É interessante observar que, até mesmo no que se refere ao catolicismo praticado nos Estados Unidos, o mesmo é considerado como superior em seu país, como se pode notar na passagem abaixo:

O ex-núncio, um velho cavaleiro de chapéu de três pontas e meias vermelhas passou para se despedir do Sr. Wise. Ele foi substituído por um jesuíta ao que se diz profundamente astuto. Ele possui a fama de liberal demais para amoldar-se às vistas do Vaticano e demasiado esclarecido para acatar as superstições populares. Ele diz que o povo aqui não tem religião nenhuma; adora imagens e deleita-se apenas com os rituais mais grosseiros das igrejas, enquanto que o clero é notório pelos piores vícios. Uma vez lhe perguntaram por que o Papa não manda um núncio para assistir os católicos dos Estados Unidos. Ele respondeu: 'Não é necessário. O clero daquele país é mais espiritual do que qualquer outro. Seus conflitos com as seitas protestantes os mantêm puros.'⁶⁰

O fato de o catolicismo ser professado nos Estados Unidos de alguma maneira o “purificava” de alguns desmandos que se via no Brasil. Certamente, Ewbank, devia relacionar tal perspectiva em virtude do clima temperado daquela região, além do contato com os protestantes, como vimos, e do “nível de civilização” que o país alcançava. Ao norte, a virtude; ao sul, o descrédito.

Apesar da preponderante influência das ideias raciais nas considerações feitas pelo autor, seus pensamentos e julgamentos sobre o Brasil e, em especial, sobre religião, como vimos acima, parecem fortemente conectados com os princípios da ética protestante. Max Weber⁶¹, ao escrever sobre o tema, faz alguns apontamentos importantes a respeito do espírito capitalista, protestante e racional que caracterizava alguns países da Europa e parte da nação norte-americana, a qual Ewbank também pareceu manifestar.

⁶⁰EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., pp.268-9. No original: “The ex-nuncio, an old gentleman in a three-cornered hat and red stockings, called to take leave of Mr. Wise, having been superseded, and, as report goes, by a deep-designing Jesuit. He is reputed to have been too liberal to suit the views of the Vatican, and too enlightened to sanction the popular superstitions. He says the people here have no religion; they worship images, and delight only in the grossest of Church usages, while the clergy are notorious for the worst of vices. He was once asked why the Pope did not send a legate to preside over the Romanists in the United States. His reply was, " There is no need of one. The clergy there are more spiritual than any where else. Their conflicts with Protestant sects keep them pure.”

⁶¹ Ver: WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

Mas no caso específico deste capítulo, nos interessa ao menos mencionar a relação que os protestantes, a partir das distintas denominações (Batistas, Metodistas, Puritanos, Quakers, Presbiterianos etc), estabeleciam com Deus e a forma como esta religiosidade se expressava, a grosso modo, em sua vida cotidiana. Nesse sentido, é sabido que, em geral, que seus templos são simples, sem imagens ou devoção extremada a qualquer tipo de santo. Isso ajuda a compreender a repulsa que Ewbank sentia ao ver manifestações por parte dos fiéis, um tanto quanto exageradas aos olhos de um protestante.

Outro fator que não pode ser desprezado para compreender o olhar de Ewbank sobre o Brasil e sua religião é a imagem de superioridade que os puritanos deixaram como herança ao homem estadunidense. A ideia de *Destino Manifesto* e do excepcionalismo norte-americano, ajudaram a formar o imaginário deste país entre fins do século XVIII e início do XIX, conferindo uma superioridade de origem divina aos Estados Unidos. Ewbank, pelo orgulho que demonstrou ter do país que adotou, e pelo desprezo que manifestou quando teceu observações sobre a Igreja Católica e sobre a Monarquia, certamente partilhava da crença de pertencer a uma nação modelar, excepcional, com a missão universal de proliferar suas ideias na construção de um novo mundo, apesar da sua origem inglesa.⁶²

Tendo em vista as observações acima, parecia ser difícil para Ewbank compreender um país e respeitar uma religião fundamentada em crenças e ritos que, para ele, soavam tão irracionais. A predominância nos Estados Unidos de um protestantismo vigoroso, associado à forte defesa ao progresso em homens como Ewbank, parece dar conta de explicar boa parte da indignação e mesmo ridicularização que o viajante teceu a respeito do catolicismo que regia a vida das pessoas no Brasil. Assim, permanecer em um país cujos valores morais pareciam ser moldados de fora pra dentro do indivíduo - o oposto da formação protestante - o conduz à avaliação de que o brasileiro possuía uma constituição moral fragilizada, quase nula. Assim, o brasileiro era ignorante porque católico, e católico porque ignorante.

A última passagem de Ewbank exposta neste texto demonstrou claramente a percepção do autor sobre a fragilidade moral do catolicismo. O clero era o primeiro a viver de forma corrupta e indecorosa, provando assim, o fracasso romanista na formação ética e moral de seus religiosos que, por sua vez, contribuiriam muito pouco

⁶² Sobre este assunto ver: AZEVEDO, Cecília da Silva, op.cit.

para a formação moral de seus fiéis. Na sua visão, a pouca inclinação da maioria dos brasileiros para refletir de forma racional sobre estas e outras questões, deixavam poucas perspectivas para que este viajante enxergasse uma possibilidade real de progresso e mudança na visão religiosa e política do país, a curto e médio prazo.

Para solucionar a parca e ineficiente formação religiosa e moral do brasileiro, Ewbank via como única alternativa, como não podia deixar de ser, a implantação do protestantismo no país. Todavia, este não parecia ser um projeto viável para os trópicos:

Quanto mais conheço este povo, mais distante me parece o êxito que qualquer missão protestante entre eles. As festas são obstáculos difíceis de serem removidos. As massas populares apreciam-nas extraordinariamente, e o coração nacional pulsa em uníssono com elas. Além disso, há classes poderosas interessadas em mantê-las. Também os domingos são reconhecidos por todos como dias de recreação. As senhoras riem abertamente da seriedade e da comentada tristeza das famílias inglesas do Rio que vão à igreja como a um funeral. Basta que se ponham nelas os olhos, para ter-se pena delas! Os protestantes, dizem, degeneram aqui. A capela dos ingleses jamais recebeu um brasileiro que se convertesse, enquanto os padres conquistaram membros protestantes da colônia inglesa. Os metodistas episcopais mantiveram por algum tempo uma missão aqui, porém a retiraram. Não há lugar em que um missionário possa encontrar-se com o povo, pois este o evitava como se fosse algo de desonroso ser visto em sua companhia, e as pessoas tinham para com o missionário um sentimento que chegava às raias do desprezo, e que decorria da arraigada crença na ignorância e na presunção do ministro protestante. Na opinião brasileira, o missionário e seus assistentes não eram mais instruídos em assuntos de religião que o povo de Zago, que punha esterco ao pé de uma torre para que ela crescesse. E também o clima é contra a severidade de costumes das seitas do Norte. Nenhum metodismo ou puritanismo rigoroso poderá jamais florescer nos trópicos. O comércio do país, externo e interno, é contrário à queda do *romanismo*. As relações sociais e civis seriam

rompidas, e milhares e milhares de indivíduos perderiam os meios de subsistência. Jamais ocorreu a repentina conversão de uma cidade.⁶³

Notamos a relação que o autor fez entre um determinismo geográfico que se articulava com fatores culturais, impedindo o protestantismo de se firmar no país. O fato de a religião ser um “negócio”, além de manter uma conformação social que atendia aos interesses da elite, também apareceu como fator preponderante. A cada comentário, aumentava o pessimismo do viajante para com o Brasil e para com o brasileiro.

Em uma das passagens de Ewbank, ao assistir a um culto religioso na Capela dos Ingleses - considerada a primeira Igreja Anglicana do Brasil - o autor demonstrou claramente um distanciamento e desconforto com a forma com que se pregava a palavra de Deus naquela Igreja:

Em companhia de T... fui a Capela dos Ingleses. A leitura do dia, Reis I; XIII, foi mal escolhida para meus leitores americanos; era uma furiosa defesa da monarquia e do esterilizante caminho que ela seguiu neste país. O oficiante, irlandês de nascimento, defende o direito da Inglaterra de governar como lhe apraz o país conquistado; justifica o confisco em massa do solo pelos invasores, aos quais ele se jacta de pertencer; nega, com um tapa na mesa, que a Igreja Anglicana seja um fardo para o povo irlandês, e com outro tapa desafia o ouvinte a citar o exemplo de um senhor, um bispo ou um vigário que ponha em dificuldades alguma família pela coleta de dízimos, ou que afaste alguém a fim de conseguir lugar para pessoa do seu rebanho. E com uma terceira pancada, que fez os copos retinirem uns contra os outros, ele prova que “os ingleses teriam o direito de fazê-lo, se o quisesse”. A metade de seu

⁶³ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op. cit., pp.238-9. No original: “The more I see of this people, the more distant appears the success of any Protestant missions among them. Festivals are obstacles that can not easily be got rid of. The masses are too fond of them, and the national pulse beats in unison with them; moreover, there are powerful classes interested in maintaining them. Sundays, too, are universal seasons of recreation. Ladies laugh outright at the seriousness and alleged long faces of English families passing to church as to a funeral. To see them is enough to make one pity them! Protestants, it is said, degenerate here. The British chapel never received a native convert, while monks have drawn members from it, The Episcopal Methodists have had a mission here for some years, and have abandoned it. There is no ground on which a missionary can meet the people. They avoid him as one with whom association is disreputable, and they entertain a feeling toward him bordering on contempt, arising from a rooted belief in his ignorance and presumption. In their estimation, he and his employers are no wiser in Church matters than the people of Zago, who manured the foot of their steeple to make it grow. Then the climate is against the severities of northern sects. Neither stringent Methodism nor Puritanism can ever flourish in the tropics. The commerce of the country and its internal trade are opposed to the overthrow of Romanism. Civil and social relationships would be broken up, and thousands upon thousands lose the means by which they live. No sudden conversion of a city ever occurred.”

salário é paga pelo governo britânico. E o seu tema de hoje era “O Amor de Deus”.

O livro de reza que me foi entregue era um dos editados “pela autoridade” poluídos de ordens reais, impondo a quem o use o que deveria crer e por quem haveria de rezar. Além de trinta e nove itens de fé que lhe foram preparados, lembrando ao leitor os quarenta golpes de chibata administrados aos antigos descrentes, contém também um credo, acompanhado de uma enorme profusão de cláusulas condenatórias, o bastante para aterrorizar um selvagem. Diz que quem quer que duvide de seus ditames “será sepultado no Inferno por toda a eternidade”. Pois eu não ficaria sequer uma semana no Céu em companhia dos furiosos fanáticos que conceberam tal coisa e dos intrigantes que a aplicam.⁶⁴

Aqui, o autor teceu severas críticas aos ingleses e ao anglicanismo que não rejeitava os valores monárquicos. Apesar de sua origem inglesa, a passagem acima demonstra o autor muito mais envolvido com o protestantismo e o republicanismo praticados nos Estados Unidos do que com o do país europeu. Embora ele elogiasse o nível que a Inglaterra havia atingido no que dizia respeito à indústria e à técnica.

Vindo de um país (os Estados Unidos) em que a “ação humana racional e pragmática” era altamente valorizada, Ewbank não conseguiu desvincular-se de suas crenças e de sua formação moral, cultural e intelectual para poder enxergar algo mais além da “irracionalidade, fragilidade moral e ignorância perpetuadas”, a seu ver, pela Monarquia, pelo catolicismo e, ao fim e ao cabo, pelo clima do Brasil.

Ewbank, antes de visitar o país, já carregava consigo a concepção sobre o atraso do brasileiro na escala de desenvolvimento na distribuição das raças pelo globo. Contudo, o que escolheu ver e relatar, o fez confirmar o que antes conjecturava. É como se o viajante já aportasse em seu destino com olhos treinados, e assim, fixados em elementos que se harmonizassem com crenças que ele já trazia consigo, como também demonstrou Tzvetan

⁶⁴ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op. cit., p.392. No original: “Went with T to the British Chapel. The lesson for the day, 1 Sam., xii., was an unlucky one for the reader—a furious stickler for monarchy, and an upholder of the withering curses it has heaped on his native land. An Irishman by birth, he maintains England's right to rule the conquered country as she pleases ; justifies the wholesale confiscation of the soil to the invaders, from whom he boasts of being descended; denies, with a slap on the table, that the English Church is a burden to the Irish people, and with another challenges you to cite an example of a lord, bishop, or vicar distressing a family for tithes, or removing one to make room for sheep; and by a third thump, that sets the glasses ringing, proves " it was right if they did." Half his salary is paid by the British government. His theme to-day was "The Love of God."The prayer-book handed me was one of those issued "by authority," polluted with royal mandates, enjoining upon its owner what he is to believe and whom he is to pray for. Besides thirty-nine items of faith prepared for him, reminding him of forty stripes lacking one administered to old unbelievers, it contains a creed, accompanied with a profusion of damnatory clauses, enough to make a savage shudder. It tells every one who doubts its dicta " without doubt he shall perish everlastingly." I would not stay a week in heaven with the red bigots that conceived it, or the intriguing ones that perpetuate it.”

Todorov, ao identificar comportamentos semelhantes nos viajantes que descobriram e conquistavam as Américas.⁶⁵

Como vimos, os comentários de Ewbank são por demais preconceituosos. Creio que podemos deduzir que o viajante escreveu esse relato, pensando em publicá-lo apenas nos Estados Unidos e não no Brasil; porque se pretendesse publicá-lo aqui, teria escolhido outro tom para escrever o seu relato. De maneira nenhuma suas críticas à Igreja Católica e ao Império brasileiro seriam bem vistas aqui, naquele momento. O autor não demonstrou possuir meios-termos, e seu estilo de escrita nos permite afirmar que o autor escreveu para um público que pensasse como ele – provavelmente os estudiosos da etnologia, em primeiro lugar, e o público norte-americano, de denominação protestante, em geral. Isso talvez explique o fato de *Life in Brazil* ser publicado no Brasil somente em 1973, 177 anos depois de sua publicação nos Estados Unidos.⁶⁶

⁶⁵ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América. A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes: 1996.

⁶⁶ Conferir: EWBank, Thomas. *Vida no Brasil....* Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

4- A TÉCNICA, A MÁQUINA E O PROGRESSO NO “IMPÉRIO DO ATRASO”

Até este momento, vimos que Ewbank construiu uma visão predominantemente negativa sobre o Brasil, a partir de uma viagem que fez e na qual visitou exclusivamente o Rio de Janeiro, sendo que em alguns momentos, a percepção negativa do autor se ampliou primeiro para o Brasil e depois para a América do Sul. Assim, de muitas maneiras, a partir do Rio de Janeiro, o viajante traçou um diagnóstico caótico e atrasado sobre a América Latina em geral, embora os países hispano-americanos tivessem optado pelo regime republicano tão defendido pelo autor.

Essa imagem negativa veio fortemente fundamentada nas questões postas pela etnologia do período, a partir da concepção que se tinha sobre a distribuição das raças humanas pelo globo e sobre o determinismo climático. Aliado a isso, como vimos no capítulo anterior, Ewbank considerava a cultura monárquica presente no país e a inserção da religião católica entre a população como fortes componentes a manter o Brasil nas escalas mais baixas da evolução. Mas a baliza, o referencial primordial, que orientava os diagnósticos e determinava se uma sociedade era desenvolvida, ou não, era o advento da técnica e do progresso instalados no país, bem como sua postura adotada com relação ao trabalho, símbolo de uma sociedade que valoriza o esforço pessoal, o progresso e a civilização. Nas páginas que seguem, veremos que esta concepção tecnicista e fortemente valorizadora do progresso, foi um instrumento constantemente utilizado por Thomas Ewbank para avaliar o país.

A técnica, a máquina e a indústria na primeira metade do século XIX

O período entre as últimas décadas do século XVIII e primeira do século XIX, foi impactante em termos de transformações em todos os aspectos da vida, especialmente do ponto de vista econômico, em razão do rápido desenvolvimento de técnicas e de máquinas, as quais transformaram o mundo a partir do triunfo da Revolução Industrial.¹

Thomas Ewbank viveu em um contexto histórico fortemente influenciado pelo Iluminismo, bem como marcado por enormes mudanças no modo de vida, decorrentes do desenvolvimento científico, tecnológico e industrial, visto por seus entusiastas como

¹ Ver HOBSEBORN, Eric J. *A era das Revoluções – 1789-1848*. RJ: Editora Paz e Terra, 1977.

o caminho que levaria o mundo a seu ápice de desenvolvimento, gerando bem-estar e felicidade plenos. Foi também um período da miséria da classe trabalhadora, de falta de oportunidades e de salários baixíssimos. A Inglaterra, berço da indústria, foi igualmente o berço das desigualdades e da crescente perda de espaço de algumas profissões tradicionais, como a dos antigos artesãos e mestres de corporações de ofícios.

O historiador Michael Adas aponta que, para além das questões sócio-econômicas implícitas no processo da industrialização, o desenvolvimento de novas técnicas de produção e a invenção de máquinas cada vez mais sofisticadas, bem como a sustentação de teorias embasadas no cientificismo oriundas principalmente da Inglaterra e França, serviram como instrumentos de poder, na medida em que, na visão dos europeus, tais características indicavam sua superioridade com relação a outros povos. Em outras palavras, a ausência de técnicas nos moldes de alguns países europeus, justificou sua intervenção “civilizadora” e foi também um argumento poderoso que ajudou a manter e/ou fundamentar a classificação de povos não europeus como bárbaros e inferiores, abrindo caminho para ações imperialistas.² Este tipo de crença no progresso das nações através do desenvolvimento científico e tecnológico, aparece de forma muito clara em *Life in Brazil* e em todos os livros de Ewbank posteriormente publicados.

Ewbank, nascido na Inglaterra, obviamente vivenciou os efeitos, comungou das expectativas e foi ardoroso defensor da Revolução Industrial. O excerto abaixo, retirado de seu primeiro livro, publicado pela primeira vez em 1842, indica tanto o valor que o autor atribuía às artes úteis quanto o seu descontentamento diante da forma como o seu país de origem tratava os trabalhadores ligados à mecânica, profissão que admirava:

Observações ocasionalmente têm sido introduzidas sobre a importância das artes mecânicas e da real dignidade que acompanha a sua profissão, não obstante o estado degradado em que operários já foram mantidos por aqueles que viveram da sua ingenuidade e enriqueceram através de suas habilidades. Mas acreditamos que este estado de coisas está passando, e não está distante o tempo, quando esses homens, em vez de serem considerados, como no antigo regime, como servos virtuais, irão exercer uma influência na sociedade proporcional às suas contribuições para seu bem-estar.³

²ADAS, Michael. *Machines as the measure of men: science, thecnology and ideologies of western dominance*. New Iork: Cornell University Press, 1989. Introdução.

³EWBANK, Thomas. *A descriptive and historical account of hydraulic and other machines for raising water, Ancient and Modern: whit observations on various subjects connected with the mechanic arts: including the progressive development of the steam engine*. New York: D. Appleton and Co., 1842, p.V No original: “Remarks have occasionally been introduced on the importance of the mechanic arts and the

Ou ainda:

A ciência e as artes estão renovando a constituição das sociedades. O destino das nações não pode ir muito longe se mantida por políticos jogadores, ricos ignorantes, palhaços da nobreza, fantoches da realeza. Estes já não sustentados por ajudas factícias deverão descer para seu próprio nível. Teorias governamentais não deverão se opor à natureza e realizar em oposição de suas leis. Mas a ciência prática será o princípio dominante, e os filósofos práticos serão, como Deus planejou que devessem ser, os espíritos mestres do mundo.⁴

Nos excertos acima, Ewbank faz uma crítica ao ócio de parte da sociedade que compunha o regime aristocrático, considerado por ele como anti-natural. Por outro lado, valoriza o trabalho individual do homem que surgia. Na primeira metade do século XIX, atribuía-se grande valor as possibilidades do homem, sendo este considerado apto para construir a própria vida através do trabalho. Valorizava-se também o surgimento dos setores médios da sociedade e o homem que vencida na vida por esforço próprio (*self-made-man*) e não pelos dotes e vantagens do seu nascimento.

O mundo mudava em termos sociais, culturais, políticos e econômicos, em uma velocidade nunca antes vista. As estradas de ferro, as máquinas a vapor, e a modernização dos campos a partir de um melhor planejamento na utilização da terra e de incrementos químicos anunciavam a chegada de um novo período.⁵ Nos Estados Unidos da década de 1840, os avanços rumo à industrialização acenavam como importantes competidores no mercado⁶. Esse período foi marcado por um crescimento econômico considerável, embora não se compare com os avanços que ocorreram após a

real dignity attached to their profession, notwithstanding the degraded state in which operatives have ever been held by those who have lived on their ingenuity and become enriched by their skill. But this state of things we believe is passing away, and the time is not distant when such men, instead of being deemed, as under the old regime, virtual serfs, will exert an influence in society commensurate with their contributions to its welfare.”

⁴EWBANK, Thomas, *A descriptive and historical account...*, op.cit., p.VI. No original: “Science and the arts are renovating the constitution of society. The destiny of nations cannot be much longer held by political gamblers, wealthy dolts, titled buffoons, and royal puppets; these no longer sustained by factitious aids must descend to their own level. Theories of governments will not be opposed to nature and carried out in violation of her laws ; but practical science will be the ruling principle; and practical philosophers will be, as God designed they should be, the master spirits of the world.”

⁵ Sobre a Revolução industrial inglesa e o processo de criação de novas tecnologias ver: LANDES, David S. *Pometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até nossa época*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

⁶Hobsbawn nos informa que o navio a vapor, o desenvolvimento da produção em série, a criação de uma correia de transmissão nos moinhos de farinha – são exemplos dos avanços norte-americanos dos anos 1830. Ver HOBBSBAWN, op.cit. p.191.

Guerra Civil (1861-1865). De todo modo, é na primeira metade do século XIX que a industrialização norte-americana tem o seu arranque. Além disso, no mesmo período, a produção de trigo neste país cresceu de forma impressionante, devido à expansão de terras de cultivo e da invenção da ceifeira mecânica. A produção de algodão no Sul apresentou um crescimento de 60%, subindo para 100% na década de 1850, alavancada por importantes invenções, tais como o desencaroçador de algodão, desenvolvido por Eli Whitney em 1792. O açúcar produzido na Louisiana aumentou sua produção em quatro vezes entre 1830 e 1859. Tamanho crescimento na agricultura norte-americana implicou também em um crescente aumento no preço da mão-de-obra escrava.⁷ Enquanto isso, na Nova Inglaterra, ganhava lugar as primeiras indústrias têxteis que manufaturavam produtos a partir da matéria-prima produzida no Sul do país.

Além disso, houve uma significativa transformação no que se refere aos transportes nos Estados Unidos: estradas foram construídas, canais que ligavam rios erigidos e as ferrovias, símbolos da velocidade e das intercomunicações desta fase da industrialização, estavam em período de implantação, não só em território norte-americano, mas em vários países. A Inglaterra instalou a primeira linha em 1825, os Estados Unidos em 1827, França em 1828 e o Brasil em 1854, depois de debates sobre o tema. Vemos, portanto que o fenômeno da industrialização alicerçado nos caminhos de ferro foi tomando vários países.

Nos Estados Unidos, ainda que esse advento do progresso recebesse uma defesa ardorosa de muitos, devido às possibilidades prenunciadas, é preciso ressaltar que havia opiniões contrárias a esse respeito. Leo Marx⁸ demonstrou como a implantação de novas técnicas que invadiu os campos e possibilitou um relevante crescimento da agricultura, da mineração e da construção de ferrovias, trouxe um modo de vida que não se harmonizava com o ideal pastoril, presente em parte significativa da população, inclusive entre escritores, muitos deles informados pelo romantismo do período, como por exemplo, Henry David Thoreau. Essa parte da população valorizava a vida simples no campo e perto da natureza. Ainda assim, de acordo com Leo Marx, as novas invenções não eram rejeitadas pela maioria, devido à crença de que a tecnologia, deveria servir para facilitar esse ideal de vida simples, e não para substituí-lo. O ideal que valorizava a natureza ou *wilderness* norte-americano como elemento da identidade

⁷SELLERS, Charles; MAY, Henry e McMILLEN, Neil. A casa se divide, 1843-1860, in *Uma reavaliação da História dos Estados Unidos – De colônia a potência imperial*. RJ: Jorge Zahar editor, 1990. Capítulo 14.

⁸ Ver MARX, Leo. *A vida no campo e a era industrial*. São Paulo: Melhoramentos, EDUSP, 1976

nacional,⁹ além de ser tema dos homens das letras, mais do que da máquina, recebeu forte apoio dos pintores, em especial os da Escola do Rio Hudson que se esmeraram em tratar o mundo natural que os cercava. De acordo com Maria Ligia Coelho Prado, estes pintores, que buscaram retratar a natureza norte-americana,

contribuíram para a elaboração de imagens constitutivas de uma identidade nacional, era uma arte nacionalista que pretendia afirmar que a natureza atingira sua forma mais pura elevada nos Estados Unidos.”¹⁰

Prado afirma ainda que, esta representação de natureza grandiosa e intocada foi utilizada “como fonte cultural e moral e como base da auto-estima nacional”¹¹. A autora cita também o poeta Walt Whitman, que, em defesa de seu país, afirmava que “os Estados Unidos eram ‘um poema maior’, em que havia harmonia perfeita entre natureza e sociedade.”¹²

Muitos dos adeptos do progresso defendiam a ideia de que nos Estados Unidos, com sua nova república, seu amplo território e rica natureza, o sistema fabril seria “purificado” e redimido de seus problemas.¹³ Desta forma a máquina, na visão de muitos norte-americanos, traria melhoramentos para o dia-a-dia, promovendo o acesso aos rios antes não navegáveis, abrindo caminhos antes inacessíveis e retirando frutos de terras antes improdutivas.

Na Europa, por outro lado, alguns homens, a despeito do fascínio que a máquina geraria em toda uma geração, viam a industrialização como um mal para a sociedade. Pensadores como Friedrich Schiller e Thomas Carlyle, fizeram contundentes críticas não à máquina em si, mas à possibilidade de se construir uma sociedade de ricos cada vez mais ricos, e pobres cada vez mais pobres, cujos homens, tais como as máquinas,

⁹ De acordo com Mary Anne Junqueira, a palavra *wilderness*, que não possui tradução para o português, pode abrigar variados significados, entre eles: selvagem ou o espaço do primitivo. Pode ser também relacionado à um estado de espírito. Nas palavras da autora, “A ideia de separação da Europa foi amplamente veiculada por políticos e representada por romancistas, poetas e pintores. A natureza, o *wilderness* norte-americano – principalmente o da região norte do país – que em alguns momentos da colônia era encarada como entrave para a modernização, dadas as dificuldades do clima frio, passou a ser entendida como algo que diferenciava a América da ‘velha Europa’ desgastada e decadente.” Ver: JUNQUEIRA, Mary Anne. Oeste, *Wilderness* e Fronteira no imaginário norte-americano. IN: *Ao Sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1960)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000. p.78.

¹⁰ PRADO, Maria Ligia Coelho. Natureza e Identidade Nacional nas Américas. IN: *América Latina no século XIX: Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: EDUSP, 2004.p.192.

¹¹ Ibidem., p.188.

¹² Ibidem, p.189.

¹³ MARX, Leo. op. cit., p.115.

agiriam de forma mecânica.¹⁴ O tempo, antes regido pela natureza, era cronometrado pelos relógios e cada cidadão deveria aproveitá-lo de forma a ser útil à sociedade ou, mais precisamente, às indústrias, através do trabalho. O trabalhador aos poucos era relegado à mera peça dentro do sistema de produção, necessário àquela nova ordem social, mas considerado como indigno e incapaz de efetivamente pertencer a ela. A pobreza e miséria - visíveis nos bairros onde os trabalhadores eram aglomerados sem as mínimas condições de higiene e salubridade, além dos distúrbios sociais decorrentes de tal situação - eram expressivas em cidades como Londres e Paris.¹⁵

Henry Thoreau, nos Estados Unidos, foi um dos que se incomodaram com o universo da indústria e com o consumo, temendo a padronização dos modos de vida e as suas conseqüências, como a inconsciência e automação do indivíduo. Em 1845, aos vinte e sete anos de idade, Thoreau decidiu ir viver de forma simples na floresta, às margens do lago Walden. Tal vivência personificava um tipo de experiência fortemente impregnada deste ideal pastoril¹⁶. Este autor, além de não acreditar que a vida moderna que se anunciava fosse o caminho para a liberdade dos homens,¹⁷ criticou as ações expansionistas do governo, bem como o seu poder de anular as individualidades, sendo a ação de convocar e inserir parte dos homens ao exército o maior exemplo disso. Thoreau tornou público seu pensamento através da escrita de *Desobediência Civil*, de 1848, libelo no qual repele o recrutamento feito pelo governo para o Exército que havia se engajado na guerra contra o México (1846-1848), conflito em que o país latino-americano perdeu metade do seu território. Vemos, então, que havia nos Estados Unidos diferentes formas de se perceber o mundo moderno que surgia, a tecnologia e suas conseqüências. No entanto, é interessante observar que a ideia de excepcionalismo norte-americano esteve presente tanto na defesa feita pelos que advogavam a máquina, quanto pelos que a negavam. Nas palavras de Leo Marx:

Na sua forma mais simples e exemplar, (temos) o mito de que os europeus experimentam uma regeneração no Novo Mundo. Tornam-se homens novos, melhores e mais felizes – renascem. É a natureza que explica as virtudes e a especial boa fortuna dos americanos. Permite-lhes planejar uma comunidade à

¹⁴MARX, Leo. op.cit., pp.122-3.

¹⁵ Sobre este assunto ver: BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX. O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

¹⁶ Sobre esta experiência, o autor escreveu uma espécie de manifesto contra o mundo industrializado.ver: THOREAU, Henry David. *Walden, or, life in the woods*. Boston: Riverside Press-Cambridge, 1854.

¹⁷ MARX, Leo, op.cit., p.177.

imagem de um jardim, uma fusão ideal da natureza e da arte. A paisagem se torna assim o repositório simbólico de valores de toda a espécie – econômicos, políticos, estéticos e religiosos.¹⁸

Na perspectiva de Marx, havia, portanto, dois pólos de força que se defrontavam neste período de forma bastante intensa e decisiva: uma que defendia o ideal pastoril e a outra que advogava o advento da técnica e da máquina. Obviamente, o movimento em direção ao progresso não podia ser contido. Vale mencionar aqui, que, na década de 1850, os defensores do progresso e da tecnologia nos Estados Unidos passaram a advogar em favor de suas ideias de forma mais ostensiva. Chegavam ao ponto de prezar por um certo anti-intelectualismo e desprezar a educação clássica e a ciência que não fosse a voltada para algo útil. Seus adeptos, apontavam que as descobertas e aplicações, ao contrário do trabalho realizado por acadêmicos e artistas, ofereciam à população um resultado prático para o bem-estar do homem e para o avanço das artes úteis. Thomas Ewbank foi um deles, e é citado por Léo Marx como um dos homens que ajudaram a oficializar esta posição:

Uma nota aguda de anti-intelectualismo entra na celebração industrial na década de 1850 e o Comissário de Patentes, Thomas Ewbank, deu à doutrina da utilidade um selo oficial. Na verdade, nada resume melhor a metafísica do industrialismo do que uma declaração dele, citada neste exemplo sob o título: “Civilização, Inventores, Invenção e as Artes”: “As suas obras proclamam a sua preferência pelo útil em relação ao meramente imaginativo e, na verdade, é no útil que se pode encontrar o verdadeiramente belo ou sublime. Um barco a vapor é uma epopéia mais poderosa que a *Iliada* e Whitney, Jacquard e Blanchard podem até rir desdenhosamente de Virgílio, Milton e Tasso.”¹⁹

Já no Brasil, embora Ewbank considerasse o país bastante atrasado no que se referia às mudanças rumo à vida moderna, eram sentidas também transformações nesse sentido, mesmo que não fosse no ritmo norte-americano, nem nas áreas valorizadas pelo viajante. Com a chegada da corte portuguesa em 1808, iniciou-se a criação de cursos superiores e academias profissionais. Em apenas dois anos, nasce no Rio de Janeiro duas academias: a Academia Naval (1808) e Militar (1810).²⁰ Ainda em 1808, a cidade

¹⁸ MARX, Leo, op.cit., p.164.

¹⁹ Ibidem, p.144.

²⁰ Ver VARGAS, Milton.(org.). *História da técnica e da tecnologia no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994.

de Salvador inaugurou sua Escola de cirurgia e no Rio de Janeiro, em 1813, surgiu a Academia Médico-cirúrgica, ambas transformadas em Faculdade de Medicina em 1832. Em 1827, foram fundadas as Academias de Direito do Recife e de São Paulo. Além disso, podemos citar o Real Horto (Jardim Botânico), fundado em 1808, o Museu Real (atual Museu Nacional), de 1818, e o Observatório astronômico, fundado em 1827. Vemos, portanto, que desde o final do período colonial, houve um incremento de centros de formação técnica e científica, no intuito de solucionar problemas de engenharia e também incrementar a astronomia - particularmente a voltada para navegação - e apurar técnicas e cálculos que trouxessem precisão aos levantamentos topográficos e outros conhecimentos indispensáveis para a viabilização do Império.²¹

Uma instituição importante no período, fundada em 1810, foi a Academia Real Militar do Rio de Janeiro. Segundo Milton Vargas, foi aqui que a engenharia militar se desenvolveu de acordo com os moldes europeus. Para se ter uma ideia, o curso, ao todo, somava sete anos. Os quatro primeiros ensinavam Matemática, mecânica racional, hidráulica, Física e Geografia. Nos últimos três anos, ministravam-se disciplinas militares e científicas. Em 1823, foi anexada a esta instituição a Academia de Guarda-Marinha, resultando essa junção na Academia Imperial militar, momento em que se incorporou ao curso matérias de engenharia civil.²²

Desta forma, nota-se que o Brasil da primeira metade do século XIX, ao contrário do que Thomas Ewbank representou em seu relato de viagem, buscava desenvolvimento em determinadas áreas. Não podemos deixar de mencionar que Pedro II era um imperador profundamente interessado nas ciências e estimulou o seu desenvolvimento no Brasil.

Tal como nos Estados Unidos, a população no Brasil era predominantemente agrária, e a exportação de café, no período em que Ewbank aqui esteve, era o carro-chefe do país em termos econômicos; e, assim como nos Estados Unidos, os escravos exerciam os trabalhos nas lavouras, nas casas de famílias, e em muitos outros estabelecimentos. Mas este aspecto da mão-de-obra não foi eleito por Ewbank como objeto de comparação em suas análises. A ele importava o estímulo que surgia nos Estados Unidos às “artes úteis” e à possibilidade do indivíduo, especialmente os dos segmentos médios da sociedade, de alcançar a ascensão social através do próprio trabalho.

²¹ Ver VARGAS, op.cit. passim.

²² Ibidem, p.21.

No Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX, havia entidades que valorizavam o crescimento da indústria no país, ainda que voltada para a agricultura. Como exemplo, podemos citar um importante jornal direcionado a este tema - *O Auxiliador da Indústria Nacional* – Periódico da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, estabelecida no Rio de Janeiro. A edição de 1846²³ publicou textos sobre as máquinas a vapor, química, e muitos outros artefatos mecânicos para a otimização da indústria. Abaixo alguns trechos retirados deste jornal :

A indústria, mãe de todas as ciências e artes, e causa primária da opulência e grandeza das nações, em geral se reduz á ação das forças físicas e morais do homem aplicadas á produção. [...] Destas definições facilmente se colige, que a indústria data da origem do mundo, que o homem ou colhendo os frutos da terra, ou transformando as produções existentes em coisas, que lhe fossem de proveito, para melhor conseguir este intento, viu-se na obrigação de empregar a infinidade de meios de que foi dotado. Tendo de lançar mão de toda sua inteligência, perspicácia, atividade e energia completamente o fez; e claramente mostrou por suas obras que era o mais perfeito dos entes criados. Nestas indagações e na pesquisa de verdades tão úteis á humanidade, criou-se o trabalho, que tendo sido o gérmen de todos os gozos e cômodos sociais é o agente principal de progresso. É por isso que a história a cada instante nos faz ver, que a indústria foi sempre um objeto que mereceu a atenção de todos os povos.²⁴

A existência de um jornal como o *Auxiliador da Indústria Nacional*, nos mostra que o Brasil estava em sintonia com as ideias relacionadas ao progresso, mesmo que não fosse aquele valorizado por Ewbank, e que havia segmentos da sociedade que valorizavam a técnica, a máquina e a indústria.

Os periodistas afirmavam que cada país, tinha um segmento de produção, o qual se destacava. No caso do Brasil, por seu amplo território e número reduzido de habitantes, seria a agricultura o ramo que predominaria por muitos anos. Não obstante, afirma que era conveniente que as indústrias manufatureiras e comerciais aqui se desenvolvessem, principalmente para a produção de equipamentos destinados à agricultura:

²³*O Auxiliador da Indústria Nacional*. Rio de Janeiro: n. 1, nova série, vl. 1, 1846, pp.3-4.. Disponível para consulta no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro(IHGB).

²⁴ *Ibidem*, pp.3-4.

Assim sejamos agricultores instruídos e experimentados, empregemos todos os nossos esforços para o engrandecimento e prosperidade do nosso comércio e navegação, e façamos com que no Brasil apareçam em número suficiente algumas das manufaturas mais indispensáveis, cuja falta já hoje nos é mui sensível. Quando isto alcançarmos então grandes serão os bens, que traremos ao nosso país, pois assim o faremos imensamente rico e forte. A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, cônica dessas verdades, há 22 anos que trabalha, preparando os materiais precisos, para que um dia possamos conseguir este grande *designatum*.²⁵

Composto por artigos variados, que versavam desde a construção de poços até o manejo do bicho da seda, este tipo de documentação nos informa que parte da elite do Brasil, daquele período, além de se interessar pelas novas técnicas, demonstrava vontade em obter algumas delas.

As impressões de Thomas Ewbank sobre a técnica no Brasil

Apesar do crescimento que abarcou o Brasil no século XX, colocando-o em uma posição de respeito e destaque econômico, ainda hoje, tal como aconteceu no século anterior, é possível encontrar diagnósticos superficiais sobre o país, atravessados por impressões negativas. Apenas para citar alguns - e no que concerne ao interesse da pesquisa - o de que éramos uma economia exclusivamente exportadora, que não havíamos desenvolvido de forma eficiente a nossa indústria e estávamos, portanto, em situação de atraso com relação aos países do considerado mundo desenvolvido. Havia também a imagem de que os brasileiros, em geral, não eram muito afeitos ao trabalho. Estas são referências muito cristalizadas e repetidas à exaustão por políticos, intelectuais, cientistas, jornalistas etc. O que se pretende abordar aqui é o fato dessas impressões já estarem presentes na primeira metade do século XIX e a partir da comparação com os Estados Unidos, país que ainda construía o seu Estado nacional e organizava a sua industrialização.

Repito, contudo, que essas representações, sobre o Brasil, contidas no relato de viagem escrito por Ewbank circularam primeiramente nos Estados Unidos, visto que o livro só foi publicado em português em 1976, o que não impediu que circulasse em

²⁵ *O auxiliador da Indústria nacional*, op. cit., pp.5-6.

inglês no país. Desta forma, *Life in Brazil* representa uma forma de pensar, uma maneira de diagnosticar os males deste ou daquele país, tendo como referência as idéias que circulavam no período, entre elas, como vimos no capítulo 1, as que versavam sobre a origem do homem e o lugar de cada sociedade na evolução da humanidade.

A primeira página de *Life in Brazil* já anuncia o tipo de homem que há por trás da escrita desse relato. Escrito de uma forma quase poética, suas primeiras linhas vêm carregadas de observações sobre o progresso e a evolução humana:

Os tempos atuais trazem o início de um novo capítulo na história do homem e, não parece diferente de uma nova época no desenvolvimento de sua existência. Hábitos e impulsos até aqui rudimentares parecem prontos para alcançar a maioridade, como se o estado larvar de sua existência humana se encerrasse e o homem estivesse prestes a usar asas tanto quanto os pés – uma era de locomoção, e o prelúdio para a do voo.²⁶

Em seus escritos, é patente a crença em certo tipo de evolucionismo. A associação feita pelo autor, do homem abandonando seu estado larvar, tal como as borboletas, prestes a desenvolver asas, demonstra de forma clara sua crença na evolução do homem, na qual no ápice da escala estariam os países que haviam optado pelo desenvolvimento de novas tecnologias e pela produção e lucros que a industrialização proporcionaria.

Para Ewbank, e muitos de seus contemporâneos, os países que haviam alcançado os degraus mais altos na linear evolução, eram os que, além de terem o clima temperado a seu favor, possuíam números significativos de homens versados nas “artes úteis” da técnica e da mecânica, constituindo setores médios envolvidos predominantemente com o trabalho. Eram também os que haviam desenvolvido a habilidade de observar os “mecanismos da natureza”, pois ali se encontravam as pistas para que o homem otimizasse a própria natureza, transformando a matéria-prima em bens, aumentando a sua produção e transformando-a em mercadoria. Para Ewbank, encontravam-se nas sociedades leis como as da natureza. Bastava indentificá-las. Obviamente, o viajante se coloca entre aqueles capazes de perceber as possibilidades do país que adotou, imbuído

²⁶ EWBANK, Thomas. *Life in Brazil*, op.cit., p.V. No original: “ THE present times are the beginning of a fresh chapter in man's history, and look not unlike the opening of a new epoch in the development of his being. Habits and impulses hitherto rudimental seem ready to burst into maturity, as if the larva state of his existence was closing, and he was about to use wings as well as feet—an age of locomotion, and the prelude to one of flight”

de autoridade para avaliar, julgar, e conceber verdadeiros diagnósticos sobre os lugares que visitou.

A passagem a seguir, extraída de *Life in Brazil*, ilustra o seu pensamento de homem prático e observador da natureza, que percorre tudo o que escreveu:

[...]estivemos cercados por provas irrefutáveis de que as formas cardinais e os ornamentos dos arquitetos, marceneiros e gravadores provém da arte da natureza. Não digo que ela elabore os seus materiais em moldes, colunas e capitéis definidos. Não haveria nenhuma vantagem para seu aprendiz se ela o elaborasse, uma vez que sua missão não é antecipar seus esforços, mas despertá-los e dirigi-los. Portanto, como um sábio mestre, ela sugere idéias, e incita-o a trabalhá-las.²⁷

Para tanto, Ewbank acreditava que seria necessário esforço e trabalho constantes, e atribuía aos engenheiros e mecânicos inventivos um papel central na promoção da evolução humana, entendida por ele como razão do progresso científico e tecnológico. Como era próprio da época, na concepção de muitos, e na de Ewbank inclusive, a natureza intocada indicava que o homem não a havia controlado e a transformado em bens úteis. É, portanto, investido por tais ideias que o autor vem ao Brasil.

Logo que aporta na baía de Guanabara, em suas primeiras impressões, o autor apresenta e elogia a linda paisagem e ao mesmo tempo avalia a possibilidade do local em receber novas tecnologias:

Os brasileiros têm aqui um esplêndido cenário para navegação a vapor, estendendo-se por 30 graus de latitude e fronteirando uma das mais bem escolhidas partes da terra, relativamente livre de tempestade e onde a severidade dos mares e dos climas do norte é inteiramente desconhecida.²⁸

²⁷ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.375. No original: “[...] we were environed by striking proofs that the cardinal forms and ornaments of architects, joiners, and carvers were derived from Nature's carpentry. I do not say she elaborates her materials into finished mouldings, columns, and capitals. It would have been no advantage to her apprentice-man if she had, since her mission is not to anticipate his efforts, but to awaken and direct them. Hence, like a wise teacher, she suggests ideas, and incites him to work them out.”

²⁸ Ibidem, p.41. No original: “Brazilians have here a splendid theatre for steam navigation, extending over thirty degrees of latitude, and bordering one of the choicest departments of the earth—one comparatively free from storms, and where the severities of northern seas and climes are wholly unknown.”

A passagem acima indica um olhar técnico, avaliativo, próprio dos homens que como Ewbank, buscavam julgar e identificar no lugar visitado seu potencial para incorporar as novas invenções do homem.

Ewbank, apesar de tecer comentários sobre as técnicas brasileiras que encontrou ao longo de todo o relato, dedicou um capítulo inteiro para o tema. No Rio de Janeiro, seu interesse pela técnica e desenvolvimento local pode ser claramente percebido por suas abundantes observações sobre tudo o que viu. De instrumentos de trabalho utilizados na construção de casas, à técnica de forja de metais, nada deixou escapar. Em geral, a técnica aqui encontrada foi qualificada pelo autor como muito antiquada, remontando à antiguidade ou ao período medieval, como por exemplo, os martelos, colheres e enxadas que, segundo Ewbank, “são exatamente iguais aos que vemos nos trabalhos ilustrados do século XV e nos manuscritos com iluminuras dos séculos anteriores.”²⁹

Na carpintaria, apesar de admirar o estilo oriental das ferramentas e processos de construção de objetos e mercadorias, afirma que os mesmos eram comuns no mundo antigo e que “a arte da carpintaria, em Portugal e no Brasil, é muito o que era na Itália há vinte séculos”³⁰ Vemos assim que a imagem principal transmitida é a representação de um país tecnologicamente atrasado. Como já dito, trata-se da reprodução de uma imagem antiga, insistentemente repetida e cristalizada tanto no Brasil como fora dele.

Muitas vezes, Ewbank não apenas demonstra esse atraso remetendo as origens dos instrumentos e técnicas à Antiguidade, mas comparando-os com o que havia de moderno em seu país, indicando assim a falta de alguns objetos aqui que já eram amplamente utilizados na Inglaterra e Estados Unidos:

A serra de mão da Inglaterra e Estados Unidos – a mais valiosa do gênero – nunca é vista aqui nas mãos dos operários. A pequena serra de armar - aparelho de uso universal na antiguidade - é empregada indiscriminadamente³¹

²⁹ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.188. No original: “Hammers, trowels, hoe for mixing and lifting mortar, and round baskets for carrying it on the head, are precisely such as we see in illustrated works of the fifteenth and illuminated MSS.”

³⁰ Ibidem, p.189. No original: “The carpenter's art in Portugal and Brazil is very much what it was in Italy twenty centuries ago.”

³¹ Ibidem, p.191. No original: “The hand-saw of England and the United States—the most valuable of the genus—is never found in the hands of workmen here. The little framed blade—the universal implement of antiquity—is indiscriminately employed.”

Em visita e almoço no Arsenal Militar, em companhia do comandante Coronel V. Lisboa, Ewbank escreveu:

Entramos na tanoaria, onde baldes, barris e cantinas estavam em processo de desenvolvimento. O responsável não podia compreender ou acreditar em nossas máquinas de fabricar baldes e barris. ‘Não, senhor’, ele exclamou, sacudindo sua cabeça: ‘Não senhor, não é possível’.[...] O responsável estava ocupado com um magnífico torno, com uma forquilha corrediça, de sua própria invenção. Um modelo me foi apresentado e encontra-se agora na coleção do *Franklin Institute*, da Philadelphia. Nas oficinas de carpintaria, não há serrote de mão. Dizem que não é utilizado no país; Não se encontrava outra coisa senão a antiga e clássica serra de armar. Na Espanha e em Portugal, as ferramentas e os processos em curso na Grécia e oriundas do tempo de Numa são conservados sem modificação. O mesmo acontece aqui. Na forja havia foles iguais aos utilizados por Vulcano.³²

O excerto acima, entre outros aspectos, revela a importância de Ewbank nos meios norte-americanos: o viajante levou instrumentos do Brasil para o *Franklin Institute*, fato que demonstra a circulação de ideias, mas também o deslocamento de objetos do país em direção ao museu norte-americano.

Ao citar personagens mitológicos, tal como Vulcano, deus da forja, Ewbank tentou demonstrar quão antigos e rudimentares eram os instrumentos e as técnicas utilizadas no Brasil. Vemos também uma noção ampliada do autor com relação aos países os quais ele considerava atrasados: além do Brasil, o autor afirma que o mesmo processo era realizado em Portugal e Espanha, em contraste com as inovadoras técnicas utilizadas nos Estados Unidos, colocando desta forma o seu país em uma posição superior até mesmo em relação a alguns países europeus.

Considero interessante destacar como Ewbank descreveu o espanto do responsável diante da afirmação do viajante de que máquinas estariam realizando o seu trabalho, fazendo com que o mesmo chacoalhasse sua cabeça em tentativa de negação

³² EW BANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.72-3. No original: “We entered the cooper's shop, where buckets, kegs, and canteens were in process of development. The foreman could not comprehend or believe in our pail and barrel making machinery. ‘ Nao, senhor’, he exclaimed, shaking his head ; ‘ nao, senhor, uma impossibilitado.’ [...]The foreman was employed at a very handsome bench-vice, with a sliding jaw, of his own invention. A model was presented to me. It is now in the collection of the Franklin Institute, Philadelphia. There was not in the carpenters' shops a common hand-saw. Not one is said to be used in the country; nothing but the old classic buck-saw. In Spain and Portugal, the tools and processes current in Greece and Borne in the days of Numa are preserved unchanged. It is ranch the same here. At a forge were bellows such as Vulcan used.”

diante do que ouvia. Tal cena remete não apenas ao atraso dos técnicos brasileiros com relação às novas tecnologias presentes no mercado, mas também ao assombro e até mesmo a uma impossibilidade mental para assimilar tamanha inovação.

Sobre os tipos de navegações utilizadas no Brasil, a comparação com os modernos barcos a vapor utilizados nos Estados Unidos era, para o autor, irresistível:

Esses barcos são para o Rio e Niterói o que foram os Periaguas³³ há trinta anos atrás para Nova York e Jersey City. Centenas de pessoas preferem utilizar-se deles em vez de barcos a vapor, desde a explosão de uma caldeira que houve, há alguns anos atrás, quando um grande número de vidas foram perdidas.³⁴

Ewbank, inserido de forma ativa nas discussões nos Estados Unidos sobre as novas técnicas, deixou de mencionar que naquele país também havia resistência por parte de muitos navegadores em utilizar os barcos a vapor. Muitos acreditavam que embarcações à vela tinham o seu valor justamente por depender da habilidade de quem as guiava, enquanto que a nova tecnologia tirava das mãos do capitão esse poder.

Os excertos acima apresentados, transmitem a ideia de um país imerso em atraso, ao mesmo tempo em que indicam outros dois que representam a modernidade - Inglaterra e Estados Unidos, embora, como vimos no capítulo anterior, a primeira fosse criticada pelo viajante, em virtude de não ter acabado completamente com o sistema monárquico. Assim, creio que este tipo de afirmação corrobora a hipótese de que, a partir de suas comparações entre Brasil e Estados Unidos, Ewbank buscou afirmar uma ideia de superioridade do país em que vivia em relação ao país que observou.

É notável que, mesmo quando o autor encontrou uma qualidade relevante no que se refere à técnica, havia quase sempre uma observação pejorativa. Vejamos a passagem em que analisa a forja do ferro nas oficinas do Rio de Janeiro:

A forja do ferro é bem feita e muito mais durável que o fornecido pelas oficinas inglesas. São (modelos) muito antiquados. Existem chaves, dobradiças e parafusos semelhantes aos conservados no Museu de Nápoles. Alguns bons trabalhos em ferro são realizados no Rio.³⁵

³³ Periagua ou Piroga é um tipo de canoa, feita do tronco de uma árvore, podendo assumir dimensões variadas de tamanho.

³⁴ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.293. No original: “These vessels are to Rio and Nictherohy what periaguas were thirty years ago to New York and Jersey City. Hundreds prefer crossing in them than in steamers since the explosion of a boiler a few years ago, when a great number of lives were lost.”

³⁵Ibidem, p.193. No original: “Of wrought iron, it is well made, and far more durable than what English

Observe que mais uma vez, o elogio subentende um “porém”, quando reafirma a antiguidade das peças, já encontradas em museus, fato que de certa forma desqualifica o bom trabalho feito no Brasil.

Na narrativa de viagem, o momento no qual o autor se mostra surpreso com a técnica não se refere ao período da viagem, nem propriamente ao Brasil. As passagens mais elogiosas sobre a produção de outras culturas, em particular do período incaico, podem ser encontradas nos anexos, no final de *Life in Brazil*. Nesta parte do livro, o autor apresentou algumas peças antigas por ele examinadas em sua visita ao Rio de Janeiro, produzidas pelos indígenas sul-americanos, e suas observações, bem como o seu foco de interesse na cultura material desses povos, parecem demonstrar o mais exemplar interesse dos etnólogos do período.

Nestes anexos, há uma miscelânea de objetos que observou a partir de visitas a colecionadores durante sua estada no Rio de Janeiro e também nas viagens que realizou posteriormente pela Marinha de guerra norte-americana no início da década de 1850. A inclusão feita pelo autor das observações realizadas em viagens posteriores para a América do Sul foi possível devido ao lapso de tempo entre a realização da viagem e a publicação de *Life in Brazil*. De todo modo, são significativos os elogios de Ewbank sobre a técnica dos Incas, principalmente no que se refere à forja e à solda. Ao analisar alguns utensílios de pedra produzidos pelos Incas, observou:

Como os antigos peruanos, sem o auxílio de ferramentas de ferro, foram capazes de esculpir a pedra tão formosamente, é coisa inconcebível.³⁶

shops supply. It is very old-fashioned. There are keys, hinges, and bolts similar to those preserved in the museum at Naples. Some good smith work is done in Rio.”

³⁶ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.451. No original: “How the ancient Peruvians, without the aid of iron tools, were able to carve stone so beautifully, is inconceivable.”

Utensílios e ferramentas antigas em pedra, de origem peruana, ilustrados pelo autor.³⁷

Ou ainda, sobre os trabalhos de fundição em bronze também produzidos pelos Incas, Ewbank afirma que “são tipos de arcos notáveis de fundição”³⁸. Sobre as cerâmicas encontradas junto aos túmulos peruanos, o autor faz as seguintes observações:

[...] temos uma tampa para o primeiro vaso, do mesmo material, oco e quase uniforme em espessura – tendo de três a cinco milímetros. Tais tampas são em alguns aspectos superiores às nossas, uma vez que deixam espaços que jamais permitiriam a explosão do vaso pelo acúmulo de vapor. Enquanto uma súbita pressão do vapor poderá parcialmente erguê-los, não podem nunca ser tirados, durante a ausência da cozinheira. O objeto de N. 2 é a talha mais perfeita que jamais encontrei entre as relíquias americanas.³⁹

³⁷ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit.,p.451.

³⁸ Ibidem., p.453. No original: “and some arc remarkable specimens of casting”.

³⁹ Ibidem,p.462. No original: “is a cover or stopper to the first vase, of the same material, hollow, and pretty uniform in thickness—from one eighth to three sixteenths of an inch. Such covers are in some respects superior to our close-fitting pot-lids, since boilers could never be exploded by an accumulation of steam. While a sudden evolution of vapor might partially raise the: “and some arc remarkable specimens of casting”.

Ilustrações de vasos talhas e suas respectivas tampas, de origem peruanas, as quais o autor se remete no excerto acima.⁴⁰

Ilustrações de trabalhos peruanos antigos, em cobre e bronze.⁴¹ p.452.

Diante de tais excertos, ao observarmos a forma como o autor qualificou a técnica de forja praticada no Brasil no período em que aqui esteve, com relação àquelas praticadas por antigas civilizações, como a dos Incas, vemos que Ewbank nos coloca em uma posição inferior também até mesmo em relação à civilização Incaica.

A passagem que segue, relata a sua visita a um museu no Rio de Janeiro. De forma clara, o autor demonstrou o pouco interesse que os artefatos produzidos pelos nativos locais lhe despertaram.

⁴⁰ Ewbank, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit.,p.461.

⁴¹ Ibidem,p.452.

As antiguidades nativas são poucas e não muito interessantes; mas esta característica da instituição melhorará. Há algumas cabeças embalsamadas do Amazonas. Os tapajós conservavam o crânio dos seus inimigos e em ocasiões especiais levavam-nos pendurados ao peito como amuletos. Sua aparência é horrível, pior que a dos espécimes neozelandeses se colocados próximo a eles.⁴²

Na passagem acima, foi reservado aos nativos do Brasil, diferentemente do que ocorreu com os Incas, apenas a imagem do primitivo e da barbárie. Aqui também podemos considerar que Ewbank caminhou por um trilha bastante conhecido: Incas e Aztecas são valorizados por terem instituído sociedades complexas e por dominarem alguns aspectos científicos, como a astronomia e determinados cálculos, mesmo antes do contato com ocidentais.

No entanto, vale lembrar que os mesmos praticavam sacrifícios humanos aos deuses, fator que não foi considerado pelo viajante e que, de alguma forma, deveria pautar o julgamento que fazia entre civilizados e primitivos. Aqui, para tratar a forma como o viajante avaliou e julgou diferentes culturas - tratando Incas, brasileiros, norte-americanos, cada um deles de forma homogênea - ajudando a criar ou reforçar estereótipos sobre essa ou aquela cultura. Considero pertinente mencionar Tzvetan Todorov que, ao tratar dos problemas da tolerância entre os seres humanos nos mais diversos períodos da história, aponta como as ideias humanistas contidas nos discursos de pensadores importantes, como os de Montaigne e Rousseau, acabam negligenciando aspectos fundamentais no que se refere ao real sentido de tolerância. A ideia de igualdade também acaba sendo distorcida, à medida em que, o ponto último de referência, é sempre o homem europeu e o sentido de civilização e barbárie que ele atribuiu e impôs aos *outros*. Desta forma, o impulso civilizador europeu não admite a desigualdade, já que desejou transformar o modo de vida de outros povos, aproximando-os o máximo possível, ao seu. Indo além, o autor questiona sobre o que pode ou não ser tolerável em uma sociedade, citando como exemplo de intolerância,

⁴²EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.120. No original : “Native antiquities are few and not of much interest; but this feature of the institution will improve. There are a few embalmed heads from the Amazon. The Tapajos thus preserved the skulls of their enemies, and on special occasions carried them suspended on the breast as amulets. They look horrible enough, worse than New Zealand specimens placed near them.”

apesar do direito a liberdade, o racismo.⁴³ Nesse sentido, podemos fazer um paralelo com a forma como Ewbank julgou os indígenas brasileiros e os Incas. Para o viajante, é provável que os elementos de grandeza destes últimos, no que se refere ao domínio de técnicas variadas, os tenham elevado a um patamar superior ao dos indígenas brasileiros, fato que provavelmente levou o autor a tratá-los de forma homogênea e cultivando apenas os aspectos da técnica e da Ciência daquela civilização.

Embora a visão de Ewbank sobre o Brasil seja predominantemente negativa, há que considerar que este autor, aqui e ali, reconheceu alguns méritos dos brasileiros e identificou técnicas aqui utilizadas que não existiam nos Estados Unidos e Inglaterra, e que lhe causaram boa impressão, como no caso de um instrumento utilizado para nivelção de pisos:

A pá, no lugar da enxada, é uma moderna aquisição; e a vasilha de cal de origem inglesa ou irlandesa não é aqui encontrada. O nível obviamente é utilizado, mas não a régua de prumo. Em seu lugar, um implemento igualmente eficiente é visto nas mãos de cada homem. É estranho que um dispositivo tão antigo e valioso tenha sido negligenciado pelos operários britânicos e americanos.⁴⁴

Nesta passagem Ewbank admirou um tipo de técnica antiga que foi preservada pelos brasileiros. No entanto, é interessante como ele considerou ‘estranho’ que britânicos e norte-americanos não tivessem preservado a utilização de um instrumento valioso por sua funcionalidade, enquanto que os brasileiros, a partir do legado dos portugueses, o fizeram. Pode-se indicar que Ewbank, embora criticasse os avanços brasileiros em termos da técnica, em alguns momentos considerou que objetos úteis e práticos deveriam ser mantidos, mesmo que antigos. O que interessava era se eram funcionais e adequados para o uso ou não. Tal observação não modifica a imagem que vem apresentando sobre o Brasil e os brasileiros. A enxada permanecia como ferramenta, porque portugueses e brasileiros permaneceram estagnados em determinado patamar da escala da evolução.

⁴³ Ver: TODOROV, Tzvetan. A Tolerância e o intolerável. In: *As morais da História*. Portugal: Publicações Europa-América, 1991. Capítulo IV.

⁴⁴ EWBank, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.188. No original: “The shovel in place of the hoe is a modern acquisition ; and the hod, of English or Irish origin, is not seen. The level is of course used, but not the plumb rule. In place of it, an implement equally efficient and of more extended application is in every man's hands. Strange that so old and valuable a device should have been neglected by British and American workmen.”

Tomemos outros exemplos: Ewbank encontrou nas residências brasileiras uma espécie de jarro, conhecido como “macaco” e sobre ele, afirmou:

O macaco, independente de suas propriedades refrescantes, merece a atenção dos oleiros norte-americanos. Tem vantagens suficientes para justificar a sua introdução geral entre nós.⁴⁵

Ilustração de vasos, potes e talhas encontrados pelo autor nas residências brasileiras.⁴⁶

Alguns modelos de moringas, bacias, canecas, turíbulos, barris e macacos, estes últimos, identificados pela letra “a”.⁴⁷

⁴⁵EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p. 358. No original: “The monkey, independent of its water-cooling properties, deserves the attention of North American potters. It has advantages sufficient to justify its general introduction among us.”

⁴⁶ Ibidem, p. 359.

⁴⁷ Ibidem, p.359.

Sobre a técnica de construção de muros, afirmou:

Alguns muros são retangulares com a justaposição das telhas produzindo uma impressão agradável de rede. Algumas são arranjadas para produzir círculos. Como custam pouco e duram séculos, não vejo porque não possam ser introduzidas em nossos muros.⁴⁸

Ilustração de Ewbank de alguns modelos de muros observados em Niterói.⁴⁹

Ao mesmo tempo em que reconheceu um objeto de construção dos brasileiros que julgou atraente a ponto de recomendar que fossem introduzidos em seu país, o autor, comparando a técnica de construção entre brasileiros e norte-americanos, novamente nos colocou em uma posição de inferioridade:

Os tijolos são pouco utilizados, exceto para as lareiras das cozinhas, e arcos rústicos sobre portas e janelas e com o acabamento direcionado para receber placas de vigas. (Não há casas de tijolos no Rio). Ao assentá-los, os operários tomam o cuidado de introduzir argamassa nas juntas superiores, para o qual todo pedreiro usa um chifre de boi com água. A água existente no chifre é chamada de ‘prego de pedreiro’ devido à solidez que oferece a seu trabalho. Se um artífice brasileiro testemunhasse seu irmão ianque erguendo um prédio de cinco andares e assentando os tijolos tão rápido quanto eles pudessem ser apanhados, fugiria do lugar em um instante, clamando aos santos para que mantivesse em pé as paredes até ter tempo de sair.⁵⁰

⁴⁸ EWBank, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.292-3. No original: “Some are composed of panels net-like appearance. Some are arranged to produce circles. As they cost little and endure for centuries, I do not see why they might not be introduced in fences with us.”

⁴⁹ Ibidem, p.292.

⁵⁰ Ibidem, p.187. No original: “Bricks are little used except for kitchen fire-places, rough arches over doors and windows, and as finishing courses to receive plates for rafters. (There is not a brick house in Rio.) In laying them, workmen are careful to run the mortar into the upright joints, for which purpose every man has water in an ox's horn. The water in the horn is called the "mason's nail," from the solidity it imparts to his work. Were a Brazilian artist to witness a Yankee brother carrying up a five-story

Em determinados momentos do relato, Ewbank vai-e-vem, diagnosticando os males do país, mas reconhecendo a utilidade de alguns instrumentos aqui utilizados, embora antigos. No excerto acima, temos novamente a representação de um povo atrasado, supersticioso, estagnado em um nível baixo da escala da evolução e incapaz de compreender as novas técnicas existentes no país norte-americano. O autor, a partir da construção imagética produzida, leva o leitor novamente a ter uma impressão do atraso, afinal, os trabalhadores brasileiros tendiam a recorrer não aos técnicos, em busca de explicações, mas aos céus e seus santos, para que os protegesse diante daquilo que, na visão de Ewbank, não poderiam compreender.

Na narrativa de viagem, Ewbank intercala a sua apreciação sobre a técnica no país com os rituais presentes na sociedade. Apesar das constantes associações feitas pelo autor entre técnicas antigas e atraso, na passagem abaixo Ewbank reconheceu a eficiência de nosso processo em enterrar os mortos, considerando-o como superior ao que era praticado nos Estados Unidos. Ao presenciar a cerimônia e enterro do cônego Januário da Cunha Barbosa, observou:

Agora estávamos a ponto de presenciarmos o processo de enterro ; Era como os da Antiguidade Clássica e em minha mente mais recomendado e superior do que o nosso.[...] Os mortos não são enterrados em túmulos nem ocultos por baixo da superfície da terra. Ao invés de extensos campos funerários ou escavações subterrâneas, consideram suficiente uma sala com quatro espessas paredes das quais geralmente uma é constituída pelo lado da igreja.⁵¹

building, laying the bricks as fast as they could be picked up, he would flee the place instantanly, calling on the saints by the way to keep up the walls till he got clear of them.”

⁵¹EWBANK, Thomas, op.cit., p.107-8. No original: “We now were about to witness the mode of burial; one of classical antiquity, and which to my mind commends itself as far superior to ours.(...) The dead are not interred in graves, nor concealed below the surface; instead of extensive burial-grounds or subterraneous excavations, room for four thick walls, of which the side of a church commonly answers for one, is found sufficient.”

Reprodução do cemitério anexo a Igreja⁵²

Em um outro de seus raros elogios à técnica empregada no país, em sua visita ao arsenal militar, Ewbank afirmou que:

No departamento de couros faziam-se todos os artigos necessários à cavalaria e à infantaria, inclusive selas melhores e mais baratas que as importadas.⁵³

Como pudemos observar, os objetos que lhe despertaram a atenção são artesanais, e, portanto, não representam algo que possa ser considerado capaz de produzir mudanças significativas no desenvolvimento do progresso e civilização. A constatação da ausência ou do número reduzido de máquinas, objeto quase que de veneração do autor, causou-lhe forte impressão, a ponto de levá-lo a desconsiderar outros elementos indicativos da vida do brasileiro. O único exemplo que pôde ser relacionado com as modernas tecnologias foi o Aqueduto da Carioca. O viajante, impressionado com sua engenhosidade, foi buscar informações na Secretaria de Obras Públicas e se frustrou ao saber que não havia nenhuma documentação sobre a origem e história do aqueduto. Ao se deparar com tal situação, criticou a Monarquia, que em sua visão, não preservou esse tipo de documentação para que pudesse esconder a autoria de tais obras e, assim, atribuir a si mesma os grandes feitos de outros homens.⁵⁴ Na opinião

⁵² EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.107.

⁵³ Ibidem, p.73. No original: "In the leather department is made every article for cavalry and infantry—saddles better and cheaper than can be imported."

⁵⁴ Ibidem, p.308.

do autor, a Monarquia e a aristocracia impediam o reconhecimento dos profissionais do campo das artes úteis.

Ilustração feita pelo autor do Aqueduto da Carioca.⁵⁵ p.411

O brasileiro e o trabalho.

No século XIX a valorização da ética do trabalho em países do Ocidente havia avançado a partir de um processo que se inicia no século XVIII. A adoção do relógio, a necessidade de se controlar o tempo e disciplinar a produção dos trabalhadores, reflete um período de transição para uma nova sociedade que começou a se consolidar com a Revolução Industrial. Com a nova disciplina do trabalho que os tempos modernos impunham, o tempo deveria ser aproveitado da melhor forma possível, a fim de transformar cada minuto em rendimento para o empregador. Edward P. Thompson alerta para a resistência por parte dos trabalhadores ao longo do século XVIII e XIX, observando que esse processo de transição e instauração de controle não se deu sem conflitos.⁵⁶

Embora neste capítulo não seja meu objetivo discutir sobre a importância do protestantismo implícito nas representações do autor sobre o Brasil, é importante ao menos mencionar a influência da ética protestante, que ajudou a atribuir um novo valor

⁵⁵ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit.,p.411.

⁵⁶ THOMPSON, Eduard P. *Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ao trabalho, nos Estados Unidos e em alguns países europeus. Para Weber, havia uma especificidade no racionalismo ocidental que provém da consciência protestante ascética. Para este autor, existia uma clara conexão entre puritanismo, capitalismo e liberalismo econômico. Daí decorre o sucesso de países como a Inglaterra e os Estados Unidos da América, que absorveram este protestantismo como formação moral de base, e que se manifestava, entre outras coisas, a partir de um certo individualismo e de uma relação com o lucro desprovida de culpa, desde que o lucro se originasse de um trabalho honesto. Weber afirma que foi entre os protestantes que a indústria e as profissões técnicas se firmaram, em uma proporção infinitamente maior se comparada aos católicos, que em geral buscavam ocupações ligadas a áreas humanísticas.⁵⁷

O processo de interiorização por parte da população da necessidade de uso econômico e “racional” do tempo teve a ajuda das escolas e da Igreja, que reafirmavam incessantemente o valor do trabalho, a importância da frugalidade, da organização e da constância. De acordo com Thompson:

Não se pode afirmar que haja algo radicalmente novo na pregação da diligência ou na crítica moral da ociosidade. Mas há talvez um novo tom de insistência, uma inflexão mais firme, quando esses moralistas que já tinham aceito a nova disciplina para si mesmos passaram a impô-la aos trabalhadores.⁵⁸

Como vimos no capítulo 1, Thomas Ewbank acreditava que o mundo se tornaria melhor a partir dos feitos de cientistas, mecânicos inventivos e engenheiros, profissões que estavam diretamente relacionadas às invenções úteis. Além deste aspecto, o autor acreditava que cada homem deveria exercer o trabalho que melhor se adaptasse à sua constituição física, e à zona climática na qual estava inserido, como também já discutimos anteriormente. Apesar de ser evidente a sua propensão a voltar-se mais para a ciência do que para a religião, não podemos desconsiderar a influência da ética protestante e de seu poder de internalizar o valor do trabalho na população. Para Ewbank, Deus havia criado o homem para o trabalho, que deveria ser realizado pelo homem com orgulho e dedicação.

No Brasil, o viajante constrói a imagem de uma gente pouco dada às tarefas manuais, tanto pela ociosidade própria dos locais quanto pela desonra que o ato simbolizava. Tal atitude, como sabemos, ia contra os valores do autor, que imputava ao

⁵⁷ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2008. p. 39.

⁵⁸ THOMPSON, E. P., op.cit.

trabalho realizado principalmente por mecânicos e manufatureiros, enorme importância, devido ao fato de que respeitáveis invenções surgiriam a partir da atividade desses homens.

Ewbank oferece ao leitor algumas explicações para a repulsa que o brasileiro sentia com relação ao trabalho. As condições climáticas locais seria uma delas, como se pode observar no excerto abaixo, em sua apresentação dos indígenas, que viviam próximos à cidade do Rio de Janeiro, e sua relação com o trabalho:

Residindo sob a vista da capital brasileira, é dito que os modernos descendentes dos Ararigboia são muito manchados pelo pecado original dos climas quentes: a aversão para trabalhar. Eles plantam apenas o necessário e gastam a maior parte do tempo dormindo, sentados, e fumando.⁵⁹

Nota-se que para o autor, como já indicado, o clima equatorial promovia a indolência e a conseqüente aversão ao trabalho. Mas não eram apenas os indígenas que sofriam deste “mal”. Os homens brancos também eram afetados pelo clima, fato que o próprio viajante pode “comprovar” não apenas na população do Rio de Janeiro como também em si próprio:

A temperatura é opressiva. [...] Sinto uma crescente tendência física e mental à supinação*⁶⁰.

Vemos, assim, que uma das explicações do autor para o que ele considerou como repulsa ao trabalho, encontrava-se baseada nas concepções da etnologia, na distribuição das raças sobre o globo e no determinismo climático em voga no período, as quais defendiam que o clima dos trópicos exercia um poder degenerativo nos homens e animais, como já visto neste estudo no capítulo 1.

No entanto, a condição climática não era o único fator a favorecer a indolência e consequentemente impedir o progresso, na visão deste viajante:

⁵⁹ EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., pp.83-4. No original: “Dwelling within sight of the Brazilian capital, the modern descendants of Ararigboia are said to be strongly tainted with the original sin of warm climates—aversion to labor. They plant barely enough for necessities, and spend the bulk of their time in sleeping, lounging, and smoking.”

⁶⁰ Ibidem, p.77 . No original: “The weather is oppressive. I feel an increasing tendency to mental as well as to physical supineness...”

* Supinação , segundo a definição encontrada no dicionário Aurélio, a posição de um doente deitado de costas, cabeça caída para traz, pernas e braços esticados, o que é indício de grande fraqueza ou abatimento.

A tendência inevitável da escravidão por toda parte é tornar o trabalho desonroso, resultado superlativamente mau, pois inverte a ordem natural e destrói a harmonia da sociedade. A escravidão negra predomina no Brasil, e os brasileiros recuam com algo próximo ao horror dos serviços manuais. No espírito de classes privilegiadas de outras terras, dizem que não nasceram para trabalhar, mas para comandar. Perguntar a um jovem de família respeitável e em má situação financeira sobre porque não aprende um ofício e ganha sua vida de maneira independente, há dez chances em uma de ele perguntar, tremendo de indignação, se você está querendo insultá-lo! ‘Trabalhar! Trabalhar!’ – gritou um. ‘Nós temos os negros para isso.’. Sim, centenas e centenas de famílias têm um ou dois escravos, vivendo apenas daquilo que os mesmos ganham.⁶¹

Para o autor, a escravidão exercia uma enorme e má influência na forma como os brasileiros enxergavam o trabalho. Sua crítica à escravidão está também vinculada às teorias etnológicas que, como já discutido anteriormente, acreditava que cada raça, deveria habitar determinada zona do globo. Deixar o trabalho nas mãos dos negros, era evitar que o homem branco comum – o agente natural do progresso da sociedade – não realizasse sua tarefa.

No entanto, o autor observa que esta não era uma postura apenas dos brasileiros, mas também das classes privilegiadas de outras terras, as quais ele não especifica. Talvez porque caso decidisse exemplificar, tivesse que fazer a crítica também aos Estados Unidos, que no período em questão, mantinha escravos não apenas no Sul do país, mas em todo o seu território.

O viajante segue exemplificando como, no Rio de Janeiro, aquilo que ele considerava como fundamental para o desenvolvimento do país era negligenciado pelos locais e realizado pelos negros, escravos ou não. Em uma oficina de caldeiraria, Ewbank demonstra como era difícil encontrar homens brancos exercendo qualquer tipo de ofício manual:

⁶¹EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit.,p.184; No original: “The unavoidable tendency of slavery every where is to render labor disreputable—a result superlatively wicked, since it inverts the natural order and destroys the harmony of society. Black slavery is rife in Brazil, and Brazilians shrink with something allied to horror from manual employments. In the spirit of privileged classes of other lands, they say they are not born to labor, but to command. Ask a respectable native youth of a family in low circumstances why he does not learn a trade and earn an independent living ; ten to one but he will tremble with indignation, and inquire if you mean to insult him! "Work! work!" screamed one; "we have blacks to do that." Yes, hundreds and hundreds of families have one or two slaves, on whose earnings alone they live.”

Em uma oficina havia vinte negros trabalhando e não se via um único rosto branco, com exceção dos empregados do escritório. Já vi escravos trabalhando como carpinteiros, pedreiros, calceteiros, impressores, pintores de cartazes e ornamentos, fabricantes de carruagens e escrivainhas e litógrafos. É fato também que esculturas em pedras e imagens de santo em madeira são frequentemente admiravelmente feitas pelos escravos e negros libertos. [...] O vigário mencionou recentemente um escravo, trabalhador de primeira categoria em escultura sagrada na Bahia. Todos os tipos de ofícios são executados por artesãos negros e jovens⁶².

Ao se considerar as crenças do autor sobre a posição da raça negra na escala de desenvolvimento do homem, é difícil imaginar que o autor considerasse a situação favorável ao progresso e ao desenvolvimento de novas tecnologias e, em última análise, do próprio país. Além das limitações impostas pelo clima, pela cultura católica e monárquica, o atraso do país também estava relacionado, para o viajante, justamente pelo fato de praticamente não existir manufactureiros ou mecânicos brancos no Rio de Janeiro. E aqueles que o faziam, eram todos estrangeiros e discriminados pelos locais. Ewbank, ao comparar a forma como o trabalho era valorizado nos Estados Unidos, em uma visita a uma litografia, a *Heaton & Rensburg*, cujos impressores eram todos escravos africanos, escreveu:

O sr. H. ficou surpreso ao saber que os impressores litográficos ganham de 10 a 15 dólares por semana entre nós. “um mil réis (50 centavos) por dia”, observou ele, “é aqui um bom salário e os escravos não nos custam nem um quarto disso”.⁶³

É importante ressaltar que Ewbank, em tais comparações, tem como referência Nova York, região fortemente voltada para a industrialização e comércio. Para o autor, a combinação do clima tropical com a escravidão parecia formar um encadeamento fatal

⁶²EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., pp.195. No original: “ In one shop twenty blacks were at work, and not a white face in the place except the clerks.[...] I have now seen slaves working as carpenters, masons, pavers, printers, sign and ornamental painters, carriage and cabinet makers, fabricators of military ornaments, lamp-makers, silversmiths, jewelers, and lithographers. It is also a fact that sculptures in stone and saintly images in wood are often done admirably by slaves and free blacks.[...] The vicar mentioned lately a slave who is a first-rate workman in sacred carving in Bahia. All kinds of trades are carried on by black journeymen and boys.”

⁶³Ibidem, p.193. No original: “Mr. H was surprised to learn that lithographic printers have from \$10 to \$15 a week with us. ‘A milreis (fifty cents) a day,’ he remarked, ‘is good wages here, and slaves do not cost us a quarter of that.’ “

para o futuro do país, o que o fez conceber uma imagem caótica e pouco favorável ao desenvolvimento. O excerto abaixo nos dá uma ideia do cenário de desolação que o autor pintou em seu relato de viagem, ao demonstrar o resultado que se via a partir da combinação do clima quente e da escravidão:

Um homem branco, vestido como o alfaiate, nos encontrou – um quadro de preguiça, sujeira e miséria: um espécime, é dito, aos milhares no Brasil, que a escravidão com os sentimentos que gerou torna desgraçada. O trabalho é degradante e como eles não tem os meios para viver respeitavelmente sem ele, o que eles podem fazer? O hábito, em vez de honrar o trabalho útil, retém todos os estímulos para esse tipo de esforço, e de certa maneira compele-os a degenerarem de uma forma pior que a dos hábitos indígenas. Se eles tiverem terras, não poderiam cultivá-las sem escravos, e estes não podem comprar. O clima favorece-os: habitações quase não são necessárias, o combustível e o fogo podem ser dispensados e, com exceção das folhas de figueira, pouco vestem. O pobre do Brasil é realmente pobre.⁶⁴

Aqui, temos a explicação do viajante sobre as conseqüências que a escravidão e a inevitável aversão ao trabalho geram em uma sociedade. Ele também associa ao cenário novamente o clima, que não estimularia o homem a buscar meios de libertar-se de sua situação de extrema pobreza, levando-os a degeneração e a um modo de vida considerado por Ewbank como lastimável.

Mais uma vez, vemos que o autor não relativiza o cenário e a cultura que observa. Ewbank não pode explicar a situação de extrema pobreza de alguns homens através de outro prisma que não a degeneração e a preguiça do brasileiro, como se os pobres daqui fossem mais degenerados que os pobres do norte da América.

O autor presenciou e descreveu o ensino de ofícios em instituições do governo, tal como ocorria no Arsenal militar, cujas produções manufaturadas lhe causaram ótima impressão. Passagens como esta tornam seu discurso muitas vezes contraditório, na medida em que o próprio autor viu a eficiência das instituições, e o grande número de alunos sendo preparados para exercer diversos ofícios, como vemos abaixo:

⁶⁴EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.405. No original: “A white man, dressed like the tailor, met us—a picture of idleness, dirt, and distress : a specimen, it is said, of thousands in Brazil, whom slavery, with the feelings it has generated, makes wretched. Labor is degrading, and as they have not the means to live respectably without it, what can they do ? Custom, instead of honoring useful toil, withholds all stimulus to exertion, and in a manner compels them to degenerate into worse than Indian habits. If they had land they could not cultivate it without slaves, and these they can not buy. The climate favors them: dwellings are hardly necessary, fuel and fire can be dispensed with, and, excepting fig-leaves, so might clothing. The poor of Brazil are poor indeed.”

Na sala de aula havia duzentos rapazes de seis a treze anos, brancos pretos, mulatos e índios, tão completamente misturados nos seus lugares quanto os ingredientes do granito mosqueado. Eles são ensinados a ler, escrever, aritmética e desenho. Aos quatorze anos, cada nome escolhe o ofício que deseja seguir – um daqueles executados no Arsenal; esse ofício lhe era ensinado, e ao atingir certa idade o rapaz entrava para a artilharia. Dessa maneira assegurasse para o serviço público um suprimento de carpinteiros, ferreiros, seleiros, fundidores, maquinistas, etc. este estabelecimento militar é admiravelmente organizado e possui eficiente administração⁶⁵.

Vemos que, ao contrário da imagem construída por Ewbank em grande parte das situações, havia no Brasil a preocupação em formar jovens em diferentes ofícios, fato que mereceria, considerando o enorme interesse do viajante pelo tema, uma observação positiva com relação à capacidade do país para desenvolver-se segundo os moldes que Ewbank considerava como o correto e o único possível. Apesar de descrever elementos de tecnologia, o autor parece ter se apegado a uma imagem de atraso sobre o Brasil e a um olhar de superioridade que o impediu de compreender o que via. enxergar, muito embora ele a descreva.

Para reforçar a imagem construída de um país que não valorizava os elementos relacionados ao progresso, Ewbank teceu algumas observações sobre a forma como a Monarquia tratava os manufatureiros e os comerciantes. Comentando a sessão da Câmara dos deputados, viajante afirmou:

[...] não há nenhum comerciante na Casa, nem um manufatureiro; quanto aos mecânicos, eles estão fora de questão.⁶⁶

Ainda sobre este aspecto, o autor teceu fortes comentários sobre o modo como os homens de valor eram tratados em um sistema de governo monárquico. Em visita ao Palácio de campo do Imperador, o viajante foi recebido pela governanta, que levou seus

⁶⁵EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit.,p.73. No original: “In the school-room were two hundred lads, from six to thirteen years old, whites, blacks, mulattoes, and Indians, as thoroughly mingled on their seats as the ingredients of mottled granite. They are taught reading, writing, arithmetic, and drawing. When fourteen, each names a trade he prefers to follow —one of those carried on in the arsenal; *that* is taught him, and at a certain age he enters the artillery. In this manner a supply of carpenters, smiths, saddlers, founders, machinists, &c., is secured for the public service. This military establishment is admirably organized, and under an effective administration.”

⁶⁶Ibidem, p.403. No original: “There is not a merchant in the House, nor a manufacturer; as for mechanics, they are out of the question.”

cartões a um Visconde, cujo filho do Imperador estava sob seus cuidados, enquanto ele e sua esposa estavam no Rio Grande do Sul:

O Visconde ali se encontrava isolado desde há vários meses. Falava bem o inglês, viajara pela Europa e estava a par do ‘maravilhoso progresso’ (suas próprias palavras) do povo dos Estados Unidos em grandeza nacional. Ele perguntou a respeito da ligação dos grandes lagos por meio de canais, e dos Estados por ferrovias, dos telégrafos, e surpreendeu-me bastante ao me perguntar os preços da mão-de-obra. Quando lhe disse que mecânicos comuns ganhavam de um dólar e meio a dois dólares e meio por dia, chegando em certos ramos a ganhar de três a quatro dólares, o visconde arregalou os olhos, pois no Brasil os pagamentos feitos aos trabalhadores brasileiros e os salários oficiais do governo são muito baixos. Expliquei-lhe que aquilo que considerava como salário extraordinariamente alto era um elemento da prosperidade americana, pois despertava e estimulava milhares de inteligências agudas para a invenção de máquinas que economizassem o trabalho humano, enquanto que nos países onde o trabalho era mal remunerado, havia pouco estímulo para torná-lo ainda mais barato. Colocando-nos sob a responsabilidade de um subordinado, o Visconde observou que a natureza tem feito muito pelo Brasil, mas o homem ainda não havia feito quase nada⁶⁷.

Assim, Ewbank segue, indignado ao ver um homem esclarecido como este Visconde, servindo de “ama-seca” a uma criança, como fica claro na passagem abaixo:

No apogeu e vigor da vida, capaz e competente, não pude senão lamentá-lo quando nos deixou com sua carga nos braços. Para empregos como *este*, pensei eu, é que fora feito um homem semelhante? Ao invés de ser o chefe de uma província ou o principal magistrado de todas elas, desenvolvendo os recursos do país, e identificando-se ele próprio com as influências progressistas da época, servia como ama-seca de uma criança alheia!. Mas tal é a filosofia da

⁶⁷EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.145. No original: “[...]he has been isolated here for several months. He spoke English well, had traveled in Europe, and was alive to "the wonderful progress" (his own words) of the people of the United States in national greatness. He inquired respecting the connection of the great lakes by canals, of the states by rail-roads, and telegraphs, and rather surprised me by asking the price of labor. When told that ordinary mechanics had from \$1 50 to \$2 50 a day, and that in some branches from \$3 to \$4 were earned, he opened his eyes—wages of Brazilian artisans and salaries of government officers being very low. I explained that what he deemed extraordinary wages was an element of American prosperity, inasmuch as it awakened and stimulated thousands of keen intellects to the invention of laborsaving machinery, whereas, in countries where labor costs almost nothing, there can be but little inducement to make it cost less. On giving us in charge of an attendant, he observed that Nature had done every thing for Brazil, but as yet man had done next to nothing.”

monarquia, e os homens aqui, como na Europa, dessexualizando-se a si mesmos, não sonham que vão além de Alcides, quando fiava linho entre as donzelas de Onfale⁶⁸.

Vemos nos dois excertos acima uma forte crítica à forma monárquica de governo, que mantinha “homens de valor” ocupando cargos que não favoreciam o desenvolvimento da nação. Para demonstrar o quão desonroso era o papel assumido pelo Visconde, Ewbank recupera Alcides, personagem mitológico, também conhecido como Hércules que, ao tornar-se escravo de Onfale, é submetido a trabalhos femininos, inclusive vestindo-se como as donzelas. Assim, para o autor a monarquia acabava efeminando seus homens.

Outro aspecto relevante está no fato de que o próprio Visconde, esclarecido como era, se mostrar admirado com o desenvolvimento e aspectos de modernidade que havia nos Estados Unidos. Ewbank aqui procura demonstrar que os Estados Unidos exerciam uma função exemplar para países como o Brasil - embora o que via aqui o deixasse um tanto pessimista a esse respeito - tanto por seus elementos de modernidade, quanto pela valorização do trabalho manual e inventivo.

* * *

Há que se considerar, no entanto, que a riqueza de imagens e informações sobre a cultura material, hábitos e costumes do brasileiro da primeira metade do século XIX, torna este relato de viagem uma importante fonte documental para o historiador que procura avaliar a cultura material e a História do Cotidiano no Brasil. No entanto, é necessário que se leve em conta a construção ideológica que orientou as suas avaliações sobre o país. Vimos que havia no Rio de Janeiro o estímulo ao desenvolvimento de técnicas agrícolas e de manufaturas, e que jovens em grande quantidade eram preparados em colégios para o desenvolvimento de habilidades técnicas, que ele tanto valorizava e que inclusive citou em seu relato, embora não tenha levado essas

⁶⁸EWBANK, Thomas, *Life in Brazil*, op.cit., p.145. No original: “In the prime and vigor of life, able and accomplished, I could not but pity him as he left us with his charge in his arms. And is it for employments like *that*, I thought, for which such a man was made? Instead of being the head of a province, or, as chief magistrate of the whole, unfolding the resources of the country, and identifying himself with the progressive influences of the age, to be acting as dry-nurse to another one's baby! But such is the philosophy of monarchy, and men here, as in Europe, in thus unsexing themselves, do not dream that they surpass Alcides when spinning flax among Omphale's maids.”

informações em consideração na hora de construir seus prognósticos sobre o país. É notório o fato de que Ewbank escolheu dar ênfase as técnicas de cunho artesanal, e desconsiderou o desenvolvimento do país em outras áreas. É evidente que há diferenças entre a velocidade com que determinados estados dos Estados Unidos se puseram em construir a sua indústria, e a forma como o Brasil investiu na Ciência e na técnica. Todavia, Ewbank, a partir da sua concepção de mundo, não via, ou não considerava, aspectos que pudessem reformular a imagem homogênea que ia construindo/reforçando sobre o país visitado.

Como já indiquei, as avaliações de Ewbank sobre o Brasil não são propriamente uma novidade, uma vez que imagens semelhantes que indicam o atraso brasileiro estão presentes ainda nos dias de hoje e são expressas tanto por estrangeiros como pelos próprios brasileiros, demonstrando o quanto internalizamos essas avaliações e diagnósticos, indicando a força do discurso colonizador, como bem avaliou Edward Said⁶⁹.

Cabe, contudo, ressaltar que tais percepções sobre o país já podem ser encontradas na primeira metade do século XIX, nas palavras de um viajante que escreveu um influente diário de viagem nos Estados Unidos. *Life in Brazil*, ao longo de seus 154 anos de existência, vem ajudando a proliferar até os dias atuais, uma série de imagens que posicionou o Brasil e os brasileiros em um lugar bem fixado em seu relato: o Império do atraso.

⁶⁹ Ver SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar *Life in Brazil*, busquei compreender que tipo de imagens e representações sobre o Brasil e os brasileiros, foram veiculadas nos Estados Unidos, a partir do livro publicado em 1856, que relata a viagem que Thomas Ewbank fez ao Brasil, em 1846. Para tanto, se fez necessário compreender as concepções de mundo que guiaram o olhar do viajante - antes, durante e depois - de sua visita ao Rio de Janeiro. Ao longo dos quatro capítulos, vimos como Thomas Ewbank foi construindo uma determinada imagem sobre o país e, que essas, foram formadas a partir de um ponto de vista muito específico.

No relato, predomina a imagem do atraso e da estagnação. Seus registros sobre o clima indicaram seus efeitos degenerativos, suas representações acerca da superstição endossada pela Igreja Católica, indicaram, por sua vez, a fragilidade moral e a parca racionalidade da população, e, as recorrentes imagens de negros e de seu cotidiano, buscaram demonstrar a representação de um sistema de trabalho que impedia o desenvolvimento da nação, cujos brancos não trabalhavam. Todos esses elementos estão articulados com uma visão de mundo guiada pela nascente Etnologia norte-americana, a qual referia-se às questões de “raça” e aos ideais de progresso. Portanto, a primeira conclusão que se chega é, que a visão predominantemente negativa que Thomas Ewbank expressou sobre o Brasil, deve ser compreendida no âmbito do debate que se travava na época sobre a “origem do homem” e o “lugar de determinadas raças em seus respectivos ambientes geográficos”.

As críticas de Thomas Ewbank sobre o sistema monárquico de governo e a religião católica demonstram que o modelo de referência do autor foi a sociedade norte-americana, considerada por ele como exemplar e como centro irradiador de aspectos da modernidade, a começar, por seu sistema republicano de governo. Ewbank condenou o sistema monárquico, sem avaliar suas especificidades e complexidades. Nele, só encontrou elementos que impediam o desenvolvimento do país, já que o sistema não promovia a liberdade e a inventividade de seus homens, e tão pouco direcionava homens competentes para cargos que elevassem o país a um patamar aceitável de desenvolvimento. Mais uma vez, predominou um olhar viciado,

pré-concebido, repleto de ressentimento, sobre um sistema governamental que Ewbank considerava o pior dentre os existentes.

O catolicismo, associado durante todo o relato ao paganismo e a corrupção moral, contribuía, junto ao clima tropical, para a não formação de homens portadores de uma moral sólida, fator que refletia na sociedade. Até mesmo nesse aspecto, vimos que as considerações e associações feitas pelo autor de que o protestantismo dificilmente “vingaria” nos trópicos, está relacionado não só ao clima, mas tem, como ponto de referência, os Estados Unidos, tanto por sua predominância protestante, quanto por seu clima temperado. Assim, acreditamos que a imagem que circulou sobre o Brasil naquele país, reforçava a auto-estima e a identidade norte-americana, em contraposição à imagem criada de atraso e incivilidade brasileira.

As revistas norte-americanas, que publicaram passagens que transmitiam uma forte imagem de um povo supersticioso, avesso ao trabalho, em uma cidade repleta de negros, reforçaram representações que já haviam sido veiculadas naquele país. A crítica editorial citada no capítulo 1 dessa pesquisa, revela que o público norte-americano esperava dos relatos sobre terras distantes uma experiência que remetesse à imagem de uma terra exótica, cuja natureza “brilhante” os inspirasse. Repito-a aqui:

O Sr. Ewbank, cujos esboços sobre o Brasil estão diante de nós, não é um escritor muito fluente nem elegante, embora seja um observador atento e um homem de senso. Seu volume é instrutivo, por consequência, mas não é fascinante. Narra as particularidades de uma visita ao Rio, em 1845, com fidelidade, oferecendo-nos fatos muito interessantes quanto aos modos, comércio e superstições do povo, e argumentando sabiamente sobre as causas de sua condição política e social; mas nós não encontramos em seu estilo qualquer tonalidade ou cor peculiar que gostamos de ver em um livro sobre os trópicos. Essa natureza brilhante parece nunca ter elevado o escritor dentro da poesia, nem o seduziu para fora de seu frio hábito prático de homem da Ciência.¹

¹ *Putnam's Monthly Magazine of American Literature, Science and Art*. “Editorial Notes – Literature: Ewbank's Sketches of Brazil”. Vol. 0007, Issue 40, April, 1856, pp.436-7. Disponível em: <http://digital.library.cornell.edu>. Acesso em 02.03.2007.

Ewbank não correspondeu a essa imagem, mas reforçou, por outra chave, a ideia de inferioridade dos países tropicais. Verificamos que ele indicou a ideia de atraso e estagnação da sociedade a partir do centro urbano - a capital do Império do Brasil. Cabe salientar também que os assuntos por ele selecionados, revelam que os temas que elegeu não apenas estavam relacionados ao campo da Etnologia, mas diziam respeito à situações que estavam postas na sociedade norte-americana, como a questão da escravidão e do progresso. Assim, vemos que, em seu mais amplo sentido, os temas que o autor escolheu relatar, remetem aos debates da época que circulavam nos Estados Unidos, embora em *Life in Brazil*, Ewbank tenha se eximido de tratar da escravidão no país que adotou.

As indicações são de que as relações que Ewbank estabeleceu no Brasil, contribuíram para que o viajante continuasse a enxergar o Brasil por meio de “lentes” estrangeiras. Joseph Ewbank, seu irmão inglês, que o hospedou por seis meses, foi um deles; o norte-americano Henri Wise - embaixador norte-americano que exerceu suas funções no Brasil de 1844 a 1847, e posteriormente foi governador da Virgínia - foi outro, amplamente citado em seu relato, exatamente como “fonte” de informações sobre o país e seus costumes. Somado a esses estrangeiros, o autor recolheu informações daqueles que ele chamou de brasileiros “esclarecidos”, e estes, apenas confirmaram crenças, opiniões e julgamentos do próprio Thomas Ewbank.

Não foi possível observar mudanças significativas na forma como Ewbank compreendia o mundo com o qual se deparou. Além do convívio com pessoas que pensavam de forma semelhante ao viajante, os indícios, principalmente aqueles encontrados em suas produções posteriores a *Life in Brazil*, demonstram que o mesmo parece ter vindo ao Brasil para *confirmar* as convicções que já tinha sobre a vida nos trópicos. Ele veio ao Rio para sentir na pele a influência do clima, para ver de perto como se desenvolvia um país tropical e católico, como eram as relações entre negros e brancos em um clima que favorecia a degeneração. Assim, ainda que visse algumas iniciativas brasileiras de forma positiva, como a existência de escolas técnicas, a inexistência de um modelo específico, baseado no que via em algumas regiões dos Estados Unidos no que se refere ao impulso em direção ao desenvolvimento, ao progresso e à indústria, o fez desprezar ou desconsiderar o que viu aqui, e assim, permaneceu firme na convicção de que no Brasil, nada que fosse feito se equipararia ao poder de desenvolvimento de países de clima temperado, com um sistema de governo

republicano e uma forte e consistente religião protestante. Nesse sentido, mais uma vez, fica evidente que Ewbank, ao visitar o Brasil, pensou os Estados Unidos.

Indo além da alteridade, sempre presente nos relatos de viajantes europeus que visitaram países do Novo Mundo, creio que as imagens veiculadas sobre o Brasil através da escrita do inglês Thomas Ewbank, ajudaram a construir, consolidar e legitimar uma postura imperialista. Em *Life in Brazil*, bem como nos artigos que publicou sobre a viagem, o visitante apresentou e reafirmou para o público leitor norte-americano, a ideia de que os Estados Unidos e os norte-americanos, em contraposição com Brasil e os brasileiros, eram superiores em termos da técnica, da indústria e da sociedade em geral. Dessa forma, se já existia na primeira metade do século XIX, uma ideia de excepcionalidade norte-americana, a mesma foi-se legitimando a medida em que esse tipo de escrita sobre o *outro* foi sendo produzida, e se incorporando a seu imaginário.

Life in Brazil é, ainda hoje, como já dito, muito utilizado por historiadores e antropólogos, devido à riqueza de informações sobre a sociedade brasileira daquele período, principalmente no que concerne à vida cotidiana e à cultura material do país. Embora o foco dessa pesquisa não seja analisar os diversos usos e interpretações feitos a partir da leitura de *Life in Brazil*, creio ser interessante pontuar como o relato pode ser utilizado de acordo com a intenção de quem o estuda. Para tanto, tomo primeiramente como exemplo, *Ordem e Progresso*, de Gilberto Freyre, que citou Ewbank diversas vezes para tratar de temas variados. Ressalto aqui uma passagem, em que esse respeitado autor, afirma que Ewbank foi capaz de perceber a “democracia racial” no Brasil. Para Freyre, esse viajante reconheceu a importância e singularidade do Brasil entre os países da América Latina:

O que é significativo nos reparos de Ewbank é que o seu autor, a despeito de anglo-americano dos Estados Unidos [...] era dos que lucidamente compreendiam a singularidade na posição brasileira na América; e respeitavam sua forma monárquica de governo combinada com uma maneira paradoxalmente democrática – democracia étnica – de sua sociedade ser aristocrática;²

² Conferir FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962. p. 35.

No entanto, ao lermos *Life in Brazil* como um todo, vê-se exatamente o oposto do que Freyre afirma: em momento algum do relato, Ewbank demonstrou respeito pelo sistema monárquico, seja daqui, ou de qualquer outro lugar do mundo. Tampouco o viajante enxergou qualquer combinação entre democracia e monarquia, concluindo que o fruto de tal união seria a democracia étnica. Thomas Ewbank não estava preocupado com a democracia, mas com a República. Tal inferência é dedutiva de Freyre. Ademais, ao sabermos da ligação do viajante com a Etnologia, uma das certezas que podemos ter é a de que, para Ewbank, o negro ocupava a mais baixa posição na escala da evolução humana, e que a mestiçagem, era considerada pelo autor como um crime.

Utilizando *Life in Brazil* em outra chave, em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda lançou mão do relato para criticar a inconsistente devoção religiosa brasileira, ou, mais precisamente, uma devoção superficial dos brasileiros, notada por uma série de viajantes que aqui estiveram no século XIX, entre eles, Thomas Ewbank:

Outro visitante, de meados do século passado, manifesta profundas dúvidas sobre a possibilidade de se implantarem algum dia, no Brasil, formas mais rigoristas de culto. Conta-se que os próprios protestantes logo degeneram aqui, exclama. E acrescenta: “é que o clima não favorece a severidade das seitas nórdicas. O austero metodismo ou o puritanismo jamais florescerão nos trópicos.”³

Holanda escolheu citar a afirmação feita por Ewbank de que o protestantismo dificilmente floresceria no Brasil. Na década de 1930, Sérgio Buarque de Holanda, a partir dos problemas colocados na primeira metade do século XX, estava também preocupado em discutir aspectos “do atraso brasileiro”. Refletindo sobre como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda utilizaram Thomas Ewbank em seus livros, devemos considerar que o relato de Thomas Ewbank, embora apresente uma visão parcial e negativa do Brasil, é rico em informações suficientes, a ponto de autores com ideias distintas sobre o Brasil, encontrarem em *Life in Brazil* dados que alimentaram suas interpretações sobre o país.

Desvendar o homem por trás dos seus escritos de viagem tornou-se um esforço imprescindível para que pudesse compreender as imagens e representações contidas no discurso do viajante. Para tanto, tornou-se essencial a realização de uma análise de texto

³ Ver HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p.151

e contexto, cultura e política, bem como o cuidado de considerar a possibilidade de que diversos fatores poderiam dirigir ou censurar o olhar e a escrita do viajante (tais como idéias, interesses políticos ou credo religioso), limitando assim a expressão de suas impressões íntimas e impulsionando-o a escrever de modo a agradar a um determinado público.

A dimensão das influências que nortearam a escrita de *Life in Brazil* só puderam ser desveladas, como visto, a partir da mais ampla investigação possível de seus escritos, seu percurso profissional e seus valores. Por serem utilizadas como fontes primárias para a investigação histórica, faz-se necessário um olhar criterioso sob tais relatos, sem nunca perder de vista o fato de os mesmos serem constituídos também por muitas representações, como vem apontando a historiografia recente. A narrativa de viagem nos apresenta imagens matizadas pelo espírito da época e pela cultura do observador.

Diante do *diferente*, o viajante que nos chega não vem só. Muitos carregam consigo uma série de informações preconcebidas, que lhe servirão como base no momento de encontro com o *outro* e que certamente irá influenciar a forma como este indivíduo irá assimilar o mundo que se apresenta diante de seus olhos. Thomas Ewbank trouxe em sua bagagem um modo de ver que lhe deu segurança diante de novo e do imprevisível. Em outras palavras, se levarmos em consideração que os escritos de um autor revelam muito do que eles são, então podemos considerar que, como lindamente escreveu Fernando Pessoa, “a vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos.”⁴

⁴PESSOA, Fernando. *Livro de Viagem*. Lisboa: Guerra e Paz, 2009, p. 129.

FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

Publicadas

Ewbank, Thomas. *Life in Brazil our; a journal of a visit to the land of the cocoa and the palm*. New York: Harper & Brother, 1856.

_____. *Report of the Commissioner of Patents for the year 1851: Part II. Agriculture*, H.R Exec. Doc., No 102, 32d Congress, 1st Sess. 1 (1852)

_____. *The world a workshop: or, the physical relationship of man to the earth*. New York: Appleton & Company, 1855.p. v.

_____. Apêndice E - A description of indian antiquities brought from Chile and Peru, by the United States Naval Astronomical Expedition. In GILLIS, James Melville. *U. S. naval astronomical expedition to the southern hemisphere during years 1849, 50, 51, 52*. Vol. II, Washington: A.O.P. Nicholson Printer, 1855. pp. 111-150.

_____. Report upon the indian tribes. In *Explorations and surveys for a railroad route from the Mississippi river to the Pacific Ocean*. Washington, D.C.: War Department, 1855. pp. 43-53.

_____. State of indian art. In *Ethnological researches, respecting the red man of America*. Filadelfia: Linppincott, Grambo & Company, 1854, pp 438-458. Vol 4.

_____. *A descriptive and historical account of hydraulic and other machines for raising water, ancient and modern*. New York; D. Appleton and Company, 1842

_____. *Inorganic forces ordained to supersede human slavery*. New York: William Everdell & Sons, 1860.

_____. "Visit to the land of the cocoa and palm." In: *Harper's new monthly magazine*. N.XLII, Vol. 7, pp.723-746, Nov/1853

_____. "Sketches in Brazil". In: *Harper's new monthly magazine*, Vol. 10, May/1855.pp.721-735.

_____. "Sketches in Brazil". *Harper's new monthly magazine*, Vol. 11, Jun/1855.

Putnam's Montly Magazine of American Literature, Science and Art. "Editorial Notes – Literature: Ewbank's Sketches of Brazil". Vol. 0007, Issue 40, April, 1856, pp.436-7. Disponível em: [http:// digital.library.cornell.edu](http://digital.library.cornell.edu).

The New York Times. "Ewbank's assailants", publicado em 13/12/1852, p.6. Disponível em:<http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9E04E5D81231E13BBC4B52DFB4678389649FDE>

The New York Times. “The removal of Mr. Ewbank”. publicado em 11/12/1852, p.2. Disponível em <http://query.nytimes.com/gst/abstract.html?res=9804E5DC1438E334BC4952DFB4678389649FDE>

“Review of life in Brazil”. In *Graham's Magazine*, may/1856;

“Review of Life in Brazil”. In: *Knickerbocker Magazine*: may/1856

“Life in Brazil”. In: *Littell's Living Age* : out/1863.

Ata das reuniões do IHGB do ano de 1846. RIHGB, v.8, pp.152-156.

WILKES, Charles. *Narrative of the United States Expedition*. New York: G.P. Putnam & Co, 1856, vol.1, p.49. Disponível em www.books.google.com.br

O Auxiliador da Indústria Nacional. Rio de Janeiro: n. 1, nova série, vl. 1, 1846, pp.3-4.. Disponível para consulta no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro(IHGB).

Manuscritos

“Corveta americana Saratoga. Notas diplomáticas sobre a prisão de um oficial e alguns marinheiros da (ilegível) em novembro de 1846” Disponível para consulta no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) - Lata 108, documento 06.

BIBLIOGRAFIA

ADAS, Michael. *Machines as the measure of men: science, thecnology and ideologies of western dominance*. New Iork: Cornell University Press, 1989

ALENCASTRO, Luis Felipe. Vida Privada e ordem no Império. In: *História da vida privada no Brasil: Império: a corte e amodernidade nacional*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Latras, 2008.

AZEVEDO, Cecília da Silva. “A santificação pelas obras: experiências do protestantismo nos EUA”. *Revista Tempo*: Rio de Janeiro, n.11, pp. 111-129.

AZEVEDO, C. M. M. de. *Abolicionismo: Estados Unidos e Brasil, uma história comparada (século XIX)*. São Paulo: Annablume, 2003.

BAITZ, Rafael. *Imagens da América Latina na revista National Geographic Magazine, 1895-1914*. São Paulo: FFLCH-USP, Departamento de História, 2004.

- BANTON, M. *Racial Theories*. Cambridge: Cambridge University Press: 1998.
- BATE, William Allen Jr. *The writings and public career of Thomas Ewbank, United States Commissioner of Patents, 1849-1852*. Washington: George Washington University, 1979.
- BAYLIN, Bernard. Fontes e tradições, in *As origens ideológicas da Revolução Americana*. Bauru: Edusc, 2003.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1a. edição, 1998.pp.1107-1114.
- BORM, Jam. “Defining travel: on travel book, travel writing, and terminology” in HOOPER, GLENN; YOUNGS, Tim(ed). *Perspectives on travel writing*. Hants/Vermont: Ashgate, 2004.
- BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no século XIX. O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1998
- CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertland Brasil, 1990.
- DONNELLY, Jonh V. “Gênesis: The birth of the FDA in the Pattent Office”. Disponível em : <http://leda.law.harvard.edu/leda/data/341/donnelly.pdf> Acesso em: 15.10.2007.
- HOBSBAWN, Eric J. *A era das Revoluções: Europa (1789-1848)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. São Paulo: FFLCH-USP, Departamento de História, 2005.(mimeo)
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. RJ: José Olympio, 8a edição, 1954.
- FREYRE, Gilberto. *Ordem e Progresso*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2ª edição, 1962, 1º e 2º tomos.
- GEBARA, A. L. A. de. *A experiência do contato. As descrições populacionais de Richard Francis Burton*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas, USP, 2001.
- GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: História de uma polêmica: 1750-1900*. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.
- GOULD, S. J. *A falsa medida do homem*. 2. edição, São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HOBSBAWN, Eric J. *A era das Revoluções – 1789-1848*. RJ: Editora Paz e Terra, 1977.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 26a edição, 1995.

HOOPER, Glenn, and YOUNGS, Tim. *Perspectives on travel writing*. Hants/Vermont: Ashgate, 2004.

JUNQUEIRA, Mary A. "Ciência, técnica e as expedições da marinha de guerra norte-americana, U.S. Navy, em direção à América Latina (1838-1901)". In *Varia História*. Belo Horizonte: Departamento de História, Programa de pós-graduação em História, UFMG, vol. 23, n. 38, jul/dez 2007.

_____. *Ao Sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em seleções: oeste, wilderness e fronteira(1942-1970)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

LANDES, David S. *Pometeu Desacorrentado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa ocidental, desde 1750 até nossa época*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

LEITE, Miriam Moreira. *Livros de Viagem (1803-1900)*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MACHADO, Maria Helena P.T. A ciência norte-americana visita a Amazônia: entre o criacionismo cristão e o poligenismo degeneracionista. *Revista USP*, São Paulo, v. 75, p. 68-75, 2007.

MANNIX, Richard. "Albert Gallatin in Washington, 1801-183." *Records of the Columbia Historical Society*. Washington, D.C., vol.71q72, pp.60-80. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/40067770>.

MANTHORNE, Katherine. "O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX". In *Revista USP*: São Paulo: 1995.

MARTINS, Estevão Chaves de R.(Org). *Relações Internacionais: visões do Brasil e da América Latina*. Brasília: IBRI, 2003

MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos Viajantes: o olhar britânico (1800-1850)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MARX, Leo. *A vida no campo e a era industrial*. São Paulo: Melhoramentos, EDUSP, 1976

MORGAN, Edmund S. Escravidão e liberdade: o paradoxo americano. *Revista Estudos Avançados*, n.14(38), 2000.

NOVAIS, Fernando (coord.). *História da vida privada no Brasil: Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLSON, Richard G. *Science and scientism in nineteenth century Europe*. University of Illinois Press, 2008. pp.170-175.

PATERSON, T. Carl. *A social History of Anthropology in the United States*. Oxford & NY: Berg Publishers, 2001.

PESSOA, Fernando. *Livro de Viagem*. Lisboa: Guerra e Paz, 2009, p. 129.

POORE, Benjamin Perley. *Perley's Reminiscences of sixty years in the National Metropolis*. Philadelphia: Hubbard Brothers Publishers, 1886.

PRADO, Maria Ligia. *América Latina no século XIX. Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Edusp, 1999.

PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império – relatos de viagem e transculturação*. São Paulo: EDUSC, 1999.

RUBIÉS, Joan Pau. Travel writing and ethnography. In HULME, Peter and YOUNGS, Tim (Orgs). *The cambridge companion to travel writing*. Cambridge University press, 2002,

SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALVATORE, Ricardo D. The Enterprise of Knowledge: Representational Machines of Informal Empire. In LEGRAND, Catharine C.; SALVATORE, Ricardo D. (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of U.S. – Latin American Relations*. Durham: Duke University Press, 1998.

_____. *Imágenes de un Império. Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas instituições e a questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SELA, E. M. M. *Modos de ser em modos de ver: ciência e estética em registros de africanos por viajantes europeus (Rio de Janeiro-1808-1850)*. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, 2006.

SELLERS, Charles, MAY, Henry e MCMILLEN, Neil R. *Uma reavaliação da história dos Estados Unidos: de colônia a potência imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

STOCKING, G. W. Jr. *Victorian Anthropolgy*. New York: The Free Press, 1991.

THOMPSON, Eduard P. *Costumes em comum – estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOREAU, Henry David. *Walden, or, life in the woods*. Boston: Riverside Press-Cambridge, 1854.

TODOROV, Tzvetan. “A viagem e seu relato”. In *Revista de letras da UNESP*. São Paulo: vol. 46, n.1, 2006.

_____. *A conquista da América. A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes: 1996.

_____. A Tolerância e o intolerável. In: *As morais da História*. Portugal: Publicações Europa-América, 1991.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

VARGAS, Milton.(org.).*História da técnica e da tecnologia no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994.

VÁRIOS AUTORES. *Revista da USP*. (Dossiê Brasil dos Viajantes) São Paulo: n. 30, 1996.

VÁRIOS AUTORES. *Revista Brasileira de História*. (Dossiê Viagens e Viajantes). São Paulo: Anpuh/humanitas, vol.22, n.44, 2002.

VÁRIOS AUTORES. *Revista da USP*. (Dossiê intérpretes do Brasil- Anos 30), n.38, jun/jul/ago, 1998.

VIANA, Larissa. A mestiçagem como problema de investigação. Algumas considerações. In *O idioma da mestiçagem*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Martin Claret, 2008.

WHIPPLE, W.; EWBANK, Thomas; TURNER, Wm. W. Report upon the indian tribes. In *Explorations and surveys for a railroad route from the Mississippi river to the Pacific Ocean*. Washington, D.C.: War Department, 1855. p. 43-53.

WILLIAMS, Patrick e CHRISMAN, Laura, (org.). Colonial discourse and post-colonial theory. A introduction. In *Colonial discourse and post-colonial theory. A reader*. New York: Colúmbia University Press, 1994.

WOOD, Gordon. *The Creation of American Republic- 1776-1787*. 1998. University of North Carolina Press.